UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Departamento de Letras Orientais
Programa de Pós-Graduação em Língua, Literatura e Cultura Japonesa

***Nippongo* – Relatos do cotidiano e da língua *nikkei* num
livro didático de japonês do Brasil**

SIMONE FERNANDES FELIPPE NAGUMO

(Versão Corrigida)

São Paulo
2017

SIMONE FERNANDES FELIPPE NAGUMO

Nippongo – Relatos do cotidiano e da língua *nikkei* num
livro didático de japonês do Brasil

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Língua, Literatura e Cultura Japonesa do Departamento de Letras Orientais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Eliza Atsuko Tashiro
Perez

São Paulo
2017

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

N147n Nagumo, Simone Fernandes Felipe
Nippongo - Relatos do cotidiano e da língua nikkei
num livro didático de japonês do Brasil / Simone
Fernandes Felipe Nagumo ; orientador Eliza Atsuko
Tashiro Perez . - São Paulo, 2017.
196 f.

Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da Universidade de São
Paulo. Departamento de Letras Orientais. Área de
concentração: Língua, Literatura e Cultura Japonesa.

1. Livro Didático. 2. Ensino de Língua Japonesa .
3. Estrutura . 4. Léxico . I. Perez , Eliza Atsuko
Tashiro , orient. II. Título.

NAGUMO, F. F. Simone. *Nippongo – Relatos do cotidiano e da língua nikkei num livro didático de japonês do Brasil*. 2017.196f. Dissertação de Mestrado (Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Língua, Literatura e Cultura Japonesa do Departamento de Letras Orientais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Letras.

Aprovada em: / / 2017.

Banca Examinadora

Titulares:

Profa. Dra. Leiko Matsubara Morales - Instituição: Universidade de São Paulo (USP)

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Profa. Dra. Cecilia Kimie Jo Shioda - Instituição: Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP)

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Suplentes:

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

DEDICATÓRIA

A Deus, pela permissão da vida;
A meus pais, Pedro e Agda;
Ao meu querido esposo Keiji;
À minha filha Arissa e
Aos meus irmãos Aline e Mateus.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, por ter me dado a vida, por ter cuidado de mim e ter realizado meus sonhos.

Aos meus pais, pelo amor incondicional que sempre dedicaram a mim e pelas orações.

Ao meu esposo Keiji, pelo amor e carinho que sempre me deu; por me incentivar e me ajudar a correr atrás dos meus sonhos; por compreender minha ausência; pelo apoio nas horas de ânimo e dificuldades; e pela confiança de sempre; e pela logística de ir me buscar na USP.

À minha filha querida Arissa, pela paciência e a compreensão em abrir mão de muitos momentos para que eu pudesse realizar este trabalho.

Aos meus irmãos, Aline e Mateus, pelo carinho e incentivo.

À minha sogra, Maria Aparecida Nagumo, pela ajuda com a leitura em japonês.

À Prof^a Dra. Eliza Atsuko Tashiro Perez, pela sua indicação do tema e as sábias observações feitas na orientação deste trabalho e pelo respeito as minhas limitações.

À minha amiga Carolina Vicente e ao meu amigo Otávio, pela paciência, pela troca de ideias, comentários em me ajudar com suas correções e encorajamento.

Às minhas amigas Mie Shitara, Vera Haga e Célia Takeda pelas traduções.

Às minhas amigas de trabalho, Elaine Marques e Renata Cardozo, que me incentivavam em conciliar a minha jornada de trabalho com os meus compromissos acadêmicos.

Aos meus amigos Patrícia e John pelo incentivo e por sempre me escutarem nos momentos de angústia.

Às professoras Dra. Leiko Matsubara Morales e Dra. Cecília Shioda por seus conselhos significativos.

A todos, que, de uma forma ou outra, contribuíram para a realização desta dissertação.

RESUMO

NAGUMO, F. F. Simone. *Nippongo - Relatos do cotidiano e da língua nikkei num livro didático de japonês do Brasil*. 2017. 196f. Dissertação de Mestrado (Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

O objetivo deste trabalho foi o de apresentar e analisar os livros de 1 a 4 da série didática *Nippongo*, o primeiro livro de ensino da língua japonesa produzido no Brasil após a segunda guerra mundial, cuja idealização e elaboração teve um grande envolvimento da comunidade de imigrantes japoneses radicados no país. Projeto concebido após a derrota do Japão na guerra, quando os planos e sonhos dos imigrantes japoneses de retornar à sua terra natal foram destruídos e decide-se pela fixação no Brasil, o livro didático *Nippongo* reflete esse período de mudanças na vida dos japoneses e seus descendentes, os *nikkei*. Todo esse peso da história que o livro carrega foram discutidos em diversos textos acadêmicos e não acadêmicos. Este trabalho vai se limitar ao livro didático em si e aos livros de 1 a 4. A apresentação do *Nippongo* que pretendemos fazer neste espaço visou revelar o material ao olhar do presente, não para discutir sua adequação e eficiência pedagógica, ou não, mas para enxergar nele os reflexos do cotidiano dos nipônicos e, principalmente, da língua japonesa aqui usada – e aquela a ser ensinada –, em sua relação com o ensino do idioma no contexto particular do período compreendido entre meados dos anos de 1950 e meados de 1960. Definimos pela análise somente dos primeiros quatro livros da série devido à intenção explicitada, dos autores, de incorporar relatos do cotidiano dos estudantes – crianças e jovens *nikkei* –, muitas vezes narrados com a voz de uma criança. E também devido à inserção de palavras portuguesas, adaptadas à fonética japonesa e grafadas em fonossílabos *katakana*. Embora interessante do ponto de vista linguístico, essas palavras, que são uma característica de um japonês do Brasil – o qual será designado *koronia go* posteriormente – foram introduzidos apenas para tornar os textos familiares aos estudantes *nikkei* e seriam substituídas por equivalentes do japonês original.

Palavras-chave: Livro Didático. Ensino de Língua Japonesa. Estrutura. Léxico

ABSTRACT

NAGUMO, F. F. Simone. *Nippongo – Daily reports and Nikkei language in a Japanese textbook of Brazil. Master's dissertation* (Letters) – Faculty of Philosophy, Letters and Human Sciences, University of São Paulo, São Paulo, 2017.

The objective of this study was to present and analyze the books 1 to 4 of the *Nippongo* didactic series, the first Japanese language teaching book produced in Brazil after *World War II*, whose idealization and elaboration had a great involvement of the immigrant community Japanese people living in the country. Project conceived after the defeat of Japan in the war, when the plans and dreams of the Japanese immigrants to return to their homeland were destroyed and decided by the fixation in Brazil, the textbook *Nippongo* reflects this period of changes in the life of the Japanese and its Descendants, the *nikkei*. All this weight of the story that the book carries was discussed in several academic and non-academic texts. This study analyzes only books 1 to 4. The presentation of *Nippongo* that we intend to do in this space aimed to reveal material to the present, not to discuss its adequacy and pedagogical efficiency, or not, but to see in it the reflexes of the daily life of the Japanese and especially the Japanese language used here - and that to be taught - in its relation to the teaching of language in the context of the period between the mid-1950s and mid-1960s. We have defined by analysis only the first four books of the series due to the explicit intention of the authors to incorporate accounts of the daily life of the students - children and young *nikkei* -, often narrated with the voice of a child. and, due to the insertion of Portuguese words, adapted to Japanese phonetics and written in *Katakana* phonosyllables. Although interesting from a linguistic point of view, these words, which are a characteristic of a Japanese language from Brazil - which will be called *koroniago* later - were introduced only to make the texts familiar to *nikkei* students and would be replaced by equivalents of the original Japanese.

Keywords: Textbook. Japanese Language Teaching. Structure. Lexicon

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Capas dos livros Nippongo volumes 1,2, 3 e 4	52
Figura 2 – Folha de rosto dos livros <i>Nippongo</i> – 1, 2, 3 e 4.....	52
Figura 3 – Figura 3 – Imagens de contracapa dos livros <i>Nippongo</i> – 1, 2, 3 e 4.....	52
Figura 4 – Livro 3, p. 80 e 81.....	63
Figura 5 – Livro 1, p. 84 e 85	70
Figura 6 – Livro 1, p. 85	71
Figura 7 - Livro 1, p. 88	72
Figura 8 - Livro 2, p. 88.....	74
Figura 9 - Livro 3, p. 112.....	75
Figura 10 - Livro 4, p. 112	76
Figura 11 – Capa do Livro 1 em <i>katakana</i> , ニッポンゴ (<i>Nippongo</i>)	88
Figura 12 – Índice do livro 1, p. 2 e 3.....	88
Figura 13 – Livro 1, p. 4 e 5	89
Figura 14 – Livro 1, p. 14	89
Figura 15 (A) – Livro 1, p. 9.....	90
Figura 16 (B) – Livro 1, p. 6 e 7.....	91
Figura 17 – Livro 1, p. 22 e 23.....	92
Figura 18 – Livro 1, p. 37.....	93
Figura 19a –Omona kotoba do Livro 1, p. 84 e 85.....	95
Figura 19b –Omona kotoba do Livro 1, p. 82 e 83.....	96
Figura 20 – Livro 1, p. 10 e 11.....	97
Figura 21 – Livro 3, p. 91.....	98
Figura 22 – Livro 1, p. 11.....	99
Figura 23 – Livro 1, p. 12	100
Figura 24 – Livro 1, p. 34	100
Figura 25 – Capa do livro 2 em <i>hiragana</i> , にっぽんご (<i>Nippongo</i>)	101
Figura 26 – Índice do livro 2, p. 2 e 3.....	101
Figura 27 – Livro 2, p. 15	102
Figura 28 – Livro 2, p. 16	103
Figura 29 – Livro 2, p. 4 e 5.....	104
Figura 30 – Livro 2, p. 6 e 7.....	105
Figura 31 – Livro 2, p. 25	106
Figura 32 – Livro 2, p.12 e 13	107
Figura 33 – Livro 2, p. 18 e 19	108
Figura 34 – Livro 2, p. 32	109
Figura 35 – Livro 3, kakikata	110
Figura 36 – Livro 3, kakikata, p. 7.	110
Figura 37 – Livro 1, p.88	114
Figura 38 – Livro 1, p. 86	115
Figura 39 – Livro 3, p. 108 e 109	116
Figura 40– Livro 1, p. 86	117
Figura 41– Livro 1, p. 39.....	117
Figura 42 – Livro 2, p. 88.....	118
Figura 43 – Livro 2, p. 64.	118
Figura 44 – Livro 2, p. 88.....	119
Figura 45 – Sumário do <i>Nippongo</i> 1	120
Figura 46 – Livro 1, p. 8 e 9	120
Figura 47 – Livro 2, p. 24 e 25	121
Figura 48 – Livro 1, p 19	122
Figura 49 – Livro 1, p. 32 e 33	123

Figura 50 – Livro 1, p. 85	124
Figura 51 – Livro 3, p. 107	125
Figura 52 - Livro 1, p. 26	137
Figura 53 – Livro 2, p. 32	139
Figura 54 – Livro 2, p. 47	139
Figura 55 – Livro 4, p. 68 e 69	153
Figura 56 – Livro 4, p. 70 e 71	153

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Classificação do conteúdo de textos por Igarashi e Suenaga (com tradução)	56
Quadro 2 – Textos do grupo <i>Moji-Hyōki</i> do livro 1 – ocorrência de empréstimos	68
Quadro 3 – Textos do grupo <i>Moji-Hyōki</i> do livro 2 – ocorrência de empréstimos	68
Quadro 4 – Textos do grupo <i>Moji-Hyōki</i> do livro 3 – ocorrência de empréstimos	69
Quadro 5 – Textos do grupo <i>Moji-Hyōki</i> do livro 4 – ocorrência de empréstimos.....	69
Quadro 6 – origem do <i>hiragana</i>	82
Quadro 7 – origem do <i>katakana</i>	82
Quadro 8 – Tabela do silabário japonês <i>gojū onzu- Hiragana e Katakana</i>	83
Quadro 9 – sons <i>Dakuon</i> e <i>Handakuon (hiragana e katakana)</i>	84
Quadro 10 – sons de <i>Yōon- Hiragana e Katakana</i>	85
Quadro 11 – verbos e sua forma de uso	119
Quadro 12 – Empréstimos do português - Nippongo livro 1	136
Quadro 13 – Empréstimos do português - Nippongo livro 2	138
Quadro 14 – Empréstimos do português - Nippongo livro 3	140
Quadro 15 – Empréstimos do português - Nippongo livro 4	141
Quadro 16 - Nippongo 1	142
Quadro 17 - Nippongo 2	144
Quadro 18 - Nippongo 3	146
Quadro 19 - Nippongo 4	149
Quadro 20 – palavras que designam objetos e eventos típicos do Brasil	154
Quadro 21 – palavras do cotidiano rural e agrícola dos imigrantes e seus descendentes	155
Quadro 22- Outras palavras do cotidiano dos imigrantes e seus descendentes.....	156
Quadro 23 - Empréstimos e seus equivalentes em japonês	157

NOTAS

Para a transliteração das palavras japonesas ao alfabeto latino utilizamos o sistema Hepburn. No entanto, quando analisamos ou comentamos as palavras contidas no livro didático *Nippongo*, mantivemos a grafia original – em *katakana*, *hiragana* e/ou ideogramas – e acrescentamos, a transliteração e, quando necessário, a respectiva tradução.

LISTA DE ANEXOS

ANEXO A – NIPPONGO LIVRO 1, P. 46 E 47	180
ANEXO B – NIPPONGO LIVRO 2, P. 52 E 53.....	180
ANEXO C – NIPPONGO LIVRO 3, P. 30 E 31.....	181
ANEXO D – NIPPONGO LIVRO 4, P. 38.....	181
ANEXO E – NIPPONGO LIVRO 1, P. 62, 63, 64, 65 E 66.....	182
ANEXO F – NIPPONGO LIVRO 2, P. 42.....	183
ANEXO G – NIPPONGO LIVRO 3, P. 88 e 89.....	184
ANEXO H – NIPPONGO LIVRO 1, P. 88.....	185
ANEXO I – NIPPONGO LIVRO 1, P. 87	186
ANEXO J – NIPPONGO LIVRO 2, P. 88	187
ANEXO K – NIPPONGO LIVRO 2, P. 87	188
ANEXO L – NIPPONGO LIVRO 3, P. 112	189
ANEXO M – NIPPONGO LIVRO 3, P. 111	190
ANEXO N – NIPPONGO LIVRO 4, P. 112	191
ANEXO O – NIPPONGO LIVRO 4, P. 111	192
ANEXO P – NIPPONGO LIVRO 1, P.88	193
ANEXO Q – NIPPONGO LIVRO 2, P 88	194
ANEXO R – NIPPONGO LIVRO 3, P. 112	195
ANEXO S – NIPPONGO LIVRO 4, P.112	196

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1: INTRODUÇÃO – A motivação de nossa pesquisa 21

1.1. Pesquisas anteriores sobre a série <i>Nippongo</i>	22
1.2. Fundamentação teórica e métodos de pesquisa... ..	27
1.3. Métodos de pesquisa.....	30
1.4. O material de análise – A série didática <i>Nippongo</i>	31
1.5. A estrutura desta dissertação.....	33

CAPÍTULO 2: A SÉRIE DIDÁTICA *NIPPONGO* E SUA ELABORAÇÃO..... 36

2.1. Ensino da língua japonesa na colônia de imigrantes japoneses e de seus descendentes	37
2.2. Elaboração dos livros <i>Nippongo</i>	42

CAPÍTULO 3: SOBRE AS PARTES DOS LIVROS *NIPPONGO* 1 A 4.....50

3.1. Sobre os textos	55
3.2. Sobre a lista de palavras e o guia pedagógico.....	70

CAPÍTULO 4: SOBRE OS CARACTERES NOS LIVROS 79

NIPPONGO 1 A 4

4.1. Sobre os fonogramas <i>hiragana</i> e <i>katakana</i>	81
4.1.1. Ordem de introdução dos <i>kanas</i> nos livros <i>Nippongo</i>	86
4.2. Sobre os ideogramas nos livros <i>Nippongo</i>	111
4.2.1. Ideogramas: da China ao Japão	111
4.2.2. Levantamento de ideogramas nos livros <i>Nippongo</i>	113

**CAPÍTULO 5: EMPRÉSTIMOS DA LÍNGUA PORTUGUESA NO
NIPPONGO*..... 128*

5.1. Levantamento dos empréstimos do português na série didática <i>Nippongo</i>	142
5.2. Os empréstimos do português nos textos do <i>Nippongo</i>	152

CAPÍTULO 6: CONSIDERAÇÕES FINAIS160

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS168

GLOSSÁRIO175

ANEXOS178

CAPÍTULO 1

INTRODUÇÃO

A motivação de nossa pesquisa

-
- 1.1. Pesquisas anteriores sobre a série *Nippongo***
 - 1.2. Fundamentação teórica e métodos de pesquisa**
 - 1.3. Métodos de pesquisa**
 - 1.4. O material de análise – A série didática *Nippongo***
 - 1.5. A estrutura da dissertação**

O que motivou a escolha do tema deste estudo foi a atuação que tive, por quase 10 anos, na docência de língua japonesa na escola de uma comunidade de nipo-brasileiros de Indaiatuba, no Estado de São Paulo. O alunado era de idade diversa, desde turmas de crianças de 4 anos até adultos. Trabalhar numa escola dessas comunidade não se limita ao ensino somente da língua japonesa. Outras atividades são desenvolvidas pela escola e pela comunidade, das quais os docentes são obrigados a participar. Uma parte se assemelha às atividades que acontecem nas escolas japonesas do ensino primário, tais como aulas de desenho, concursos de redação, apresentações performativas (danças, teatro, canto etc.). Devido à realização dessas atividades, mas nunca perdendo de vista que a função principal era o ensino da língua japonesa, participei de grupos de estudos da própria escola e do conjunto de escolas da região, entre os quais um de material didático e também da elaboração de teste infantil de proficiência em língua japonesa – o *Kodomo Test*, atualmente chamado Exame de Língua Japonesa, desenvolvido pelo Centro Brasileiro de Língua Japonesa (CBLJ).

A série didática *Nippongo* me chamou a atenção por ser a última versão de um livro didático de japonês elaborado e publicado no Brasil (década de 60) que possui as características de um livro adotado nas escolas oficiais do Japão para o ensino de sua língua às crianças e jovens, chamado *Kokugo* (em tradução literal, língua nacional, mas designa a língua japonesa materna dos japoneses).

Na época de idealização e elaboração do *Nippongo*, já se vislumbrava que o ensino do japonês deveria ser tratada como ensino do japonês como língua estrangeira e essa percepção está presente nas discussões das personalidades¹ que conduziram os trabalhos até a sua publicação, mas o produto final incorporou muito pouco dessas inovações, que viriam a tomar corpo somente vinte anos depois.

Se os livros *Nippongo* são incompatíveis com o ensino de japonês que se pratica nos dias de hoje, valem não somente como documento histórico bem como uma fase da história do ensino da língua japonesa no Brasil registradas em palavras utilizadas pelos nipo-brasileiros nos anos de 1950 e o modo de viver dos imigrantes japoneses e seus descendentes no Brasil.

¹ Ando Zenpati, Chikashi Okazaki, Yoshio Takemoto e Kikuo Furuno (Membros da Comissão da Publicação do Livro Didático da Língua Japonesa)

1.1. Pesquisas anteriores sobre a série *Nippongo*

O ensino da língua japonesa no Brasil passa a despertar grande interesse dos pesquisadores nos anos de 1990. São estudos de pesquisadores brasileiros e japoneses, em forma de relatórios e artigos acadêmicos (cf. Suenaga 2005), além de dissertações e teses, dos quais citamos algumas obras, listadas abaixo. O sinal * indica que a tradução dos títulos foi feita por esta autora.

- ♣ Na época (1994) docente-pesquisadora da Universidade de São Paulo, Tae Suzuki escreveu o artigo – “Burajiru ni okeru nihongo kyōiku – Sanpauro daigaku wo chūshin ni (Ensino da língua japonesa no Brasil – Em torno da Universidade de São Paulo*)” – na publicação da The Japan Foundation, *Sekai no nihongo kyōiku* – Nihongo kyōiku jijō hōkoku hen 1 (Ensino da língua japonesa no mundo - Relatórios sobre o ensino do japonês 1*).
- ♣ No ano seguinte (1996), a também docente da Universidade de São Paulo, Lídia Masumi Fukasawa escreveu o artigo “85 shūnen o mukaeta Burajiru no nihongo kyōiku (85 anos do ensino da língua japonesa no Brasil*)”, no número 2 da mesma publicação da The Japan Foundation, *Sekai no nihongo kyōiku* – Nihongo kyōiku jijō hōkoku hen 2 (Ensino da língua japonesa no mundo - Relatórios sobre o ensino do japonês 2*).
- ♣ O texto de Hiromi Shibata é uma dissertação de mestrado defendida na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo em 1997: *As escolas japonesas paulistas (1915-1945): A afirmação de uma identidade étnica*.
- ♣ Professor de língua japonesa e importante líder educacional da comunidade nipo-brasileira, Reishi Moriwaki (1935-2015), escreveu a história do ensino da língua japonesa que foi traduzida em português e publicada em 2008 pela Editora da Unicamp: *História do Ensino da Língua Japonesa no Brasil*. Escreveu também dois artigos no periódico *Jinmonken* do Centro de Estudos Nipo-Brasileiros: “Nihongo kyōiku no rinen no henshen (Mudanças nas ideias sobre o ensino da língua japonesa*, 1998)” e “Nihongo kyōiku no rinen no henshen 2 (Mudanças nas ideias sobre o ensino da língua japonesa 2*, 1999)”.
- ♣ Pesquisador radicado no Brasil e docente da Universidade de São Paulo, Koichi Mori escreveu o artigo “Burajiru no nikkeijin no nihongo o meguru genjō to gensetsu – 1908nen kara 1980nen made (Situação atual da língua japonesa do nikkei do Brasil – de 1908 a 1980*, 2004)” no periódico do Programa de pós-graduação em Letras da Universidade de Osaka.
- ♣ Especialista em história das ideias filosóficas, o pesquisador japonês Isao Santo, da

Universidade Provincial de Osaka, escreveu o artigo “Burajiru nikkeijin no nihongo e no shiten” (Um ponto de vista sobre a língua japonesa do *nikkei* do Brasil*, 2003) e “1950 nendai no Burajiru no nikkei shakai to nihongo” (Língua japonesa da sociedade *nikkei* brasileiro dos anos de 1950*, 2005).

Mais recentemente, a docente da Universidade de São Paulo e especialista em linguística aplicada ao japonês, Leiko Matsubara Morales produziu a tese *Cem anos de imigração japonesa no Brasil: O japonês como língua estrangeira* (2009), defendida no Programa de Pós-Graduação em Linguística da mesma instituição.

Entretanto, os estudos que tratam diretamente do livro didático *Nippongo* são duas dissertações a partir das quais é possível recolher várias informações acerca do processo de idealização e elaboração do material e as quais justificaram, mesmo que parcialmente, a nossa pesquisa.

A dissertação de Sandra Terumi Suenaga, *Kyōzai kara miru Burajiru no nihongo kyōiku no henshen* (A mudança no ensino da língua japonesa no Brasil vista a partir dos materiais didáticos², 2005), defendida na Universidade de Waseda, Japão, é a primeira em que os livros didáticos *Nippongo* figuram como objeto de pesquisa. O interesse da pesquisadora era investigar, por meio de livros didáticos e também de artigos de jornais e boletins publicados no Brasil, o percurso do ensino da língua japonesa no país. Os livros didáticos analisados por Suenaga foram aqueles produzidos no Brasil, os quais foram organizados em três fases (que listamos abaixo), de acordo com o objetivo do ensino do idioma no Brasil defendido ou vislumbrado pelos professores e pessoas envolvidas com a educação de seus filhos.

1ª Fase: Educação para a formação do cidadão japonês:

2ª Fase: Educação para a formação de um *nikkei* – entendido como filho (ou neto) de imigrantes japoneses que recebia educação/instrução formal brasileira e se integraria à sociedade brasileira

3ª Fase: Educação de língua japonesa como língua estrangeira, destinada aos nipo-brasileiros (*nikkei*) e aos não-*nikkei*

Percebe-se pela dissertação de Suenaga (2005) que o ensino da língua japonesa nas

² Emprestamos a tradução feita por Inamura (2016).

primeiras fases acima discriminadas tinham o objetivo de dar formação humana também, motivo porque os livros didáticos foram elaborados para crianças e jovens. Devido a isso, os livros selecionados para a pesquisa toda, incluindo a terceira fase, foram aqueles destinados ao público infantil e juvenil, mesmo que se constate que a partir dessa época o ensino do japonês tenha se estendido para estudantes adultos, incluindo os que não tinham ascendência japonesa. Como bem situa Suenaga (2005, p. 64), trata-se do período em que o japonês passa a ser percebido, por uma boa parcela de nipo-brasileiros, não mais como língua materna, e vai se tornando uma língua estrangeira. E os elaboradores dos materiais didáticos tentaram acompanhar essa mudança, mudando o foco também da habilidade a ser enfatizada no ensino: da leitura e escrita para a produção oral.

Uma relação estreita do ensino da língua japonesa com a formação humana dos alunos caracterizou os primórdios da educação do japonês no Brasil. Até hoje o ensino do japonês em vários níveis pessoais (dos professores, pais e alunos) e institucionais (escolas e outras instâncias pedagógico-culturais da comunidade nipo-brasileira) possui resquícios dessa relação, perceptíveis, por exemplo, na associação que professores, alunos e seus pais fazem, muitas vezes inconscientemente, do estudo do japonês com questões de disciplina e de moral.

A pesquisa de Suenaga foi importante por situar historicamente – na história sócio-cultural e na história educacional da comunidade nipo-brasileira – a produção dos livros, dentre eles o *Nippongo*.

Outra pesquisadora que tratou diretamente do livro didático *Nippongo* é Hitomi Inamura.

Egressa do Programa de Mestrado em Língua, Literatura e Cultura Japonesa, Inamura é japonesa radicada no Brasil, e na sua dissertação *Nippongo – Os livros didáticos de língua japonesa para os descendentes de japoneses: uma análise do contexto de sua produção e do processo de estabelecimento de sua política editorial* (2016) focou somente nesse livro didático e pormenorizou o contexto de sua idealização, elaboração e publicação. A ênfase da pesquisa de Inamura foi nos acalorados debates e discussões que aconteciam no seio da comunidade nipônica no Brasil do pós-segunda guerra mundial sobre a educação dos filhos e netos de imigrantes, sobre o ensino da língua japonesa e da necessidade de se formular um livro didático próprio que refletisse a nova realidade – a fixação dos imigrantes e seus descendentes no Brasil e a necessidade de fazer parte da sociedade brasileira como um todo, abandonando o (auto-)isolamento.

Nessa pesquisa não apenas instituições são protagonistas de tal empreendimento. Pessoas são nomeadas e recebem voz nas discussões. São analisados os pontos de vista de

intelectuais japoneses que imigraram e que se preocupavam com a educação de seus descendentes – Zenpati Ando, Chikashi Okazaki, Yoshio Takemoto e Kikuo Furuno, sobre quem Hitomi Inamura tece suas considerações na dissertação. É sobre essas considerações de Inamura que fundamentamos nossas observações, das seções posteriores.

Para essa pesquisa, Inamura se vale de farta documentação constituída de artigos de jornais, periódicos e revistas publicados na comunidade japonesa, em japonês, do período entre fins da década de 1950 e meados de 1960.

Inamura mostrou os elementos que podem levar à “compreensão das raízes históricas e sociais dos modelos que ainda são perpetuados no ensino de japonês no Brasil” (INAMURA 2016), raízes essas que têm a ver com a também persistente identificação dos imigrantes japoneses e de seus descendentes com os costumes trazidos do Japão e aqui praticados, e com a cultura nipônica. Sobre o fato de o livro *Nippongo* possuir as características de um livro de um *kokugo*³ e priorizar o desenvolvimento da leitura e produção escrita em língua japonesa, Inamura busca explicação na situação de que muitos professores de língua japonesa nos anos de 1950 eram ainda seguidores da ideia de formação de um cidadão japonês pelo ensino da língua.

Nesta pesquisa, emprestamos de Suenaga (2005) e Inamura (2016) as valiosas informações sobre os vários pontos de vista acerca da educação geral dos descendentes desejada por pensadores da comunidade nipo-brasileira, e particularmente do ensino da língua japonesa.

A nossa pesquisa se baseou nessas informações no plano das ideias, dentre elas, analisar os tipos de textos que foram criados exclusivamente para fins didático-pedagógico, com o objetivo de ensinar a língua japonesa; a lista de palavras e a mensagem aos professores e aos pais; a ordem de introdução dos *kanas*, começando com *katakana*, na sequência *hiragana* e os ideogramas que foram ensinados desde o primeiro livro, sem a preocupação com o ensino de língua estrangeira, como no ensino atual. Ou seja, as escolhas dos ideogramas foram aleatórias, ensinados conforme foram surgindo nos textos e não havia a preocupação de ensinar a ordem de escrita, seja dos *kanas* e até mesmo nos ideogramas. Foi observado e feito um levantamento do uso dos empréstimos lexicais, que visava facilitar a compreensão dos textos pelo alunado. Buscou entender as escolhas feitas no livro didático *Nippongo* em si. E para isso, nos dedicamos a analisar a forma e o conteúdo dos livros de 1 a 4 desse livro.

Como veremos, os livros de *Nippongo* possuem as características físicas e de conteúdo

³ *Kokugo* é o nome da disciplina de ensino da língua japonesa como língua materna nas escolas do nível fundamental do Japão. O livro didático utilizado nessas aulas também leva o nome de *Kokugo*.

semelhantes aos livros didáticos *Kokugo* – ou sejam, os livros elaborados e editados para uso na disciplina *Kokugo* (em tradução literal, Língua Nacional, designação usada para se referir à língua japonesa como língua materna dos japoneses), das escolas do ensino oficial do Japão da época. No Brasil, conforme a pesquisa de Suenaga (2005), os livros publicados após o *Nippongo* abandonaram esse formato e passaram a adotar o ensino com sentenças-padrão, com palavras, ideogramas e oração dispostos em ordem crescente de dificuldade e complexidade, e o objetivo passou a ser o de desenvolver a produção oral. São os casos dos livros que começaram a ser elaborados a partir da década de 1980, como *Nippongo no kaiwa* (1981) e *Ichi ni san nihongo de hanashimashō* (1986).

Como já dissemos, é evidente que os livros da série *Nippongo* não são compatíveis com o ensino da língua japonesa hoje no Brasil. Os tempos são outros; os objetivos do ensino são outros; o público é mais variado. No entanto, trata-se de um documento que faz parte de um período da história do ensino do japonês no Brasil e também da própria história dos japoneses e seus descendentes no país.

1.2. Fundamentação teórica e métodos de pesquisa

Na área de ensino/aprendizagem da língua japonesa e sua história no Brasil, o papel da comunidade *nikkei*, entendido no sentido de reunião de imigrantes japoneses e seus descendentes, é de crucial importância, uma vez que essa comunidade foi responsável – única, no início – pela constituição de escolas, onde se desenvolveram as atividades de ensino/aprendizagem do idioma. A literatura sobre o assunto é farta, embora na seção anterior tenhamos listado somente alguns títulos.

Se a própria comunidade *nikkei* e seu patrimônio cultural tem sido, há vários anos, objeto de pesquisas em ciências humanas e sociais, a ininterrupta atividade da educação linguística – e também cultural – japonesa que deixou uma abundante documentação, de mais de um século, também vem sendo estudada há alguns anos.

Se atermo-nos aos livros didáticos de língua japonesa, vimos várias referências em pesquisas de japoneses e brasileiros, mas aquelas que tratam prioritariamente dos livros em si parecem ser Igarashi (1939, *apud* Suenaga 2005), Suenaga 2005 e Inamura 2016, comentadas anteriormente.

Esta dissertação é resultado de uma pesquisa documental e bibliográfica sobre a história da edição didática de língua japonesa no Brasil e pretende ser complementar aos trabalhos de Suenaga (2005) e Inamura (2016), selecionando como material de análise a série *Nippongo* e descrevendo e analisando a sua forma e seu conteúdo. Se para Suenaga (2005, p. 1) os livros didáticos – dentre eles a série *Nippongo* – são o material de análise sobre seus objetivos e processos de elaboração, para entender a história do ensino da língua japonesa no Brasil. A seleção desses materiais, recaiu sobre os livros dirigidos às crianças e jovens devido à ligação que o ensino do Japonês no Brasil tem com a educação dos filhos e netos de imigrantes. Para Inamura, por outro lado, busca entender os aspectos históricos e sociais, principalmente da comunidade japonesa no Brasil, do período em que se idealiza, debate e publica o livro, focalizando as discussões entre os intelectuais *nikkei*, muitos deles professores de língua japonesa, que experimentavam uma mudança brusca nos objetivos do ensino no Brasil, após a derrota do Japão na segunda guerra mundial que, por sua vez, minou com as perspectivas de retorno à vida no Japão, conforme citado nos trabalhos de Handa, 1970; Moriwaki, 2008; Morales, 2008 (*apud* INAMURA, 2016, p. 5). A sua pesquisa girou em torno das várias discussões publicadas nos jornais da comunidade japonesa de São Paulo.

Nesta pesquisa, buscamos apresentar nos livros do *Nippongo* incluindo a descrição física dos

quatro primeiros livros, a organização dos textos e uma tentativa de classificação em gêneros textuais. Abordamos também sobre a maneira que são utilizados os sistemas de grafia: *katakana*, *hiragana* e ideogramas e percebemos que não havia preocupação em ensinar a ordem de escrita, eram ensinados de forma aleatória e conforme apareciam nos textos. Serão analisados os empréstimos lexicais que foram inseridos nos livros para facilitar a leitura dos textos em japonês nos níveis mais básicos, pois seria uma estratégia de aproximar o texto dos aprendizes.

Parece-nos que é indiscutível a importância das bibliotecas como local também para abrigar uma documentação histórica, além da função de difundir conhecimento e de promover a interação do livro com o leitor/pesquisador, dos leitores/pesquisadores entre si, da biblioteca com o leitor/pesquisador, da biblioteca com o livro etc. De uns 45 anos para cá, os livros didáticos, antes negligenciados pelos pesquisadores e quase ausentes nas prateleiras das bibliotecas, passaram a ocupar o espaço de direito, devido ao fato de constituir fonte de pesquisa principalmente de historiadores e bibliógrafos, segundo Choppin (2004).

É na área de História da Educação que buscamos as discussões sobre uma pesquisa histórica/historiográfica dos livros didáticos e que fundamentaram os nossos estudos, mais precisamente no artigo do citado Alain Choppin, pesquisador francês do Institut National de Recherche Pédagogique – L'Histoire du livre et de l'édition scolaires: Vers un état des lieux, publicado na revista *Paedagogica Historica International Journal of the History of Education*, volume 38, de 2002 (pp. 20-49), o qual foi traduzido por Maria Adriana C. Cappello e publicado na revista brasileira *Educação e Pesquisa* v. 30, em 2004 (pp. 549-566), sob o título “História dos livros e das edições didáticas: sobre o estado da arte”. A nossa pesquisa foi feita a partir da tradução portuguesa.

Esse artigo é relevante para nossa pesquisa por dois motivos, que são:

- 1) sumaria a importância do livro didático sob diferentes aspectos, seja evidentemente como um instrumento de educação; como produto da indústria e mercado editorial; como meio de controle ou organização político-social; e também como fonte documental de pesquisa histórica, ideológica, pedagógica etc.
- 2) diante disso, traz para o debate a própria prática da pesquisa do livro didático, informando-nos de que se trata de uma área de investigação relativamente nova e que, consequência disso, ainda está diante de vários desafios.

Sobre as dificuldades de se fazer uma pesquisa histórica sobre livros e edições didáticas, Choppin resume-as em quatro. A primeira diz respeito à própria definição do livro didático, por ser um objeto evidente. A segunda dificuldade é, por ser um campo de investigação

relativamente nova, ter poucas obras de síntese e os resultados de pesquisa, muitos dos quais artigos em livros temáticos, estarem espalhados. A terceira dificuldade tem relação com a anterior, e é o fato de as pesquisas de livros didáticos terem aumentado exponencialmente nos últimos 30 anos, sem que tenham sido elaboradas obras de síntese. A quarta dificuldade é a barreira da língua. Embora em revistas especializadas se exija um resumo em inglês, sempre é preciso recorrer ao artigo completo redigido em línguas diversas e, como já se disse, nessa área muitos artigos constituem livros temáticos.

Apesar dessa complexidade, o historiador tenta uma análise do campo atual de pesquisas do livro didático, apontando algumas características. Lembra o grande peso que a publicação didática tem na economia das editoras e também dos países, destacando que no Brasil, desde o início do século XX até os anos 1990, o peso dos livros didáticos permaneceu grande, oscilando entre 66% e 61%. Outra característica das pesquisas históricas dos livros e edições didáticas, é a sua “juventude” (Mollier 1994, *apud* Chopin 2004, p. 551). O grande impulso em nível mundial se inicia nos anos de 1960, atingindo maiores níveis nos anos de 1980. O Japão, juntamente com a Alemanha, vem desenvolvendo pesquisas da história dos livros didáticos desde o fim da segunda guerra e, no Brasil, as investigações são mais recentes. Choppin aponta 6 fatores conjunturais e 4 estruturais (2004, p. 552) da abundância, juventude e dinamicidade das pesquisas dos livros didáticos. Dentre esses, destacamos um dos fatores conjunturais que é o “interesse de inúmeras populações em criar ou recuperar uma identidade cultural, devido a acontecimentos recentes como a descolonização, o desmantelamento do bloco comunista ou, ainda, ao recrudescimento de aspirações regionalistas e ao desenvolvimento de reivindicações provenientes de grupos minoritários”. No caso dos imigrantes japoneses e seus descendentes, antes da segunda guerra mundial, a busca era por uma identidade cultural de pertencimento ao Japão, mas após o conflito e derrota do país nipônico, esse objeto passa a ser nipo-brasileira, isto é, ser *nikkei* no Brasil. Não se tratou de um movimento de reivindicação a um poder central, mas engógeno, no interior da comunidade. O primeiro livro didático produzido após a segunda guerra tinha esse objetivo de formar um cidadão *nikkei*. Como visto por Inamura (2016), embora existissem as diferenças de opinião entre dos idealizadores e elaboradores do livro sobre detalhes, como por exemplo como ensinar o japonês e de questões propriamente de língua, parece que havia o consenso subjacente de que a identidade a ser buscada era a de ser *nikkei* como parte integrante da sociedade brasileira.

Uma das razões estruturais da grande produção científica desde os anos de 1960, principalmente a partir da década de 1980 apontada por Choppin (*idem*, p. 552 e 553) que salientamos é a multiplicidade das funções dos livros didáticos. A função referencial, também

denominada curricular ou programática, é a que reflete o período posterior à institucionalização do sistema escolar, pois o livro didático passou a constituir suporte privilegiado de ensino nas escolas.

A série didática *Nippongo* nasceu como proposta de um conjunto de professores de japonês no Brasil, mas atenderam o ensino em escolas não oficiais e muitas vezes sem programas curriculares definidas. Mas, por outro lado, *Nippongo* possui a função instrumental pois propõe métodos de ensino/aprendizagem, sugere exercícios e atividades que visaram uma competência linguística ou algumas delas. A terceira função do livro didático a que se refere Choppin (2004, p. 553) é a função ideológica e cultura e está diretamente relacionada com a formação e soberania dos estados nacionais no século XIX, do desenvolvimento de sistemas educacionais etc.. O livro didático, nessa função, passa a ser estudado como instrumento de construção de uma identidade e de doutrinação que interessam à classe dirigente. A última função, documental, é a capacidade que o livro didático de fornecer um conjunto de documentos – textuais ou icônicos – que possibilitariam o desenvolvimento de espírito crítico do aluno. As pesquisas de Suenaga (2004) e Inamura (2016) exploram primordialmente a função ideológica e cultural ao inserir o livro didático no contexto histórico da empresa migratória no Brasil e de formação da sociedade brasileira. A nossa pesquisa segue paralelamente essa tendência, mas não ignora a função instrumental, uma vez que tentamos uma análise de conteúdo dos livros de *Nippongo*. Devido ao fato de a elaboração, a comercialização/distribuição, o uso e finalmente o descarte de um livro didático envolver muitos agentes e de diversificadas qualificações, exigindo abordagens variadas de pesquisa, Choppin assume que essa multiplicidade provocaria a publicação de artigos de pesquisa isolados.

1.3.Métodos de pesquisa

O nosso material de pesquisa é a série didática *Nippongo*, da qual selecionamos os livros 1, 2, 3 e 4. Formulado em fins dos anos de 1950 e publicadas as primeiras edições na primeira metade dos anos de 1960, o *Nippongo* já pode ser tratado como documento histórico, pois faz parte da história dos imigrantes japoneses e seus descendentes no Brasil e, principalmente, da história do ensino da língua japonesa no país.

Nippongo é uma fonte histórica e uma fonte escrita. Por isso, esta pesquisa é documental e bibliográfica, com análise de conteúdo dos livros de 1 a 4 da série didática

Nippongo, e foi realizada segundo os métodos que descrevemos a seguir.

Com a finalidade de traçar o quadro histórico de elaboração dos livros da série *Nippongo*, será feita a leitura das fontes secundárias que compreendem livros que tratam da imigração japonesa no Brasil especialmente do período após a segunda guerra mundial quando, com o Japão derrotado, as esperanças de volta das famílias japonesas e nipo-brasileiras se esvaem.

A apresentação geral da estrutura dos livros de *Nippongo* será feita após descrição da forma – o número de páginas, a disposição dos textos para leitura; os temas dos textos, a forma de enunciação das questões de prática e também dos tópicos de explicação de conteúdo dos textos ou de tópicos especiais de língua – e de conteúdo – gênero dos textos e temas dos mesmos, associando-os com as ilustrações e fotos. Os temas dos textos merecerão comentários que expliquem a relação com a cultura, história e sociedade brasileira/nipo-brasileira e japonesa.

A pesquisa de questões linguísticas será feita da seguinte maneira:

- Os ideogramas *kanji* serão analisados quanto à primeira aparição como tópico de estudo e fixação, associados às palavras por ele formados. Compararemos com a ocorrência dos ideogramas com as propostas apresentadas e defendidas pela comissão elaboradora do *Nippongo*.
- Sobre a adoção do sistema de escrita do *kana* (letras silábicas), analisaremos o seu uso conforme as normas de ortografia propostas pela comissão elaboradora e as vigentes no Japão, em especial para a transcrição de palavras brasileiras.
- No estudo do léxico de *Nippongo*, privilegiaremos os empréstimos lexicais. Após listados em tabela, discutiremos as eventuais explicações, nos volumes de *Nippongo*, sobre o significado e uso desses itens lexicais.

A pesquisa é documental pois a nossa fonte, *Nippongo*, é de “primeira mão”, ou seja, uma fonte primária.

1.4. O material de análise - A série didática *Nippongo*

A série de livros *Nippongo* consiste em um conjunto de materiais impressos composto por doze volumes para o ensino de japonês no Brasil cuja elaboração ocorreu após a segunda guerra mundial.

Naquele momento, especialistas no assunto acreditavam que o ensino da língua japonesa aos descendentes *nikkei* apresentava “problemas” e carecia de novas diretrizes. Era preciso elaborar um livro didático para os membros dos núcleos de imigrantes japoneses no Brasil – comumente referidos como *koronia* ou colônias –, ou seja, com conteúdo baseado no cotidiano

brasileiro adequado aos descendentes e que tivesse a inserção de aspectos culturais do Brasil e do Japão, histórias infantis e educação moral. Os textos começariam pelos de menor complexidade. No caso dos livros 1 e 2, os textos são desde alguns vocábulos progredindo aos textos mais extensos que exigem maior grau de compreensão lexical e de ideogramas pelos aprendizes. Os temas refletem tanto o contexto cultural e social brasileiro, quanto o japonês.

Concernente à aprendizagem da escrita, foi proposto que o livro didático se iniciasse com o fonossilabário *kana*, sendo primeiramente o do *katakana* e na sequência o do *hiragana*. Quanto aos caracteres chineses *kanji*, o livro didático teria uma quantidade maior desses ideogramas comparativamente aos livros oriundos do Japão. Outro ponto relevante em sua proposta é a de que fosse um livro didático que pudesse ser utilizado tanto por descendentes *nikkei* quanto por não descendentes (na língua japonesa do Brasil, usa-se *hinikkei* para se referir às pessoas sem ascendência japonesa, quando em oposição aos descendentes).

Quanto a sua forma, todos os doze livros da série possuem a mesma estrutura física e se constitui de:

- capa/ página de rosto
- índice ou もくじ [*mokuji*];
- textos para leitura

E na parte final desses doze livros, esses se apresentam conforme sequencia abaixo:

- contracapa
- ficha bibliográfica
- 先生と父母へ [*Sensei to fubo e*, Ao professor e aos pais]
- 内容について [*Naiyō ni tsuite*, Sobre o conteúdo]
- おもな ことば [*omona kotoba*, literalmente, palavras essencias] é uma lista de palavras que ocorrem nos textos
- あたらしい かんじ [*atarashii kanji*, novos ideogramas] é uma lista de ideogramas a ser aprendidos pelos estudantes.

Dentre as partes de cada livro, nesta dissertação mostraremos as capas, as folhas de rosto e as contracapas e detalharemos os textos de leitura, as seções “Ao professor e aos pais”, a lista de palavras e de ideogramas que compõem cada livro, de 1 a 4.

1.5. A estrutura desta dissertação

Este estudo apresenta-se estruturado em 5 capítulos, sendo este primeiro o Introdutório, no qual apresentamos o desenvolvimento desta pesquisa. Dispomos o conteúdo resultante de nosso estudo em quatro capítulos. No capítulo 2 apresentamos um breve panorama do ensino da língua japonesa na colônia de imigrantes para descendentes; a série didática e sua estrutura básica. No capítulo 3 discorremos sobre o contexto do processo de concepção e elaboração e a distinção que cada livro didático apresenta no que toca ao conteúdo e proposta de cada livro. Faremos a apresentação do léxico no capítulo 4 mostrando sua disposição no livro didático enfocando os fonogramas, *hiragana* e *katakana* e peculiaridades concernentes a sua ordem de introdução. No capítulo 5, abordaremos a presença dos empréstimos lexicais (*koroniago*)⁴ encontrada no livro didático. No capítulo 6 apresentamos as considerações finais de nosso trabalho e no sétimo as obras que serviram de referências. O glossário foi elaborado para facilitar a compreensão de termos abordados nesta dissertação. O anexo, apresenta algumas narrativas que foram inseridas dentro da dissertação no capítulo 3.1 sobre os tipos de textos.

Para análise neste estudo tomaremos como referência apenas os livros de 1 a 4 da série *Nippongo*, nossa fonte primária. Estes passaram a ser utilizados nas escolas de japonês em 1961 por professores que buscavam uma nova proposta de ensino de língua japonesa. Baseamo-nos nas pesquisas de Suenaga (2005) e Inamura (2016) que valeram-se desta lacuna de poucas considerações acerca do material didático que também aqui nos propomos a analisar. Em maio de 2013, após chegarmos a definição sobre qual livro iríamos analisar, iniciamos a busca pelos materiais originais que serviram de base para este estudo.

Através do contato familiar *nikkei* do conjugue da pesquisadora obtivemos os livros originais 2, 3 e 4. Não obtivemos, contudo, o livro 1 que foi localizado na biblioteca da escola de japonês da Associação Nipo-Brasileira de Tupã. Os materiais obtidos foram digitalizados para que pudessem ser preservados e para reduzir os efeitos do manuseio, uma vez que são livros antigos já em estado de deterioração.

A análise do material é feita levando-se em consideração quatro aspectos: o contextual, o de estruturação, o de abordagem de fonogramas e o aspecto lexical. No aspecto contextual, buscamos trazer informações relevantes sobre o ensino de japonês no Brasil no momento da publicação do material, tendo como base as contribuições de Moriwaki e Nakata (2008) e

⁴ De acordo com Inamura (2016) o *koroniago* é língua falada e escrita pelos imigrantes japoneses no Brasil. Sua característica maior é o uso de palavras emprestadas tanto do português quanto do japonês

Morales (2008). Quanto ao aspecto estrutural analisamos visualmente a forma de divisão dos livros em capítulos e a forma de distribuição e apresentação dos conteúdos em subitens e nos baseamos com as contribuições de Suenaga (2005) e Inamura (2016). No que tange à abordagem dos elementos fonográficos do japonês no material, levantamos informações a respeito do sistema de escrita japonesa e sua história, afim de localizarmos estes elementos no material; por fim analisamos a presença dos empréstimos lexicais, linguagem típica falada nos núcleos de imigrantes denominado *koroniago* (literalmente língua da colônia), através de Ota (1993) uma mescla de português e japonês da época que acabou refletindo-se no material analisado.

CAPÍTULO 2

A SÉRIE DIDÁTICA *NIPPONGO* – SUA ELABORAÇÃO

2.1. Ensino da língua japonesa no núcleo de imigrantes japoneses e de seus descendentes

2.2. Elaboração dos livros *Nippongo*

2.1. Ensino da língua japonesa no núcleo de imigrantes japoneses e de seus descendentes

Quando se trata de narrar a história do ensino da língua japonesa no Brasil, consideramos que dois trabalhos são essenciais aos leitores em língua portuguesa. São as seguintes.

- ⇒ O livro *História do ensino da língua japonesa no Brasil*, escrito pelo professor Reishi Moriwaki e pela professora Michiko Nakata, inicialmente escrito em japonês foi traduzida pelas professoras de japonês do Centro de Línguas da Universidade de Campinas, Maria Emiko Suzuki e Fumiko Takasu (MORIWAKI; NAKATA 2008)
- ⇒ A tese de doutorado *Cem Anos de imigração japonesa no Brasil: O japonês como língua estrangeira*, da professora doutora da Universidade de São Paulo, Leiko Matsubara Morales (MORALES 2009)

Ambos são do ano do centenário da imigração japonesa no país e podem ser lidos em língua portuguesa. É principalmente a partir destas obras que recontamos, de forma breve, esse percurso de mais de um século.

Essa incursão será, no entanto, bastante parcial, pois o foco será dado nas décadas de 1950 e 1960, período de concepção e confecção do *Nippongo*.

Como apontam os estudos de Moriwaki e Nakata (2008) o ensino de língua japonesa no Brasil inicia-se com a imigração japonesa no país, após a chegada de japoneses e suas famílias em 18 de junho de 1908. Assim, o surgimento das *Nihongakkô*⁵ (literalmente, escola japonesa), está ligado à “formação de núcleos agrícolas de imigrantes, cuja organização era normalmente coordenada por associações de japoneses (chamadas *Nihonjinkai*) ou associações de pais (denominadas *Fukeikai*), sendo que essa estrutura ainda se mantém em algumas comunidades” (MORALES, 2012, p.187).

Nesta parte do trabalho apresentamos o contexto do ensino de japonês no Brasil no momento da concepção do livro didático *Nippongo*, ou seja, os anos de 1950 a 1960.

Moriwaki e Nakata (2008) dividem a história do ensino de língua japonesa no Brasil em três momentos: o primeiro deles compreende o período antecedente à segunda guerra mundial (1908-1941), o segundo, contido no íterim entre o fim da segunda guerra mundial e a década

⁵ Aqui nos referimos às escolas construídas pelos próprios moradores dos núcleos de imigrantes para a manutenção da educação escolar japonesa aos seus filhos seguindo os padrões da escola do Japão.

de 80 (1946-1980), e o terceiro, entre as décadas de 1980 e 1995.

Os autores asseveram que o primeiro período, também intitulado como Pré-Guerra, se inicia com a chegada dos primeiros imigrantes japoneses às terras brasileiras, em 1908. Essa população chegou ao Brasil na condição de colono⁶. Takeuchi (2011) observa que naquela época havia um problema de reposição de mão de obra na lavoura cafeeira, principal produto da economia nacional, devido à “Abolição da Escravatura” o que, naquele tempo, estimulou a política migratória de importação de mão de obra estrangeira, especialmente a de europeus, e “tentou-se também o estabelecimento de um fluxo imigratório de asiáticos” (BUENO, 2008, p.140). Doi (2006) afirma que o ensino de língua japonesa no Brasil se inicia nesse contexto de imigração, a partir da intenção dos imigrantes japoneses de educarem seus filhos à maneira nipônica, pois nutriam o desejo de retornar brevemente à sua terra natal com frutos prósperos obtidos nas lavouras brasileiras.

Nesses primeiros anos, a língua japonesa era transmitida às crianças como Língua Materna, com o intuito de formar cidadãos com mentalidade e identidades japonesas. Morikawi e Nakata (2008) observam que muitos dos japoneses imigrantes carregavam consigo uma consciência nacional ainda muito atrelada ao regime feudal do Japão, o que dificultava os japoneses a entenderem sua condição de imigrante e adaptar-se à cultura local. Dessa forma, supunham que a educação para “formação de japonês” era a mais adequada.

Em meados dos anos 1920, findo os contratos de trabalho firmados junto aos fazendeiros brasileiros, os colonos japoneses começaram a se organizar em pequenas comunidades para trabalhar como agricultores independentes. Nesse momento, identificam-se os primeiros movimentos de formação de colônias de imigrantes japoneses e, com elas, a fundação das primeiras escolas de língua japonesa. Morales (2009) aponta alguns aspectos concernentes ao ensino nessas escolas japonesas que chamou de comunitárias. Inicialmente, devido à constante expansão e retração das colônias a que estavam atreladas, as escolas variavam muito quanto à infraestrutura e organização de cada núcleo de imigrantes. Dessa forma, em grande parte dos casos, erguia-se uma estrutura mínima para abrigar as iniciativas de educação dos imigrantes, havendo diferenças notáveis entre as escolas japonesas comunitárias da zona rural daquelas pertencentes à zona urbana.

Morikawi e Nakata (2008) localizam na década seguinte, 1930, o período de maior

⁶ Grupo de pessoas que migram e se fixam em outro país, ou em outra região de seu país, às vezes como colonizadores, e ger. mantendo seus costumes originais (língua, cultura etc.); o lugar em que se fixam e onde habitam: *a colônia de italianos em São Paulo: a colônia cearense do Rio de Janeiro*. Cf. Aulete Digital <http://www.aulete.com.br/col%C3%B4nia>, acessado em 31/07/2017.

expressividade do ensino de língua japonesa na fase pré-Guerra, uma vez que o número de escolas de língua japonesa registradas saltou de 187 em 1933, para 437 no ano de 1938. Em vista disso, os autores afirmam ser esse o período áureo da história do ensino de língua japonesa no Brasil. Esse ápice é atribuído, entre outros fatores, ao desenvolvimento e à estabilidade econômica adquirida pelos japoneses, bem como à participação do governo japonês estabelecendo diretrizes educacionais para as atividades de ensino desenvolvidas no Brasil (MORALES, 2009, p.42).

Contudo, esse contexto de valorização do ensino da língua japonesa começa a sofrer abalos em meados dos anos 1938. Mediante restrições impostas pelo governo Vargas, ocorre o banimento da língua japonesa de 1941 a 1945, em virtude da tomada de posição do Brasil como inimigo dos países do Eixo, formado por Japão, Alemanha e Itália durante a segunda guerra. Morales (2009) observa que nesse período, a língua japonesa era ensinada de maneira clandestina, de pai para filho, em pequenos grupos e em lugares secretos, a fim de manter-se fora do alcance da vigilância dos oficiais do governo brasileiro.

Com o fim da guerra, inaugura-se o segundo marco histórico para o ensino de japonês no Brasil: o período pós-guerra (1946-1980). Esse momento é marcado por grandes acontecimentos em ambos os países, com reflexos visíveis na população imigrante que permanece no Brasil, e dá continuidade às atividades iniciadas por seus antepassados. O primeiro deles diz respeito à decisão de muitos imigrantes japoneses de permanecer definitivamente em solo brasileiro. Além disso, o pós-guerra provoca a mudança no governo brasileiro, saindo de um regime ditatorial para uma política mais democrática, acompanhada do reestabelecimento das relações diplomáticas entre o Brasil e o Japão. Cumpre ressaltar ainda, que o pleno desenvolvimento econômico evidenciado no Japão, outro reflexo visível, contribuiu significativamente para uma mudança de paradigma em relação ao ensino de língua japonesa no Brasil (MORIWAKI; NAKATA, 2008).

Ao longo da década de 1950 observa-se o florescimento expressivo da valorização da cultura japonesa em solo brasileiro, com o surgimento de grupos institucionalizados dedicados a tal atividade. Em 1954, os imigrantes japoneses organizam a Federação das Escolas de Ensino do Japonês no Brasil (*Nichigakuren* – 1954-1988), a Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa *Burajiru Nihon Bunka Kyōkai* – 1955) e a atual Aliança Cultural Brasil – Japão (*Nichibunren* – 1956). Posteriormente esses grupos unem-se para a formação de um centro de referência em estudos linguísticos e culturais japoneses – o atual Centro Brasileiro de Língua Japonesa, em 1985 (MORALES, 2008).

Esses grupos tinham como interesse, entre outras atividades, promover cursos de língua

e cultura japonesas, aprofundar e facilitar o intercâmbio cultural entre Brasil e Japão, além de difundir livros didáticos de língua japonesa, realizar e publicar pesquisas relativas à difusão da língua japonesa no Brasil, bem como melhorar o nível de proficiência dos professores de língua japonesa (MORIWAKI; NAKATA, 2008). Nesse sentido, pode-se observar que no período pós-guerra, diferentemente da fase anterior, a língua japonesa adquire uma relevância nunca antes identificada. Ela deixou de ser uma língua restrita à população das colônias, ensinada somente nas escolas japonesas comunitárias ou clandestinamente, para ser valorizada e reforçada por meio de esforços institucionais para disseminação e fortalecimento dos laços de ancestralidade com a língua entre os descendentes japoneses. Mukai (2012) assevera que, no período pós-guerra, a língua japonesa passa a ser ensinada como língua de herança (LH) entre os imigrantes e seus descendentes, diferindo, portanto, do processo de ensino como língua materna (LM) identificado inicialmente nas colônias japonesas do Brasil.

Essa mudança em relação ao ensino de japonês evidencia a própria mudança na identidade e na consciência dos descendentes nascidos no Brasil. Moriwaki e Nakata (2008) pontuam que as novas gerações de descendentes que nasceram no pós-guerra se mostravam cada vez mais conscientes de sua cidadania brasileira, aumentando a distância com a identidade japonesa. Essa mudança é motivadora para o surgimento de um terceiro momento no ensino da língua japonesa: a etapa que compreende os anos de 1980 a 1995. Nesse recorte, as relações bilaterais entre o Brasil e o Japão se intensificaram em virtude do fortalecimento econômico do Japão, bem como por mudanças observadas no perfil dos descendentes residentes no Brasil.

Moriwaki e Nakata (2008) observam que a partir dos anos de 1980, ocorreram muitos casamentos entre descendentes de japoneses e brasileiros, bem como a diversificação dos tipos de profissões exercidas por aqueles. Esses fatores, aliados à mudança de perspectiva sobre a aprendizagem da língua japonesa, criaram a oportunidade de ampliação dos horizontes da comunidade nipônica para bases não vistas anteriormente. Nesse momento, os descendentes não aprendiam a língua por razões puramente culturais e identitárias, mas para comunicação em família e na comunidade, assim como para o trabalho e estudo no Japão.

A abertura das portas do Japão para que os descendentes de japoneses fizessem o movimento inverso de seus ancestrais, indo ao Japão para trabalhar nas fábricas e montadoras como trabalhadores decasségui⁷ na crescente economia japonesa, motivou as novas gerações

⁷ O movimento decasségui tem sua origem no Japão e termo significa “trabalhar fora de casa”. No Japão, referia-se a trabalhadores que saíam temporariamente de suas regiões para outras mais desenvolvidas do país. No contexto brasileiro são brasileiros de origem japonesa, ou seus cônjuges, que migram para o Japão. O movimento de emigração começou em meados da década de 1980, devido à situação econômica do Brasil, tais como a inflação explosiva e os baixos salários pagos naquela época.

a aprenderem a língua de seus antepassados para se comunicarem por lá e conseguirem oportunidades melhores de emprego e sustento. Além disso, observamos nesse período o surgimento do embrião dos produtos culturais japoneses que dariam origem à atual cultura *pop* japonesa, com suas revistas em quadrinhos e seus desenhos animados repletos de animações e efeitos, os quais despertaram a atenção de muitos jovens e os motivaram a iniciar os estudos de língua japonesa.

Dessa forma, nesse período compreendido inicialmente nas décadas de 80 e 90, observamos o crescimento de uma nova forma de enxergar a língua japonesa, agora entendida não somente como uma Língua de Herança para os descendentes, mas também como Língua Estrangeira para muitos brasileiros desejosos em entender com propriedade os quadrinhos e desenhos japoneses. Curioso ressaltar que esse interesse pela cultura *pop* japonesa como fator motivador para estudar a língua japonesa se mantém até hoje, tendo sido apontado por muitos aprendizes como mostram os estudos de Ueda e Morales (2006).

Do exposto, é possível afirmar que, atualmente, a língua japonesa é ensinada como língua estrangeira (MUKAI, 2012), sendo que muitos professores e aprendizes não possuem descendência japonesa. Para grande parte desse público, a língua japonesa é a língua dos quadrinhos e das animações, devendo ser apreendida sob a perspectiva de uma língua exterior aos contextos de convívio e aprendizagem. Em vista disso, pelo breve panorama do ensino de língua japonesa traçado na presente seção é possível observar mudanças de percepção em relação à língua japonesa, bem como sobre os processos de ensino-aprendizagem da língua, mas sobretudo, uma mudança de perfil dos aprendizes, o qual acompanhou mudanças sociais e históricas tanto no Brasil, quanto no Japão, revelando a estreita relação que ambos os países estabeleceram ao longo de um largo processo de alianças culturais e econômicas.

De todos os momentos aqui apresentados, esta pesquisa tem como prioridade se situar no período pós-guerra (1946-1980), pois foi neste momento que ocorreu a publicação dos volumes do livro didático *Nippongo*.

2.2. Elaboração dos livros *Nippongo*

Como visto no tópico anterior, o ensino de língua japonesa no Brasil tem uma história de mais de 100 anos e pode-se observar, através desse processo, uma mudança em relação ao ensino da língua e na elaboração de livro didático para este fim.

Em sua pesquisa, Suenaga (2005) destaca os livros publicados no Brasil durante estes 100 anos de imigração japonesa no país, levando em consideração o ano em que cada um foi publicado e o público-alvo. Nessa investigação, a pesquisadora faz uma breve apresentação dos livros didáticos listados a seguir por ordem de ano de publicação:

- 1937- 日本語読本 [*Nihongo toku hon*];
- 1961- にっぽんご [*Nippongo*];
- 1981- にほんごかいわ [*Nihongo kaiwa*];
- 1981- 一、二、三にほんごではなしまししょう [*Ichi, ni, san nihongo de hanashimashô*];
- 1986 (nova revisão) 一、二、三にほんごではなしまししょう [*Ichi, ni, san nihongo de hanashimashô*];
- 1991- ジャカラнда [*Jyakaranda*⁸];
- 1993- イペー [*Ipê*];
- 1995-1996- パイネイラ [*Paineira*];
- 1998-1999- ジュニア版にほんご [*Jyunia ban nihongo*];
- 1992- きそにほんご [*Kiso nihongo*].

Como há escassez de estudos concernentes à elaboração de livro didático de japonês para o contexto brasileiro, Suenaga (2005) elegeu como base contextual do desenvolvimento de sua pesquisa sete jornais das épocas analisadas e fixando nos seguintes períodos:

- Antes da segunda guerra: *Notícias do Brasil*; *Nikkei Shinbum*; *Seishû shinpô*;
- Após a segunda guerra: *São Paulo Shinbum*; *Paulista Shinbum*; *Nikkei Mainichi Shinbum*; *Nikkei Shinbum*.

As informações constantes nos artigos de jornais permitiram à pesquisadora compreender o processo de mudança na composição dos materiais didáticos. Alguns professores especialistas em educação perceberam que o ensino não condizia com a realidade

⁸ Seguimos fonte original

aqui vivida pelos imigrantes. Foi quando se decidiu que o que antes era ensinado aos descendentes como língua materna, no pós-guerra deveria passar a ser ensinado como língua estrangeira.

Na década de 1950, surge o questionamento a respeito da inadequação do uso de livro didático japonês no contexto brasileiro. A partir de então, apareceram vozes que defendiam a necessidade da confecção de livros que fossem mais adequados ao propósito do ensino da língua japonesa em território brasileiro. De acordo com Inamura (2016) havia muita discussão de como deveria ser o livro didático de língua japonesa para uso nas colônias de imigrantes japoneses. Muitos formadores de opinião e imigrantes em geral criticaram as séries de livros didáticos já existentes, mas foram poucos os que apontaram uma solução ou a concepção apropriada para um livro didático destinado ao público alvo deste núcleo de imigrantes. Dentre estes nomes que se destacaram como importantes influenciadores na elaboração do novo livro didático foram, segundo Inamura (*Idem*): Ando Zenpati, Chikashi Okazaki, Yoshio Takemoto e Kikuo Furuno⁹.

Ando tinha diversas opiniões, mas de acordo com seus argumentos eram dois os principais fios condutores na elaboração do livro didático:

- 1) de que é necessário diminuir a quantidade de ideogramas a ser ensinada – já que o foco excessivo do ensino de ideogramas poderia se tornar um empecilho no processo de aprendizagem de questões básicas da língua japonesa; e
- 2) de que, para que seja possível a transmissão cultural realizada pela interação entre os *issei* (japoneses imigrantes) e os *nisei* (filho de imigrante) seria ideal o trabalho na aquisição das habilidades da fala e da escrita (esta última com o uso de poucos ideogramas, mas que permita a expressão de sentimentos), sendo que o objetivo do ensino não teria como foco a leitura dos textos.

Okazaki, defendia a ideia do aumento da quantidade de ideogramas para fins educacionais¹⁰ e dos ideogramas de uso diário¹¹. Em relação ao conteúdo, sugeriu a inserção de textos relacionados à disciplina Estudos Sociais, mas não detalha como seria inserido este

⁹ Ando Zenpati – jornalista e editor no Jornal nipo-brasileiro; redator na revista *Esperança*
Chikashi Okazaki – professor de língua japonesa na escola Shunju Hodoen (BUNKYO, agosto de 1959), diretor geral e vice-presidente do conselho de administração da Nichigakuren – Federação das escolas da língua japonesa do Brasil (NICHIGAKUREN, 1966).

Yoshio Takemoto – professor do Colégio Gyosei e se envolvia em trabalhos ligados à edição de revistas, literatura e educação. Em 1956, propôs a organização de um livro didático na colônia, em uma conversa com professores de japonês o que seria o início da publicação da série *Nippongo*. (*Nippaku Mainichi Shimbum*, 31/05/1956).

Kikuo Furuno – poeta e jornalista.

¹⁰ Em japonês 教育漢字 *kyōikukanji*

¹¹ Em japonês 常用漢字 *Jōyōkanji*

conteúdo.

Takemoto, defendeu dois pontos:

- 1) a necessidade da edição de um livro didático adequado aos *nisei* e
- 2) o ensino de uma grande quantidade de ideogramas para o desenvolvimento da competência em leitura.

Furuno, por sua vez defendeu a ideia:

- 1) de que todos os 881 ideogramas para fins educacionais devessem ser incluídos no livro didático; e
- 2) de que o guia de orientação educacional seja confeccionado à parte e em português.

Em um curso oferecido pela Federação das Escolas de Ensino de Japonês no Brasil¹² (*Nichigakuren*), foi aplicado um questionário em que se perguntou o que os professores esperavam de um novo livro didático. Foram obtidas várias respostas, dentre elas a de que: um material de ensino que encaixe na vida do *nisei* (filho de imigrante); que mescle os elementos culturais brasileiros e japoneses; e que não usasse empréstimos da língua portuguesa (*koroniago*) entre outras. Nesse questionário os professores decidiram que primeiro iriam ensinar a escrita pelo fonossilabário *katakana*, pois a possibilidade de usá-los no Brasil era grande, e também porque se acreditava que o *katakana* era mais fácil de ser aprendido. Em linhas gerais, há sete aspectos que podem ser confirmados sobre o que os professores desejavam em relação ao novo livro didático de acordo com Inamura (2016, p. 117-118):

- (1) um livro didático adaptado ao cotidiano do *nisei*;
- (2) um conteúdo adequado ao *nisei* com a inserção de: aspectos culturais do Brasil e do Japão, histórias infantis, material que promova esperança nas crianças, educação moral, religião e informações sobre o Japão;
- (3) uma aprendizagem da escrita que se inicie com o *katakana*;
- (4) uma maior abrangência em relação à quantidade de ideogramas;
- (5) um material que possa ser utilizado com os brasileiros e não somente com os descendentes;
- (6) o estabelecimento de uma comunicação prévia com os professores em atuação antes da edição e,
- (7) o não uso do *koroniago*

De acordo com Inamura (2016), a elaboração do *Nippongo* pela Comissão de Publicação

¹² Em japonês Hakkoku Kōnin Nichigo Gakkō Rengō Kai, doravante Nichigakuren

do Livro Didático, especialmente constituída para essa finalidade, iniciou-se em 1959, e a publicação dos primeiros oito livros ocorreu em abril de 1961. Como objetivo de elaboração, a Comissão de Publicação do Livro Didático listou três pontos:

- 1) aprovação pelo governo brasileiro;
- 2) necessidade de um livro didático que estivesse de acordo com a realidade do Brasil e da colônia japonesa; e
- 3) inserção de conteúdos das disciplinas de Estudos Sociais e de Ciências.

Sobre o primeiro objetivo, a aprovação pelo governo brasileiro, tratava de um ponto defendido por Ando. Já o segundo objetivo, a necessidade de um livro didático que esteja de acordo com a realidade do Brasil e da colônia japonesa, possuía defensores como Ando, Okazaki, Takemoto e professores de um modo geral, sendo também, um desejo da grande maioria dos imigrantes aqui residentes. Quanto ao terceiro objetivo, este já havia sido sugerido por Okazaki que afirmara que no “livro didático deveria ser incluída a disciplina de Estudos Sociais (Educação Moral do Japão). Para pensar a razão da inserção da disciplina Ciências, podemos utilizar a pesquisa sobre história do conteúdo do livro didático do Japão como referência”.

De acordo com Inamura (2016), no que se refere aos materiais de base dos textos usados no livro didático podemos dizer que os temas foram buscados pela Comissão de Publicação de Livro Didático no Brasil, na colônia, no Japão e no mundo. Os temas que envolviam o Brasil, a colônia e o Japão faziam parte da sugestão de Ando e Okazaki, enquanto os materiais que tinham como referência o conteúdo de ordem mundial, consistia de proposta da Comissão de Publicação de Livro Didático e baseavam-se no pensamento central de que o livro didático promovesse a formação do ser humano. Além disso, livros didáticos do Japão como *Sakura* e *Yanagita*¹³ eram criticados por seu conteúdo didático ser distante do universo do *nisei* e por dificultar a aprendizagem. “Portanto, podemos dizer que a adoção de textos a respeito da colônia foi feita para fazer com que os *nisei* sentissem intimidade com os livros didáticos e que isso facilitasse a aprendizagem”

¹³ No período pós-guerra duas séries de livros didáticos provenientes do Japão eram utilizados no Brasil. A primeira série de livros 12 livros usados no pré-guerra, conhecida pelo nome *Sakura tokuhon*. A segunda série de livros pós-guerra conhecida como *Yanagita tokuhon*.

Posteriormente definiu-se como seriam publicados os novos livros didáticos, através de uma decisão conjunta entre a Comissão de Publicação de Livro Didático e a Aliança Cultural Brasil-Japão (ACBJ)¹⁴. Em relação ao período de aprendizagem, ficou decidido que seriam usados para o ensino em 4 anos, sendo recomendado utilizar 2 livros em um ano.

Estabeleceu-se a quantidade de ideogramas em 652 no total, nos quais estão incluídos os 563 ideogramas para fins educacionais que deveriam ser aprendidos até a quarta série do Ensino Fundamental do Japão, além de mais 89 outros ideogramas.

Quanto à habilidade linguística, o ensino da língua deveria visar desenvolver nos alunos as quatro habilidades: falar, ouvir, ler e escrever. Entretanto, mesmo nos níveis elementares observa-se que há o investimento na escrita, pois encontra-se no *Sumário da CPLD & ACBJ* o seguinte objetivo: “ser capaz de escrever textos informativos simples e descrições objetivas”. Nos níveis mais avançados há a ênfase na leitura como se observa no trecho: “desenvolver a proficiência em leitura de materiais gerais”.

Na aprendizagem do *kana*, inicia-se com o *katakana*, passando-se em seguida para o *hiragana* e os ideogramas aparecem desde o livro 1.

Há empréstimos lexicais do português de palavras que talvez fossem de uso comum na colônia. Nos textos buscou-se temas relacionados ao Brasil (inclui-se a colônia japonesa), ao Japão e ao mundo. Em relação ao gênero dos textos há uma variedade, tais como: histórias infantis, narrativas, biografias, textos escritos por crianças, textos informativos e texto descritivos. Os textos seriam elaborados com temas próximos às crianças e de fácil identificação por elas, objetivando o aprimoramento emocional e da aquisição linguística. Seria um livro mais próximo da realidade dos alunos.¹⁵

No período em que o *Nippongo* foi usado como livro didático, de acordo com *Ikusanga* (Nichigakuren, 1966), foi feito um levantamento, em 1963, sobre a situação do ensino de língua japonesa aos descendentes japoneses no Brasil. O estudo apontou que o *Nippongo* era utilizado em 89% das escolas pesquisadas no Brasil (em 218 escolas do total de 245). Percebemos assim que a série *Nippongo* foi difundida em um curto espaço de tempo. Para averiguar a situação de duas décadas depois, Suenaga (2005) cita uma pesquisa feita em 1983. O resultado apresentou que dentre as 352 escolas pesquisadas em todo o Brasil 47,44% das escolas ainda usavam o

¹⁴ Fundada em 17 de novembro de 1956 a *Aliança Cultural Brasil-Japão* (ACBJ) é uma entidade sem fins lucrativos que tem o objetivo de desenvolver o intercâmbio cultural entre o Brasil e o Japão. A entidade tem o poeta brasileiro Guilherme de Almeida como seu fundador e primeiro presidente. Em abril de 1978, a ACBJ absorveu a Sociedade de Difusão da Cultura Nipo-Brasileira.

¹⁵ INAMURA, 2016, *passim*.

Nippongo (Aliança Cultural Brasil-Japão, Fundação Japão e Agência de Cooperação Internacional do Japão, 1983, *apud* SUENAGA, 2005). Isso significa que até a década de 1980, o *Nippongo* era usado em quase metade das escolas japonesas. Entretanto, de acordo com uma pesquisa realizada por Ishimine (2010 *apud* Inamura, 2016), o *Nippongo* não é mais utilizado desde a década de 1990.

Concluimos que mesmo tendo tomado a decisão de permanecer no Brasil os imigrantes mantiveram o desejo de transmitir a língua às futuras gerações de *nikkei*. Entretanto, os *issei* (imigrantes japoneses) perceberam que a motivação dos *nisei* (filhos de imigrantes) nos estudos da língua japonesa era baixa, instaurando-se um clima de apreensão. Concomitantemente a essa preocupação, os líderes da época buscaram solucionar o problema de se ensinar a língua com a criação de um livro didático original que atendesse os descendentes de japoneses, mas que correspondesse às exigências das autoridades educacionais brasileiras com o intuito de obter autorização legal. Comparando com os livros didáticos utilizados anteriormente à publicação do *Nippongo*, podemos dizer que houve uma continuidade do ensino antes da segunda guerra em relação ao foco dos ideogramas e na aprendizagem dos *kanas*. Mas também a introdução de empréstimos lexicais do português e a inserção de textos com tópicos mais abrangentes, bem como relacionados ao Brasil, faz diferir dos modelos que eram usados outrora.

CAPÍTULO 3

SOBRE AS PARTES DOS LIVROS *NIPPONGO* 1 A 4

3.1. Sobre os textos

3.2. Sobre a lista de palavras e a mensagem Aos professores e Aos pais

Os livros *Nippongo* foram elaborados por professores japoneses (INAMURA, 2016, p. 105) que moravam no Brasil e tinham como finalidade o aprendizado do idioma, pelos descendentes para ler, falar, ouvir e escrever.

Os cinco primeiros volumes foram analisados e aprovados pela Comissão de Livro Didático em Língua Estrangeira da Secretária de Educação do Estado de São Paulo (*Paulista Shimbun*, 15/12/196; *São Paulo Shimbun*, 15/12/1960, *apud* INAMURA, 2016, p. 89).

Nas linhas abaixo, faremos uma descrição física e de conteúdo dos livros.

Os livros são manuseados da esquerda para direita; os títulos estão grafados na vertical; e a maioria dos textos estão escritos, igualmente, na vertical, e da direita para a esquerda.

Quanto ao tamanho, os livros são pequenos. Medem 210mm X 148mm (equivalente a uma folha A5) sendo este o mesmo tamanho dos livros didáticos japoneses da época, conforme a pesquisa de Inamura (2016, p. 13). Os volumes pesquisados contêm respectivamente 88, 88, 112 e 112 páginas.

O projeto gráfico da capa dos livros é muito simples. Nos dois primeiros livros recebem a cor verde e os volumes 3 e 4 têm a cor bege. As figuras apresentadas nas capas são ilustrações típicas brasileiras, como podemos ver na figura 1. São desenhos ou pinturas de um papagaio (livro 1), de beija-flor com flor de maracujá (livro 2), de um rio com vitória-régia e jacaré (livro 3), e borboletas de cores vivas (livro 4). As folhas de rosto desses volumes são fotos da fauna e flora encontradas no Brasil: no livro 1 temos a foto de um pé de ipê; no livro 2, uma foto de um avestruz e outra com duas onças; no livro 3, temos a foto de frutos maduros de café; e no livro 4, a foto de uma orquídea. Na contracapa, foram mantidas a fauna e flora brasileiras. O livro 1 é a pintura de um tucano; no livro 2, uma pintura de um antúrio; no livro 3, uma pintura de uma onça; e no livro 4, a pintura de uma flor (Figura 3).

Notamos também (figura 1) que, no livro 1 o título é apresentado em *katakana* – ニッポンゴ – uma vez que o estudo neste volume era o de desenvolver a aquisição desta escrita, conforme veremos no capítulo seguinte. Todavia, os volumes subsequentes, de 2 a 4, apresentam os títulos grafados em *hiragana* – にほんご e neles encontramos textos escritos em *hiragana*, *katakana* e *ideogramas*. Do livro 5 ao 10, os títulos passam a ser escritos em ideogramas – 日本語.

No que concerne à fonte utilizada na impressão, em todos os livros observamos que o tamanho das letras e o espaço entre linhas são adequados para proporcionar uma leitura agradável em japonês às crianças de cada idade escolar. Acreditamos que o tipo da fonte dos caracteres em japonês seja o *kyōkashotai*, que é, como o nome diz, próprio para livros didáticos

do ensino infantil e fundamental. Essas letras foram impressas na cor preta e as ilustrações, a maioria desenhos, em cores. Há algumas fotos, também em cores.

Figura 1 – Capas dos livros *Nippongo* – 1, 2, 3 e 4

Figura 2 – Folha de rosto dos livros *Nippongo* – 1, 2, 3 e 4

Figura 3 – Contracapa dos livros *Nippongo* – 1, 2, 3 e 4

De um modo geral, os livros possuem a mesma forma de apresentação dos textos em todos os livros observados, a sua maior parte é composta por textos de leituras, como narrativas,

fábulas infantis, poemas etc., como mostraremos com mais detalhes adiante.

Sobre os textos, podemos afirmar que há uma certa progressão na extensão, ou seja, os primeiros textos são curtos, sendo que no livro 1 os textos iniciais são constituídos apenas de palavras, seguindo-se pequenas frases e, nas últimas páginas, os textos tornam-se mais longos, respeitando uma característica do método de alfabetização de silabação, ou seja, seguir uma ordem crescente de dificuldade.

Em relação aos temas, observamos que existem textos sobre, segundo a classificação feita por Inamura (2016), educação moral e ciências; fábulas infantis, biografias de personalidades brasileiras, assim como temas voltados à colônia¹⁶. Inamura comenta que os autores buscaram textos cujos temas se referem à colônia para facilitar a aprendizagem do idioma, pois era o local onde viviam os estudantes. Os textos são também sobre o Brasil, o Japão, e aqueles que eram de domínio mundial:

No que se refere aos materiais de base dos textos usados no livro didático, podemos dizer que os temas foram buscados pela Comissão de Publicação do Livro Didático da Língua Japonesa (CPLD) no Brasil, na colônia, no Japão e no mundo. Os temas que envolviam o Brasil, a colônia e o Japão faziam parte da sugestão de Ando e Okazaki enquanto que os materiais que tinham como referência o conteúdo de ordem mundial consistiam de propostas da CPLD e baseavam-se no pensamento central do livro didático de ‘formação do ser humano que tem como ideal o que é considerado ideal por toda humanidade do mundo’.[...] Portanto, podemos dizer que a adoção de textos a respeito da colônia foi para fazer com que os nisseis sentissem intimidade com os livros didáticos e que isso facilitasse a aprendizagem. (INAMURA, 2016, p. 129-130)

Zenpati Ando e Chikashi Okazaki citados acima são dois idealizadores do livro *Nippongo*, como vimos no capítulo anterior.

Os textos de biografias de personalidades brasileiras, essencialmente históricas¹⁷, que aparecem nos livros mais avançados, assim como os de conteúdos que remetem ao Brasil, tinham como objetivo obter a aprovação do governo do brasileiro. No livro 3 há uma descrição da cidade de São Paulo e no livro 6, do Rio de Janeiro, além de textos que tratam do Brasil, sob o título de *Watashitachi no kuni* (Nosso país). Ainda sobre o conteúdo dos textos, os idealizadores do livro tinham opiniões diversas:

Nos níveis mais elementares, adotaram-se ‘conteúdos familiares’ está (*sic*) em

¹⁶ Colônia: como tratado no capítulo anterior esta palavra se refere à comunidade de imigrantes japoneses e seus descendentes no Brasil. É a partir do fim da segunda guerra que os imigrantes japoneses e seus descendentes no Brasil passam a utilizar コロニア (*koronia* [colônia]) para designar os núcleos onde viviam.

¹⁷ Por exemplo, no volume 6 encontramos as biografias de Jose Bonifácio e Carlos Gomes.

consonância com as sugestões de Ando, Okazaki e os professores. E no que refere à escolha de conteúdo que visa à formação de valores morais, tais como ‘o espírito cooperativo mútuo’ para os níveis mais avançados, podemos afirmar que recebeu as influências de Okazaki e dos professores. (INAMURA, 2016, p. 130-131)

Além disso, Inamura nos informa de outras escolhas de temas feitos pela Comissão de Publicação de Livros Didáticos, em cujas discussões Okazaki parece ter tido papel fundamental:

[...] Em Ciências, foram selecionados muitos textos relacionados à Biologia, tais como: animais domésticos e vegetais. Apesar da CPLD colocar como um dos objetivos de ensino a “transmissão de tecnologia japonesa”, ao analisarmos o conteúdo de Ciências, é possível de constatar que há uma ênfase maior aquela relacionada a agricultura. Em Estudos Sociais, percebemos tópicos como história, geografia e vida cotidiana ‘do Brasil, do Japão, da sociedade Nikkei e do mundo’ - o que revela estar em concordância com a justificativa apresentada pela CPLD acerca da necessidade de elaboração de um livro didático que ‘esteja em consonância com a realidade do Brasil e da colônia japonesa’. Além disso, percebe-se que a intenção de desenvolver um conteúdo que abarque o conhecimento de ordem mundial também está de acordo com as sugestões de Okazaki, bem como com a linha de pensamento central da CPLD. (INAMURA, 2016, p. 131)

É apresentado sempre no final do livro uma lista de palavras intitulada おもな ことば (*Omona kotoba* ou palavras essenciais [nossa tradução]) em que contém palavras que aparecem no respectivo livro, além dos ideogramas nele apresentados ou já estudados anteriormente em outro livro.

No que se refere à aprendizagem do fonossilabário *kana*, vimos que a Comissão de Publicação de Livros Didáticos respeitou o desejo de muitos professores e acabou por adotar o *katakana* como primeira grafia a ser ensinada e depois o do *hiragana* – uma ordem inversa ao que era realizado no ensino na época no Japão (INAMURA, 2016, p.122). Esse será um dos assuntos do capítulo seguinte.

Nas próximas seções, apresentaremos as nossas observações e comentários acerca dos tipos de textos, dentre eles: poemas, textos sobre a vida cotidiana, fábulas, textos sobre geografia e ciências, apresentando exemplos de cada livro. Comentaremos também sobre como foi apresentada a lista de palavras (chamada オモナ コトバ / おもな ことば *Omona kotoba* [principais palavras]) e o guia pedagógico (denominado 先生と父母へ *Sensei to fubo* e [Aos professores e pais] e 内容について *naiyô ni tsuite* [Sobre o conteúdo]).

3.1. Sobre os tipos de textos

Neste trabalho utilizamos o termo *texto* para designar um trecho contínuo de língua escrita – porque contidos num livro didático, portanto, um produto físico –, em que é possível reconhecer um começo e um fim, e também por possuir um determinado propósito que pode ser percebido, o qual, por sua vez diferencia esse texto de outros tipos/gêneros (TRASK 2011, p. 291).

Suenaga, na sua análise dos livros didáticos utiliza o termo トピック (*toppiku*, provavelmente estrangeirismo originário do inglês *topic*) sobre o qual explica que, no caso das séries didáticas *Nihongo tokuhon*¹⁸ e *Nippongo*, se refere às histórias (*ohanashi*¹⁹), como histórias infantis, lendas, “cotidiano das crianças”, ou ao conteúdo, cujas unidades são nomeadas pelo próprio título do texto (SUENAGA, 2005, p. 3). A autora usa a classificação de conteúdo proposta por Shigetora Igarashi (1939, *apud* SUENAGA, 2005, p. 22 e 23; e 47 e 48) ao analisar o livro didático pioneiro *Nihongo tokuhon*, diminuindo de 14 para 8 itens, após fusões, mas acrescenta o item 文字・表記 (*Moji-hyōki* [Letras e representação]) para a análise do *Nippongo*, conforme resumimos no quadro seguinte. Esse novo item foi criado para classificar os textos que comentam ou explicam a própria língua japonesa no *Nippongo*, os quais são, no nosso entender, textos metalinguísticos.

Notamos na classificação de Igarashi (1939, *apud* Suenaga 2005) e Suenaga (2005) que a forma e conteúdo/tema dos textos se confundem. Enquanto “poesia”, “fábula”, “história infantil”, “lenda”, “mitologia”, “biografia”, “história” e “*tanbun* [oração curta]” possuem características identificáveis de forma, as classificações em “história real”, “vida das crianças”, “geografia”, “cidadania e cultura” e “ciências” nomeiam os assuntos ou temas tratados nos textos. Em outras palavras: gêneros ou tipos textuais como poesia, fábula, biografia e até mesmo oração curta têm formas definidas as quais as caracterizam, respectivamente, como poesia, fábula, biografia e oração curta, independente do tema que cada um deles trate. Por exemplo, a poesia pode ser lírica como aquela encontrada no livro 3, 風 *Kaze* (vento) Por outro lado, a classificação 児童生活 *Jidō seikatsu* (vida das crianças) não nomeia um tipo/gênero textual, mas sim o tema que pode vir expressa em forma de narração ou até mesmo de poesia, como é

¹⁸ *Nihongo tokuhon* é o primeiro livro didático de língua japonesa elaborado e publicado no Brasil em 1937 constituído de 8 volumes, o qual Suenaga incluiu como material de análise na sua dissertação, como sumariamos no capítulo 2.

¹⁹ Provavelmente a autora esteja utilizando *ohanashi* [história] para indicar cada um dos textos que fazem parte dos livros.

o caso de パパイノエル *Papai noeru* (Papai Noel), do livro 2, que expressa um suposto sentimento de uma criança.

Quadro 1: Classificação do conteúdo de textos por Igarashi e Suenaga (com transliteração e tradução)

Igarashi (1939) para o livro <i>Nihongo tokuhon</i>	Adaptação, por fusão, de Suenaga (2005)
韻文 (<i>inbun</i> , poesia)	短文 (<i>tanbun</i> , oração curta)
寓話 (<i>gūwa</i> , fábula)	韻文 (<i>inbun</i> , poesia)
童話 (<i>dōwa</i> , história infantil)	児童生活 (<i>jidō seikatsu</i> , vida das crianças)
現実話 (<i>genjitsu-banashi</i> , história real)	寓話・童話 (<i>gūwa dōwa</i> , fábula e história infantil)
児童生活 (<i>jidō seikatsu</i> , vida das crianças)	伝説・神話・史話・伝記 (<i>densetsu shinwa shiwa denki</i> , lenda, mitologia, história e biografia)
地理 (<i>chiri</i> , geografia)	理科 (<i>rika</i> , ciências)
伝説 (<i>densetsu</i> , lenda)	地理 (<i>chiri</i> , geografia)
神話 (<i>shinwa</i> , mitologia)	公民・文化 (<i>kōmin bunka</i> , cidadania e cultura)
史話 (<i>shiwa</i> , história)	文字・表記 (<i>moji hyōki</i> , letras e representação)
伝記 (<i>denki</i> , biografia)	
公民・文化 (<i>kōmin bunka</i> , cidadania e cultura)	
理科 (<i>rika</i> , ciências)	
短文 (oração curta)	

Sobre os textos contidos nos livros de 1 a 4 da série *Nippongo*, podemos afirmar que se tratam de composições criadas exclusivamente para fins didático-pedagógicos, com o objetivo de ensinar a língua japonesa, desenvolvendo prioritariamente a prática de compreensão de leitura. Sendo assim, pelo menos no que se refere aos textos desses primeiros livros, o gênero textual é o didático, segundo a classificação de gêneros da teoria literária e referida por Travaglia (2003, p.104), pois foram na sua grande maioria elaborados pelos próprios autores²⁰. Isso se justifica pois, como já comentamos anteriormente, nos livros de 1 a 4, os autores escolheram textos que tivessem ações e acontecimentos que fossem experiências das crianças da *koronia* (colônia de imigrantes japoneses e seus descendentes), conforme o relatório *Ikusanga* (1966, p. 124 e 125). Além disso, mais do que informar, a preocupação pedagógica, nesses primeiros livros, era a de ampliar o conhecimento e a de promover o aprimoramento do sentimento humano; de despertar interesse pelos estudos, por meio da aprendizagem consistente dos *kana*. E para isso, os autores escolheram temas que as crianças tivessem mais intimidade e também palavras do vocabulário do seu dia-a-dia, tais como os empréstimos do português, conforme veremos no capítulo seguinte.

Mesmo levando em conta que a classificação como gênero didático para os livros 1 a 4

²⁰ Isso significa que não são utilizados textos autênticos, ou seja, textos para finalidade de expressão e comunicação, sem o objetivo didático de ensinar/aprender a língua em uso em tais textos.

de *Nippongo* seja adequada por se tratar exatamente de livros didáticos e devido aos textos terem sido elaborados com fins pedagógicos, os autores tiveram a preocupação de escrever ou reescrever em diferentes tipos ou gêneros para despertar o interesse dos estudantes, e num grau de dificuldade – seja no nível do léxico, seja no da gramática – condizente com a sua idade escolar. As histórias infantis e os textos de discurso científico contendo descrições e narrações de animais e plantas desempenharam esse papel. Visando a produção escrita, pelos estudantes, de textos dos gêneros relato, descrição etc., os autores publicaram também textos-modelos, buscando aumentar a complexidade linguística, de acordo com o avanço da idade escolar.

Considerando essas delimitações, faremos uma reanálise dos tipos e gêneros textuais criados ou readaptados pelos autores nos quatro primeiros livros de *Nippongo*, tecendo comentários sobre a classificação dada por Suenaga (2005) e também sobre alguns textos.

Tentaremos fazer uma classificação mais linguística, emprestando de Travaglia (2003), a qual leva em consideração três elementos tipológicos básicos, quais sejam:

- **tipos:** descritivo, dissertativo, injuntivo e narrativo; argumentativo e argumentativo *stricto sensu*; preditivo e não-preditivo; textos do mundo comentado ou do mundo narrado; lírico, épico e dramático (gêneros da Teoria Literária);
- **gêneros:** episcolar; notícia ou reportagem; didático; oratório; tragédia, comédia e drama satiresco etc.
- **espécies:** tipo narrativo – história e não-história;
 prosa e verso;
 gênero romances – históricos, psicológicos, regionalistas, indianistas, fantásticos, de ficção científica, de capa e espada, policiais, eróticos;
 gênero epistolar – carta, telegrama, memorando, bilhete etc.;
 tipo descritivo – existem as espécies objetiva x subjetiva, estática x dinâmica, comentadora x narradora
 tipo lírico – acróstico, balada, soneto, haikai (pela forma); ditirambo, elegia, epitalâmio, poemas bucólicos – idílio e écloga – (pelo conteúdo)
 gênero humor – comédia clássica, farsa, ópera-bufa, vaudeville
 tipo dramático – mistério e milagre

Sobre os vários textos contidos nos livros *Nippongo* podemos afirmar que se tratam de composições textuais criadas exclusivamente para fins didático-pedagógicos, com o objetivo de ensinar a língua japonesa, desenvolvendo a prática da leitura e compreensão.

Por se tratar de um livro didático que seria utilizado por crianças que cresciam no Brasil, os autores desejavam que os temas fossem bem descontraídos e os assuntos condizentes com a realidade das crianças.

A predominância textual que encontramos nos livros é de textos narrativos, textos que relatam a cultura brasileira, cultura japonesa, poemas, fábulas, contos infantis, histórias do Brasil e biografias de pessoas históricas.

Sobre os poemas (韻文 [*inbun* poemas]) em *Nippongo*, livros 1, 2, 3 e 4.

Segundo a classificação de conteúdos usada por Suenaga (2005) e pelo nosso levantamento, os poemas que constituem os livros de 1 a 8 do *Nippongo*, destinados ao nível fundamental, são em número pequeno. Nos livros 1,2,3 e 4, sob o nosso estudo, são 3, 3, 2 e 2 poemas respectivamente, sendo que pelo menos um em cada um deles é canção infantil ensinada nas escolas, chamada *shōka*. Elencamos abaixo os títulos dos poemas e canções, acrescidas de transliteração, tradução e o tipo – se poema ou canção. Nos anexos, reproduzimos algumas páginas desses poemas e canções com as respectivas ilustrações. São os anexos numerados com A, B, C e D.

Livro 1:

- カクレンボノウタ (*kakurenbō no uta* [canção de esconde-esconde])
canção infantil escolar; letra de Satiko Murata e música de Kazuko Kawashima, de 1980
- オウマノオヤコ (*ouma no oyako* [cavalo mãe filho])
canção infantil escolar
- ヨルノソラ (*yoru no sora* [céu na noite])
poema elaborado (ver anexo A)

Livro 2:

- シャボンだま (*shabondama* [bolha de sabão]
canção infantil escolar, de autoria de Ujyou Noguchi, 1922.
- はみがき (*hamigaki* [escovar os dentes]
poema inventado (ver anexo B)

- パパイノエル (*papai noeru* [Papai Noel])
poema traduzido da língua portuguesa²¹

Livro 3:

- 風 (*kaze* [vento]) (ver anexo C)
poesia criada pelos autores
- めだかの学校 (*medaka no gakkō* [escola de peixinhos])
canção infantil escolar; criada por Megumi Hayashibara

Livro 4:

- おばあさん (*obāsan* [vovó])
poema elaborado (ver anexo D)
- ゆりかごのうた (*yurikago no uta* [canção do balanço])
canção infantil e de ninar; letra de Hakushu Kitahara 1885-1942 e música de Shin Kusakawa 1893-1948, publicado pela primeira vez em 1921.

Sobre os textos com conteúdo 児童生活 (*Jidō seikatsu* ou vida das crianças)

Segundo a classificação adotada por Suenaga (2005), os textos com esse conteúdo, 児童生活 (*Jidō seikatsu* ou vida das crianças), são composições supostamente escritas pelas crianças/estudantes da idade escolar corresponde à cada livro. Geralmente são narrativas em prosa, fictícias mas verídicas, nas quais existe um narrador-personagem que é uma criança que narra ou descreve algum aspecto da vida estudantil, doméstica ou alguma viagem ou visita cultural. Há outros personagens, muitas vezes com nomes próprios, que fariam parte da vida desse narrador-personagem.

Segundo os autores dos livros (IKUSANGA, 1966), os textos com esse conteúdo visavam aproximar os estudantes das narrativas, tornando o texto e a língua japonesa familiares a eles, o que facilitaria a aprendizagem, seja de leitura e compreensão, seja de escrita, pois os textos possuem grau de dificuldade condizente com o nível do livro. Veremos, adiante, que o uso de empréstimos lexicais do português, escritos com caracteres fonossilábicos *katakana*,

²¹ Não conseguimos encontrar o poema original em português.

exerciam essa função facilitadora.

Uma característica dessas narrativas é o discurso direto ao registrar a fala ou pensamento dos personagens entre os sinais de 「 」 equivalente aos travessões de textos em português.

Dentre os textos de conteúdo *jidō seikatsu* (ou vida das crianças) há alguns que visam prioritariamente a produção escrita. São os diários – com um desenho representando as ações ou impressões de uma determinada data, nos primeiros livros – e as cartas, que consistem de textos-modelo de extensão curta e que, no caso das cartas, possuem regras de estrutura próprias, que são diferentes das cartas em língua portuguesa. Vale ressaltar que a narrativa ランバリー のこども (*Ranbarii no kodomo* [O peixinho lambari]), do livro 2, é uma história infantil, com narrador que não é personagem, pois tanto o peixinho quanto as crianças são apenas parte da narrativa, sem desempenhar o ato de narrar. Por tais características, convinha deslocar o texto *Ranbarii no kodomo* para classificação fábulas-história infantil.

Listamos a seguir os títulos, por livro, dos textos que contemplam o conteúdo *jidō seikatsu* (ou vida das crianças) de Suenaga (2005). Os títulos estão na escrita original, seguidos de transliteração ao alfabeto latino e tradução, além de um pequeno resumo do assunto de cada texto. Anexamos algumas narrativas em Anexos.

Livro 1:

- オニバス (*onibusu* [Ônibus]), narrativa em prosa sobre uma viagem de ônibus de um menino e seu pai à cidade de São Paulo, passando próximo a um pasto (ver anexo E)

Livro 2:

- おつかい (*otsukai* [ajudando a mãe²²]), narrativa em prosa que conta sobre um menino que vai levar marmita ao seu pai e irmão que estão trabalhando na roça.
- どうぶつせん (*dōbutsuen* [zoológico]), texto descritivo, contado por crianças que foram ao zoológico passear.
- にわとり (*niwatori* [galinhas]), narrativa em prosa contado por uma menina que está dando milhos para as galinhas.
- きしゃ (*kisha* [trem]), narrativa em prosa contada por um menino que vai de trem passear com sua mãe na casa da avó.
- えにっき (*enikki* [diário com desenho]), modelo de diário para o treinamento de produção escrita, (ver anexo F)

²² *Otsukai* é qualquer serviço externo que a criança faz aos pais ou o empregado/serviçal ao patrão. Nesse caso, em ajuda à mãe, o menino leva marmita ao pai e ao irmão mais velho, que estão na plantação trabalhando.

- ランバリーのこと (ranbarii no kodomo [O peixinho lambari]); história infantil elaborada; considere nossa observação acima.

Livro 3:

- おはよう (ohayō [Bom dia]), narrativa do cotidiano escolar, conta a história de uma menina que vai à escola e cumprimenta à todos que encontra logo pela manhã.
- 学校で (gakkō de [na escola]), narrativa do cotidiano escolar, conta a história da menina que descreve as atividades vista por ela – as crianças tocando piano, pulando corda, etc.
- 雨ふり (amefuri [chuva]), narrativa do cotidiano escolar, o menino volta da escola e, tendo o guarda-chuva, leva um coleguinha junto.
- けんちゃん (Kenchan [menino Ken]), narrativa doméstico-infantil, conta a história de uma menina que cuida do seu irmão mais novo.
- きゅうりのにつき (kyūrin no Nikki [diário de um pepino]), modelo de diário para treinamento de produção escrita.
- とけいのいろいろ (tokeino iroiro [os vários tipos de relógio]), texto descritivo, que relata os vários tipos de relógios, tais como: os relógios de pulso, de parede, entre outros.
- 組合 (kumiai [cooperativa agrícola]), narrativa de um menino que vai à cooperativa para fazer compras e descreve o que é comercializado neste lugar.
- かぜをひかないように (kaze wo hikanaiyōni [para não pegar gripe]), narrativa da professora e as crianças falando sobre a gripe na sala de aula.
- 手がみ (tegami [carta]), modelo de carta com explicação e interpretação o conteúdo da carta e a maneira de ensinar a escrever um modelo. (ver anexo G)

Livro 4:

- カナリヤ (kanariya [canário]), narrador conta a história dos canários que ficam casa do avô nas gaiolas, porém durante o dia eles saem voando e passeiam e a noite voltam para as gaiolas.
- 冬休みがすんで (fuyuyasumi ga sunde [fim das férias de inverno]), as férias de inverno acabam e as meninas vão à escola e a Harue vai com um broche que comprou em sua viagem à Santos.
- ようさんごや (yosangoya [barracão de sericicultura]), narrativa de um menino que conta que o pai voltou da cerimônia da finalização do barracão onde seriam criados os bicho-da-seda. Esse texto enaltecer a ajuda mútua na vizinhança.
- 手紙 (tegami [carta]), modelo de carta para desenvolver a: capacidade de escrever uma carta, entender o conteúdo.
- しょくぶつえん (shokubutsuen [jardim botânico]), narrativa de um menino que foi com o irmão mais velho ao jardim botânico. Passeiam pelo jardim botânico descrevendo o que observam por lá.
- くつ先生 (kutsu sensei [professor de sapatos]), narrativa de um menino que conta a ida de um médico à escola para falar sobre o amarelo.

- フェイラ (feira [feira]), narrativa em que uma menina descreve uma feira livre. Ela relata vários produtos que podemos comprar na feira, dentre eles: peixe, abacaxi, macarrão, queijo, mandioca, mamão, banana, manteiga e jabuticaba.
- いろはがるた (*iroha garuta* [jogo de cartas]), elaboração de jogo de cartas do alfabeto fonossilábico.

Sobre fábulas e histórias infantis (寓話・童話 [*Gūwa – Dōwa*])

Fábulas e histórias antigas, de tradição oral, são textos presentes em qualquer livro didático, com o objetivo de desenvolver não apenas a capacidade de leitura e compreensão de textos, como também a habilidade de recontar. As fábulas, em particular, possuem valor não só literário, mas principalmente pedagógico, pois são usados frequentemente para possibilitar os aprendizes a compreender as relações humanas e fornecer a formação moral, e por isso fazem parte da maioria dos livros didáticos de educação fundamental. A série didática *Nippongo* não foge à essa regra.

Um dos objetivos do *Nippongo* era formação humana dos *nisei*, pois havia a preocupação em formar um bom brasileiro, ou seja, a proposta era de que os *nisei* deveriam aprender sobre as duas culturas, tanto brasileira quanto japonesa, mas não perdendo a base dos costumes herdados pelos pais e avós (INAMURA, 2016, p. 121)

Como se tratam de textos com uma narrativa de acontecimentos, com começo, meio e fim, são relativamente extensos. Levando em consideração os gêneros textuais, no livro 1 todos os textos são fábulas; no livro 2, há uma história infantil – チコジョンとチカマリア (*Chikojon to Chikamaria* [Chico João e Chica Maria]) – provavelmente criada pelos autores porque não encontramos a sua fonte; uma fábula e uma história antiga do Japão. No livro 3, há maior variedade quanto ao gênero e quanto à origem – país/cultura – dos textos. A fábula escolhida neste livro foi ひつじかいとおおかみ (*hitsujikai to ookami* [o pastor e o lobo]). Foi publicada uma história antiga de origem inglesa – ジャックとまめの木 (*Jakku to mame no ki* [João e o pé de feijão]) – e também há uma história sem identificação de origem – にひきのこがに (*nihiki no kogani* [Dois carangueijinhos]). Uma história popular e antiga japonesa foi adaptada para leitura infantil. Trata-se de かもになったごんべえ (*kamo ni natta Gonbe* [o velho caçador Gonbe]), e マンジョカのはなし (*manjioka no hanashi* [história da mandioca])

é uma lenda indígena mas no *Nippongo* os personagens, ao invés de índios, são moradores de um vilalejo e de raça branca e de religião cristã (mostrada pela cruz sobre o túmulo) se considerar os desenhos que ilustram cada página do texto, como pode-se constatar pela figura abaixo.

Figura 4 – Livro 3, p. 80 e 81

Em comparação com o livro 3, o livro 4 possui menos textos do gênero fábula ou história infantil. Além da lenda indígena *しかとオンサ* (*shika to onsa* [o veado e a onça]) e *アイウエオの話* (*a-i-u-e-o no hanashi* [história do a-i-u-e-o]), criada para fixação do fonossilabário *katakana*, podemos incluir o último texto, *かぐやひめ* (*Kaguyahime* [princesa Kaguya]), que é uma história infantil adaptada de *Taketori monogatari* (Narrativa do cortador de bambus). De autoria desconhecida e ano de elaboração entre fins do século IX e meados do X, *Taketori monogatari* é considerada a primeira obra literária do gênero narrativo chamado *monogatari* escrita no alfabeto fonossilábico *kana*. Acredita-se que ele próprio tem origem nas histórias curtas populares, o *takemusume setsuwa* (história da menina do bambu, conto de origem tibetana) e o *hagoromo setsuwa* (lenda do cisne, contada em várias regiões da Ásia e Europa desde a antiguidade)²³.

Listamos abaixo os títulos das fábulas e histórias antigas reescritas para crianças em

²³ disponível em <https://kotobank.jp/word/%E7%AB%B9%E5%8F%96%E7%89%A9%E8%AA%9E-93083>, acessado em 03/07/2017).

cada livro do *Nippongo*, assim como as que supomos sejam de criação dos autores. Como nos itens anteriores, mantemos os títulos na escrita original, acompanhados de transliteração e tradução.

Livro 1:

- ウサギトカメ (*usagi to kame* [a lebre e a tartaruga], fábula de Ésope na versão infantil)
- はととあり (*hato to ari* [a pomba e a formiga], fábula de Ésope na versão infantil)
- ねずみのよめいり (*nezumi no yomeiri* [o casamento da ratinha], história infantil japonesa)

Livro 2:

- チコジョンとチカマリア (*Chikojon to Chikamaria* [Chico João e Chica Maria]), história criada pelos autores
- 金のたまご (*Kin no tamago* [o ovo de ouro], fábula de Ésope na versão infantil)
- おむすびころりん (*Omusubi kororin* [bolinho de arroz rolante], história antiga japonesa na versão infantil)

Livro 3:

- にひきのこがに (*nihiki no kogani* [Dois carangueijinhos]), aventura de dois carangueijos)
- ひつじかいとおおかみ (*hitsujikai to ōkami* [o pastor e o lobo]) fábula de Ésope na versão infantil.
- ジャックとまめの木 (*jyaku to mame no ki* [João e o pé de feijão])
- マンジョカのはなし (*manjioka no hanashi* [história da mandioca]) história indígena, que conta que a menina morre ao comer mandioca.
- かもになったごんべえ (*kamoni natta gonbē* [o velho caçador Gonbē]) história antiga do Japão, na versão infantil.

Livro 4:

- しかとオンサ (*shika to onsa* [a onça e o veado], história indígena da onça e do veado.
- アイウエオの話 (*aiueo no hanashi* [história do aiueo], história de um reino fictício para treinar a leitura de *hiragana* e *katakana*)

Sobre os textos do grupo 地理 (*chiri* [geografia]) e 理科 (*rika* [ciências])

Textos sobre geografia e ciências (地理 [*chiri*] e 理科 [*rika*], respectivamente), pela proposta de Suenaga (2005) adaptada de Igarashi (1939, *apud* Suenaga 2005), o texto サンパウロ (*Sanpauuro* [São Paulo]), do livro 3, está classificado no grupo de textos sobre 地理 (*chiri* ou geografia). No entanto, ao analisar o texto, vimos que se trata de um relato de um menino sobre uma viagem, com o pai, para São Paulo. É uma narração em primeira pessoa, em tempo passado, com descrições da movimentação do centro de São Paulo – muitos bondes e automóveis, pessoas, construções e casas de comércio. O narrador-personagem registra suas impressões por meio de adjetivos e advérbios. Por essas características textuais, poderia ser alocado no grupo dos textos de conteúdo *Jidō seikatsu* (ou vida das crianças).

O texto じしゃく (*jishaku* [imã]), cujo conteúdo foi classificado como de 理科 (*rika* ou ciências), informa que o objeto tem a capacidade de atrair outros objetos, mas propõe, indiretamente, o aluno identificar coisas que serão ou não atraídos pelo ímã. Mas, ao mesmo tempo, enfatiza-se o ensino, pela irmã do personagem, de um brinquedo com o ímã. A narração em terceira pessoa o distingue do texto anterior, sobre a descrição do centro de São Paulo.

Sobre os textos do grupo 文字・表記 (*Moji-hyōki* [Letras e representação])

Este item proposto por Suenaga (2005), de classificação dos textos segundo o seu conteúdo, reúne um grande número de textos, principalmente nos livros de 1 a 4, diminuindo gradativamente nos livros de 5 a 7.

Podemos chamar os textos de metalinguísticos e também didáticos, pois propõem o ensino ou a aprendizagem de questões referentes à língua japonesa.

No livro 1, contendo palavras, expressões, frases e textos grafados no fonossilabário *katakana*, a ênfase que se dá é com:

- ⇒ a escrita desses caracteres
- ⇒ as formas de ampliar o vocabulário
- ⇒ a aprendizagem dos primeiros ideogramas.

No livro 2, que visa o ensino da escrita dos caracteres fonossilábicos *hiragana*, os textos metalinguísticos avançam para questões de sintaxe, com atividades de:

- ⇒ construção de orações
- ⇒ uso correto de partículas (は wa, を o, へ e)

Os textos metalinguísticos no livro 3 são de dois tipos:

- ⇒ de exercícios – seja em forma de narração de uma atividade didática, seja de questões para os alunos resolverem; e
- ⇒ de informação: de uso de cada um dos sistemas fonossilábicos *kana*; de ideogramas; e de onomatopeias.

Os títulos de textos do grupo 文字・表記 (*moji-hyoki* [letras e representação]) de Suenaga (2005) que chamamos metalinguísticos estão listados abaixo. Como nos itens anteriores, mantemos os títulos na escrita original, acompanhados de transliteração e tradução, além de breve comentário sobre cada texto.

Livro 1:

- マモン (*mamon* [mamão]); pequeno texto que contém a forma de contar mamões, de 1 a 5, com ideogramas.
- コトバアソビ (*kotoba asobi* [jogo de palavras]), aparecem algumas letras do *katakana* e desenhos que se iniciam com essas letras.
- カキ (*kaki* [caqui]), pequeno texto que contém formas de contar caqui, de 1 a 10, com ideogramas.
- ウノジノヨミカタ (*u no ji no yomikata* [leitura de palavras com a letra ウ u]), texto com várias palavras que tenham a letra ウ u.
- チイサクカクジ (*chiisaku kaku ji* [letra que se escreve em tamanho menor]), texto com várias palavras que tenham as letras pequenas: つ *tsu*, や *ya*, ゆ *yu*, よ *yo*.
- アサカラバンマデ (*asa kara ban made* [de manhã até à noite]), texto com expressões de cumprimentos, tais como: bom dia, boa noite etc., e atividades que exercemos durante o dia, como: lava o rosto, ajuda etc, por substantivos.
- サル (*saru* [macacos]), pequeno texto que contém a forma de contar animais como macaco de 1 a 10, com ideogramas.
- 手ト足 (*te to ashi* [mão e pé]), aparece o verbo e o desenho da ação. São ações praticadas com o pé e com a mão, por exemplo: (モツ *motsu* [segurar algo]) e (ハシル *hashiru* [correr]).
- ジドウシャ (*jidôsha* [automóvel]), pequeno texto que contém forma de contar automóvel, de 1 a 10, com ideogramas.

Livro 2:

- 口と耳 (*kuchi to mimi* [boca e ouvido]), são frases utilizando as palavras boca e ouvido
- わとは おとを えとへ (*wa to ha o to wo e to he*), são frases usando as partículas わ *wa*, は *ha*, お *o*, を *o*, え *e* e へ *e*.
- わたしは なんでしょう (*watashi ha nandeshō* [o que eu sou]) são frases para adivinhações.
- ことば つなぎを しましょう (*kotoba tsunagi o shimashō* [ligar palavras]) exercício de ligar sujeito e predicado (complementos e verbos)
- かんじは こうして できました (*kanji ha kōshite dekimashita* [é assim que surgiu o ideograma]) são figuras que mostram a formação dos ideogramas de origem pictórica.
- 一しゅうかんは 七日 (*ishūkan ha nanoka* [sete dias da semana]) contém os dias da semana, em ideogramas.
- はんたいの ことばを かんがえましょう (*hantai no kotoba wo kangaemashō* [vamos pensar o antônimo da palavra]) são alguns adjetivos e substantivos para as crianças falarem o antônimo.
- おはなしづくり (*ohanashi tsukuri* [vamos formar uma frase]) é um texto, em que as crianças deverão formar frases com as palavras dadas.

Livro 3:

- ことばあそび (*kotoba asobi* [brincando com palavras]), texto no qual as crianças brincam formando frases.
- こんどは 「なかよしことば」です (*kondoha “nakayoshi kotoba” desu* [palavras que combinam]), texto para brincar com as palavras que aparecerão no desenho.
- 音 (*oto* [barulho]), texto em que aparecem onomatopeias.
- 「はい」と「いいえ」(*hai to iie* [sim e não]), texto com várias perguntas para se utilizar “sim” ou “não” como resposta.
- 木 (*ki* [árvore]) frases utilizando a palavra 木 *ki* [árvore]
- ひらがなとかたかな (*hiragana to katakana*), texto explicando quando utilizamos as letras *hiragana* e o *katakana*.
- 早口ことば (*kayakuchi kotoba* [travalinguas]), são frases de travalingua.
- あいうえおの うた (*aiueo no uta* [música do aiueo]) são vocabulários para treinar a leitura do *hiragana* e *katakana*.
- 日のよみ方 (*hi no yomikata* [leitura dos dias]), lista com os dias do mês, em ideogramas.

Livro 4:

- 何でしょう (*nandesshō* [o que será?]), é um texto com dicas para o aluno descobrir o que é.
- 長く のばす 音 (*nagaku nobasu oto* [sons prolongados]), texto explicando o uso do prolongamento com as letras あ a, い i, う u, え e, お o.
- 「てん」と「まる」 (*ten to maru* [vírgula e ponto]), texto explicando o quanto é importante o uso do ponto e da vírgula.
- ことば さがし (*kotoba sagashi* [procurando palavras]), palavras cruzadas com frases para as crianças adivinharem.
- いろはがるた (*irohagaruta* [jogo de cartas]), jogo de cartas com *hiragana*.

Embora seja no capítulo 5 que reunimos nosso estudo dos empréstimos – lexicais – do português nos livros 1, 2, 3 e 4 do *Nippongo*, identificamos uma grande quantidade nos textos do grupo 文字・表記 (*moji-hyōki* ou letras e representação), segundo a classificação encontrada em Suenaga (2005, anexo 3 – 2). Representamos esse número e propriamente os empréstimos nos quadros que seguem.

Quadro 2:**Textos do grupo *Moji-Hyōki* do livro 1 – Ocorrência de empréstimos**

Página	Texto	Conteúdo do texto	Empréstimo
19	マモン <i>Mamon</i>	Ideogramas de número, de 1 a 5	マモン
26	コトバアソビ <i>Kotoba asobi</i>	Identificar palavras japonesas equivalentes aos empréstimos do português	リリオ ポルコ ラピス マカコ ボネッカ

Quadro 3**Textos do grupo *Moji-Hyōki* do livro 2 – Ocorrência de empréstimos**

Página	Texto	Narrativa	Empréstimo
57	ことばつなぎ <i>Kotoba tsunagi</i>	Construir frases com os termos da oração dados (sujeito; complemento verbal; predicado verbal)	タマンコ

Quadro 4

Textos do grupo *Moji-Hyōki* do livro 3 – Ocorrência de empréstimos

Página	Texto	Narrativa	Empréstimo
16	ことばあそび <i>Kotoba asobi</i>	Uma narrativa em que crianças se reúnem na casa de Mário e fazem jogos de palavras. O primeiro, de formar frases com predicados adjetivais (de flexão i). O outro jogo, de completar campos semânticos.	(マリオ)* (ローザ) カデルノ パスト
37	声 <i>Koe</i>	Sentenças que contém onomatopeias que se referem a voz de animais e choro de um bebê.	パスト
51	木 <i>Ki</i>	Um lista de nomes de árvores e diferentes ocorrências do substantivo 木 (<i>ki</i> , árvore) numa frase.	アバカテ
58	ひらがなとかたかな <i>Hiragana to katakana</i>	Um texto explicativo sobre o uso do fonossilabário <i>hiragana</i> e <i>katakana</i> para grafar topônimos, antropônimos e onomatopeias.	(サン・パウロ) (ブラジリア) (ベレン) (チラデンテス)
86	あいうえおのうた <i>A-i-u-e-o no uta</i>	Jogo de palavras para ensinar a disposição do silabário <i>hiragana/katakana</i> no quadro <i>gojū onzu</i> .	アバカテ カナリア サボン タマンコ ナター ル マモン ランバリー ガンソ パパガイオ ピカパウ

*Entre parênteses, substantivos próprios.

Quadro 5

Textos do grupo *Moji-Hyōki* do livro 4 – Ocorrência de empréstimos

Página	Texto	Narrativa	Empréstimo
30	長くのばす音 <i>Nagaku nobasu oto</i>	Texto explicativo sobre representação das sílabas longas com fonossilabário <i>hiragana</i> e <i>katakana</i>	ボーロ シーカラ セボーラ カジュー
54	つづいて思い出すこと <i>Tsuzuite omoidasu koto</i>	Narração de uma aula em que o professor propõe os alunos buscarem palavras de um campo semântico	ナタール
65	見たことやしたこと <i>Mita koto ya shita koto</i>	Numa aula, os alunos formam sentenças descritivas curtas.	サーラ フェイジョン
72	ことばさがし <i>Kotoba sagashi</i>	Palavra cruzada. Buscar palavra japonesa equivalente a pais (pai e mãe)	パパイ ママイ

“.....デ” (*de*), “.....へ” (*e*)

E também partículas modalizadoras de ênfase²⁵:

“.....ハ” (*wa*), “.....モ” (*mo*), “.....ヨ” (*yo*)

A mesma marcação precede auxiliares verbais, tais como: “.....マシタ” (*mashita*), “.....マシヨウ” (*mashō*), “.....シテ²⁶” (*shite*); assim como o verbo *suru* que forma, com substantivos, outros verbos: “.....スル” (*suru* [fazer]).

オモナ コトバ		オモナ コトバ		オモナ コトバ	
ページ	コトバ	ページ	コトバ	ページ	コトバ
4	ソラ	10	ニ	1	シテ
5	アオイ		アサヒ	22	オクレ (クレ)
6	ヒロイ		ノボル		アカ
7	ウシ	17	ニシ		シロ
	ト		キレイ		キ
	ウマ		ナ		アオ
8	イヌ		ユウヤケ		ミドリ
	ネコ	18	オヤドリ		イロガミ
9	イエ		ムシ		ナラベテ
	イス		ミツケ		(ナラベル)
	ツクエ		(ミツケル)		オリガミ
10	オトウサン		ヒヨコ	23	アソビ
	オハヨウ		ヨンデ (呼ブ)		ニイサン
	オカアサン		デ		ジテンシャ
11	ガッコウ	19	マモン		オバサン
	ガ		ナッテ (ナル)		ウチ
	ミエマス		一ツ		ヘ
	(ミエル)		ニツ		オツカイ
	マス		三ツ		(ツカイ)
12	ホン		四ツ		イキマス
	ヲ		五ツ		(イク)
	ヨミ (ヨム)		アリマス	24	カクレンボ
	マシタ		(アル)		ジャンケンボン
13	フネ	20	アメ (雨)		ヨ
	ノ		フリ (降ル)		アイコ
	エ (絵)		ヘチマ		
	カイテ (カク)		ハナ		
	イマス (イル)		モ	25	ウタ
14	ワタシ		ヌレ		スル
	ハ		(ヌレル)		モウ
	トモダチ	21	テルテルボウズ		イイ (ヨイ)
	ナワトビ		ツクリ		マアタ (マダ)
15	センセイ		(ツクル)	26	ウエ (上)
	サヨウナラ		マシヨウ		シタ (下)
	ミナサン		アシタ		オナジ
16	ヒガシ		テンキ		モノ

Figura 6 – Livro 1, p. 85

²⁵ Segundo Ninomiya (2012), são denominados *kakarijoshi* pelos gramáticos Yoshio Yamada, Shinkichi Hashimoto e Minoru Watanabe; e de *gentei joshi* por Motoki Tokieda.

²⁶ Neste caso, シ (*shi*, verbo *suru* [fazer]) com aglutinação da partícula conectiva て (*te*).

Como já mencionamos no início desta seção, notamos que no final de todos os livros existe uma explicação sobre a proposta que norteou a elaboração de cada volume. Para cada livro há um objetivo principal, seja ele o de aprender *katakana*, *hiragana* e/ou ideogramas, assim como ampliar o conhecimento sobre vários temas, tais como: estudos da sociedade, ciências, cotidiano etc.

Essa parte traz o título 先生と父母へ (*Sensei to fubo e* ou Aos professores e aos pais).

Em seguida, apresentamos as fotos da parte *Aos professores e aos pais* dos livros de 1 a 4, após os quais apresentamos a nossa tradução tecemos rápidas considerações sobre metas indicadas pelos autores.

LIVRO 1

Figura 7 - Livro 1, p. 88

Tradução:

Aos Professores e aos Pais

Este é um livro para introdução ao curso básico da língua japonesa. Atendendo a diversos pedidos de personalidades da colônia envolvidas em curso da língua japonesa, este Livro 1 foi confeccionado em *katakana*. Objetivamos com isso, lecionar por completo sobre a aplicação de *katakana*. Alguns temas sociais, também, foram incluídos, levando-se em consideração as particularidades de língua japonesa ministrada no Brasil.

Por se tratar de um livro didático que vai ser utilizado por crianças que crescerão neste País, na primeira

página desejávamos que o tema fosse bem descontraído, assim, o tema escolhido foi [sora=céu]. E procuramos abordar assuntos que certamente as crianças vivenciarão de muito perto.

Textos: Para avançar do estágio de [Conversação] e [audição] para o estágio de [leitura] e [escrita] procuramos colocar textos descritivos e de conversação bem objetiva .

Letras: Apresentamos em primeiro lugar os *sei-on*, ou letras de sons surdos, e em *katakana*, os *daku-on*, as de sons sonoros, além das partículas *wa* e *e*. Seguiram-se as letras de sons contraídos e a representação da sílaba ejetiva. E, junto com essas letras em *katakana*, apresentamos 24 ideogramas de construções simples.

Ilustrações: As ilustrações cumprem um papel muito importante na aprendizagem auxiliando na compreensão de textos. Procuramos escolher ilustrações que pudessem ser apreciadas com alegria e que representassem a cultura, costume e hábito brasileiro. (Tradução nossa)

A primeira observação a ser feita é a confirmação de que os fonossilabários *katakana* estavam sendo introduzidos antes dos *hiragana* atendendo ao anseio dos professores de japonês da *koronia*²⁷, e contrariamente a o que ocorria no Japão na mesma época.

A escolha de temas tratados nas aulas ou livros de 社会科 (*Shakai-ka* ou Estudos Sociais) é justificada devido ao uso dos livros do *Nippongo* no ensino do japonês no Brasil. A intenção com isso é incluir a vida social dos imigrantes japoneses e seus descendentes nos livros do *Nippongo* já que estava ausente no ensino oficial do Brasil, mas mais do que isso, se tratava de promover a aproximação das crianças com o livro, utilizando, para isso, textos e ilustrações do cotidiano.

O uso da palavra ソラ (*sora* ou céu) para iniciar o livro – porque o desejo dos autores era de que as crianças crescessem neste país, alegres, belas e descontraídas – foi, utilizada até no parecer do Departamento de Educação do estado de São Paulo que aprovou a série *Nippongo*.

Na explicação sobre os tipos de textos que constituem o livro 1, é lembrando que se visa passar de fase da fala e compreensão oral para a da leitura e escrita. Isso mostra que as crianças conversavam em japonês nos seus lares; ou que assim supunham os autores. O ensino, com o uso do *Nippongo*, visava a compreensão de textos escritos e a capacidade de escrever vários tipos de texto.

Sobre as ilustrações, é somente no livro 1 em que existe alguma explicação, lembrando que representam o ambiente e os costumes do Brasil, incluindo cenários da vida da *koronia*.

²⁷ Lembramos novamente que nas décadas de 1950 o termo コロニア (*Koronia*, de colônia) foi usada pelos imigrantes japoneses e seus descendentes para denominar a sua comunidade.

LIVRO 2

Figura 8 - Livro 2, p. 88

Tradução:***Aos Professores e aos Pais***

A partir deste livro passamos a utilizar o *hiragana*. Editamos o livro definindo como objetivo principal a aprendizagem adequada do *hiragana* e uma razoável leitura e escrita de frases.

Sobre os temas iniciamos com aqueles diretamente vividos pelas crianças, evoluindo para temas mais amplos. Levamos em consideração o conhecimento amplo e a formação moral, introduzindo textos sobre estudos da sociedade e sobre ciências.

Texto: Os textos foram em ordem crescente de dificuldade tendo como expectativa, prevendo atividades de composição ou redação.

Letras e palavras: Fizemos o possível para começar em ordem das letras mais fáceis, tanto para ler como para escrever. Depois de visto *seion*, ou letras de sons surdos, aparece os *dakuon*, as de sons sonoros e na sequência *handakuon*. O *kanji*, na complexidade da forma da letra, pensando na necessidade das 29 novas letras, que aparecem 9 letras de *yomikae*. Em se tratando na forma de apresentação das palavras consideramos a importância de introduzir palavras e entender o *hyōjungo* e seu uso.

Tema: o material foi elaborado com o intuito de fácil compreensão para as crianças, extraindo da região adequada e conhecida da época e apropriadas à elas. Incorporamos histórias infantis do Japão e do Brasil e outros países para despertar nos alunos a vontade de estudar. (Tradução nossa)

Trata o livro 2 da “alfabetização” com fonossilabário *hiragana*, visando a leitura e escrita de textos que tivessem nexos. Insiste-se no uso de textos cujos temas são o cotidiano do

qual as crianças fariam parte. Mas, diferindo do livro anterior, há a explicação sobre o acréscimo de textos de uso em aulas/livros de Estudos Sociais e de Ciências com finalidade, entre outros propósitos, de formação moral dos alunos.

Neste texto, há claramente a menção ao japonês padrão (標準語 [hyōjungo]) o qual deveria ser compreendida e também usada.

Aqui, vê-se, embora indiretamente, que a língua de ensino era o japonês padrão do Japão e não o usado na comunidade japonesa no Brasil.

LIVRO 3

Figura 9 - Livro 3, p. 112

Tradução:

Aos Professores e aos Pais

Editamos este livro para que os alunos adquiram a capacidade de falar/ouvir/ler e escrever e também de refletir.

Escolhemos temas sobre escola e o lar para que o aluno compreenda o seu papel na sociedade urbana e rural.

Texto: Incorporamos frases complexas para que o aluno aprenda adequadamente a estrutura e períodos das orações.

Letras e palavras: usamos ideogramas em quantidade um pouco maior que os livros didáticos atuais do Japão. São 73 caracteres novos, sendo 7 deles com 'leituras' diversas dos livros anteriores, e como assunto de

gramática, utilizamos textos chamados *kotoba asobi* ou jogos de palavras.

Em primeiro lugar, faremos o aluno aprender as palavras básicas e, relação às expressões de tratamento, embora já tenham sido utilizadas em pequena quantidade à partir de agora apresentaremos de forma clara.

Tema: Aumentamos os textos com temas sobre estudos sociais e ciências. Incorporamos histórias infantis do Japão e do Brasil e outros países para despertar nos alunos a vontade de estudar.

Neste livro, os autores mencionam as quatro habilidades as quais seriam adquiridas pelos alunos.

Informa-se que se mantém a centralidade dos temas no cotidiano vivenciado pelas crianças, mas com o aumento de textos cujos assuntos são das áreas de estudos sociais e de ciências.

Há referência também às expressões de tratamento as quais, dizem, serão abordadas posteriormente.

LIVRO 4

Figura 10 - Livro 4, p. 112

Tradução:

Aos Professores e aos Pais

Dando continuidade ao volume 3, este livro pretende desenvolver a capacidade de leitura e escrita, e ao mesmo tempo, formar estudantes capazes de ouvir e falar sem perder a parte essencial do texto.

Nessa idade escolar as crianças passam a ter mais interesse pela vida social.

Desse modo ampliamos os temas dos textos às experiências de vida na sociedade. E buscamos com isso a sua utilidade no aprendizado da língua. Sobre os ideogramas e as palavras propomos aqueles que oferecem maior dificuldade que os livros didáticos do Japão.

Texto: Inserimos textos de diferentes tipos, tais como: textos explicativos, informativos, diálogos, etc., considerando os níveis de desenvolvimento linguístico do aluno, e visando tornar esses textos familiares ao mesmo.

Letras: São 65 novos ideogramas, 19 de leitura diversa da anterior.

Temas: Há maior número de temas sobre estudos sociais e ciência. E na área de saúde existe um texto sobre o verme que provoca o amarelão. Introduzimos história infantil do Brasil e do Japão visando despertar o interesse pelo estudo da língua. (Tradução nossa)

Neste livro, embora haja referência às quatro habilidades linguísticas, elas são entendidas de forma diferenciada, o livro visava antes de tudo a leitura e a escrita, mas supondo que a conversação (falar e ouvir) já fosse feita nos lares, essa habilidade era para ser aperfeiçoada se atentando para o essencial.

Fala-se em tipos textuais variados como as explicativas, de relatos, de diálogos que contemplam expressões adequadas.

Mantém-se referências ao uso de textos em estudos sociais e de ciências como nos dois anteriores.

Até o livro 4 os textos narrativos, sejam relatos, histórias infantis, descrições etc. mantém a narração na forma de polidez com o uso de *–ます (masu)*, *–です (desu)* nas terminações de frases.

Portanto, observamos que vários tipos de textos, foram inseridos, tais como: textos explicativos, informativos, diários, poesias, fábulas, etc., considerando os níveis de desenvolvimento linguístico do aluno

Notamos que na lista de palavras, além das palavras que serão utilizadas no livro, também nos é apresentada algumas formas gramaticais sem nenhuma explicação sobre gramática. E por fim, o guia aos professores e pais, tem como proposta mostrar o que será desenvolvido em cada livro, apontando sugestões de como desenvolver cada texto. Todos os livros seguiam a mesma proposta, desenvolver a capacidade de leitura e escrita, despertar o interesse pela língua com textos atrativos relatando as experiências da vida cotidiana das crianças no Brasil, assim como textos referentes ao Japão.

CAPÍTULO 4

SOBRE OS CARACTERES NOS LIVROS *NIPPONGO* – 1 A 4

4.1. Sobre os fonossilabário *hiragana* e *katakana*

4.2. Sobre os ideogramas nos *Nippongo*

A língua japonesa moderna possui um sistema misto de escrita: fonossilábicos e ideográfica ou logográfica. Logográfica porque por meio de um único símbolo representa um conceito concreto ou abstrato da realidade. Esse símbolo ou grafema conceitual é o ideograma por se tratar de um símbolo gráfico e não uma imagem ou pictograma. E a escrita japonesa é também fonossilábica pois se utiliza de símbolos para representar sons silábicos, caso dos *kana* – *hiragana* e *katakana*. Podemos dizer que se vale também da escrita fonética por meio da transliteração pelo alfabeto latino, embora de uso restrito.

O uso da escrita no Japão se deu pela adoção da escrita chinesa, os ideogramas – chamados *kanji*, em japonês, ou *hànzí*, em mandarim –, os quais foram introduzidos por volta do século VI. Os fonogramas silábicos *kana* surgiram posteriormente através da simplificação dos ideogramas chineses. O alfabeto latino foi adotado no início do século XX.

4.1. Sobre os fonossílabos *hiragana* e *katakana*

Nesta parte de nosso estudo dos livros 1 a 4 de *Nippongo*, analisaremos o uso do sistema de escrita composto pelo *hiragana* e *katakana*, que é silábico e destituídas suas grafias de significado, e assemelham-se ao nosso sistema alfabético, uma vez que, são tentativas de representação dos sons da língua falada. O *kana* constitui-se de sinais gráficos em número de 104 grafemas. Essas grafias representam sílabas, constituindo um sistema silábico. As letras *katakana* e *hiragana* são duas versões do mesmo conjunto de sons do japonês. É o silabário representativo de alguns sons ou combinação de sons atualmente pronunciados pelos japoneses. Foram criados há aproximadamente mil anos pela simplificação ou uso de parte dos ideogramas. O *hiragana* surgiu da simplificação, ou de sua parte, e o *katakana* da parte desses caracteres como exemplificados nas nos quadros 6 e 7.

A tabela do silabário japonês foi construída baseando-se na análise da língua. Tem origem na organização dos sons japoneses em componente vogal e componente consoante. A tabela do silabário atual (ver o quadro 8) contém 46 fonogramas de *kana* não modificado. As linhas I, II, III, IV e V são denominadas *dan* e as colunas de 1 a 11 denominadas de *gyō*. São indicadas em cada linha por: i- a transcrição em escrita romanizada; ii- a transcrição em *hiragana*; iii- a transcrição em *katakana*.

Quadro 6 – Origem do *hiragana*

无 えん	和 わ	良 ら	也 や	末 ま	波 は	奈 な	太 た	左 さ	加 か	安 あ
	爲 ゐ	利 り		美 み	比 ひ	仁 に	知 ち	之 し	機 き	以 い
		留 る	由 ゆ	武 む	不 ふ	奴 ぬ	川 かわ	寸 す	久 く	宇 う
	恵 ゑ	礼 れ		女 め	部 ぶ	祢 ね	天 て	世 せ	計 け	衣 え
	遠 と	呂 ろ	与 よ	毛 も	保 ほ	乃 の	止 と	曾 そ	己 こ	於 お

Fonte: Aprenda Nihongo²⁸Quadro 7 – Origem do *katakana*

ア 阿	イ 伊	ウ 宇	エ 江	オ 於
カ 加	キ 機	ク 久	ケ 介	コ 己
サ 散	シ 之	ス 須	セ 世	ソ 曾
タ 多	チ 千	ツ 川	テ 天	ト 止
ナ 奈	ニ 仁	ヌ 奴	ネ 祢	ノ 乃
ハ 八	ヒ 比	フ 不	ヘ 部	ホ 保
マ 末	ミ 三	ム 牟	メ 女	モ 毛
ヤ 也		ユ 由		ヨ 與
ラ 良	リ 利	ル 流	レ 礼	ロ 呂
ワ 和	ヰ 井		エ 恵	ヲ 乎
ン 尔				

Fonte: Aprenda Nihongo

A característica básica dos *hiragana* é que cada símbolo representa apenas um som, geralmente uma sílaba. Ademais, esses símbolos só representam o som, não possuem valor semântico quando isolados. Fisicamente falando, suas formas são mais arredondadas. Hoje o *hiragana* é utilizado nas palavras para as quais não há ideograma ou no lugar do ideograma. Também é utilizado em partículas gramaticais, flexões de adjetivos e verbos, indicadores de leitura de ideogramas chamados *furigana*.

²⁸ <http://aprendanihongo.wordpress.com>

Quadro 8 – Tabela do silabário japonês gojū onzu- *Hiragana e Katakana*

HIRAGANA											
11	10	9	8	7	6	5	4	3	2	1	
WO	WA	RA	YA	MA	HA	NA	TA	SA	KA	A	i
を	わ	ら	や	ま	は	な	た	さ	か	あ	ii
ヲ	ワ	ラ	ヤ	マ	ハ	ナ	タ	サ	カ	ア	iii
		RI		MI	HI	NI	CHI	SHI	KI	I	i
		り		み	ひ	に	ち	し	き	い	ii
		リ		ミ	ヒ	ニ	チ	シ	キ	イ	iii
		RU	YU	MU	FU	NU	TSU	SU	KU	U	i
		る	ゆ	む	ふ	ぬ	つ	す	く	う	ii
		ル	ユ	ム	フ	ヌ	ツ	ス	ク	ウ	iii
		RE		ME	HE	NE	TE	SE	KE	E	i
		れ		め	へ	ね	て	せ	け	え	ii
		レ		メ	ヘ	ネ	テ	セ	ケ	エ	iii
N		RO	YO	MO	HO	NO	TO	SO	KO	O	i
ん		ろ	よ	も	ほ	の	と	そ	こ	お	ii
ン		ロ	ヨ	モ	ホ	ノ	ト	ソ	コ	オ	iii
											V

Com relação ao *katakana*, este resultou do processo de abreviar ideogramas, utilizado pelos bonzos aprendizes em anotações dos sutras escritos em chinês. Para poderem melhor acompanhar os dogmas e preceitos que lhes eram ensinados nas escolas dos templos, esses bonzos faziam as anotações com formas abreviadas ou simplificadas dos ideogramas (SUZUKI *et.al.*, 2001). Atualmente os *katakana* são utilizados nos seguintes casos: palavras estrangeiras e palavras de origem estrangeiras; nomes de lugares e de pessoas estrangeiras; termos científicos e médicos; para nomear animais e plantas; para representar onomatopeias e para grifos.

Fukusawa *et al.* (2001, p. 24) assevera que além das sílabas expostas no silabário abordado, existem também sílabas e sinais que tem papel importante na escrita japonesa como os mostrados a seguir (ver quadro 9 também):

- a) *Dakuon* – Sinal diacrítico posicionado na parte superior direita das sílabas pertencentes à coluna do KA か [ka] き [ki] く [ku] け [ke] こ [ko], SA, TA e HA, indicando as transformações respectivamente para GA が [ga] ぎ [gi] ぐ [gu] げ [ge] ご [go], ZA, DA, e BA.

- b) *Handakuon* – Assim como o *dakuon*, o *handakuon* também é um sinal diacrítico posicionado na parte superior direita das sílabas pertencentes somente à coluna HA は [ha] ひ [hi] ふ [fu] へ [he] ほ [ho] indicando a mudança para PA ぱ [pa] ぴ [pi] ぷ [pu] ぺ [pe] ぽ [po].

Quadro 9 – sons *Dakuon* e *Handakuon* (*hiragana* e *katakana*)

Handakuon	Dakuon					
5	4	3	2	1		
PA	BA	DA	ZA	GA	i	I
ぱ	ば	だ	ざ	が	ii	
バ	バ	ダ	ザ	ガ	iii	
PI	BI	JI	JI	GI	i	II
び	び	ぢ	じ	ぎ	ii	
ビ	ビ	ヂ	ジ	ギ	iii	
PU	BU	ZU	ZU	GU	i	III
ぶ	ぶ	づ	ず	ぐ	ii	
ブ	ブ	ヅ	ス	グ	iii	
PE	BE	DE	ZE	GE	i	IV
べ	べ	で	ぜ	げ	ii	
ベ	ベ	デ	ゼ	ゲ	iii	
PO	BO	DO	ZO	GO	i	V
ぼ	ぼ	ど	ぞ	ご	ii	
ボ	ボ	ド	ゾ	ゴ	iii	

- c) *Yōon* – São sons contraídos como きゃ [kya], きゅ [kyu], きょ [kyo], etc. Formam uma única sílaba e são escritos acoplados as sílabas や [ya], ゆ [yu] ou よ [yo] em tamanhos menores a outras letras da linha I, exceto o いイ[i].

Quadro 10 - sons de Yōon- *Hiragana e Katakana*

4	3	2	1	
O	U	A		
きよ	きゅ	きや	KI	i
キヨ	キユ	キヤ		ii
(kyo)	(kyu)	(kya)		iii
しよ	しゅ	しや	SHI	i
シヨ	シユ	シヤ		ii
(sho)	(shu)	(sha)		iii
ちよ	ちゅ	ちや	CHI	i
チヨ	チュ	チャ		ii
(cho)	(chu)	(cha)		iii
によ	にゅ	にや	NI	i
ニヨ	ニユ	ニヤ		ii
(nyo)	(nyu)	(nya)		iii
ひよ	ひゅ	ひや	HI	i
ヒヨ	ヒユ	ヒヤ		ii
(hyo)	(hyu)	(hya)		iii
みよ	みゅ	みや	MI	i
ミヨ	ミュ	ミヤ		ii
(myo)	(myu)	(mya)		iii
りよ	りゅ	りや	RI	i
リヨ	リュ	リヤ		ii
(ryo)	(ryu)	(rya)		iii
ぎよ	ぎゅ	ぎや	GI	i
ギヨ	ギユ	ギヤ		ii
(gyo)	(gyu)	(gya)		iii
じよ	じゅ	じや	JI	i
ジヨ	ジュ	ジャ		ii
(jyo)	(jyu)	(jya)		iii
ぢよ	ぢゅ	ぢや	JI	i
ヂヨ	ヂュ	ヂヤ		ii
(jyo)	(jyu)	(jya)		iii
びよ	びゅ	びや	BI	i
ビヨ	ビユ	ビヤ		ii
(byo)	(byu)	(bya)		iii
ぴよ	ぴゅ	ぴや	PI	i
ピヨ	ピユ	ピヤ		ii
(pyo)	(pyu)	(pya)		iii

São indicadas em cada linha por: i- transcrição de *yōon* em *hiragana*; ii- transcrição de *yōon* em *katakana*; iii- a transcrição em escrita romanizada.

- d) *Sokuon* – É considerada uma sílaba e tem como função provocar uma pequena interrupção na pronúncia do termo, e é representado pela letra つ/ツ [tsu] em tamanho menor. Por exemplo, em 行ってください, transcrito *ittekudasai*, essa

interrupção está representada por つ [tsu] e pela consoante repetida da sílaba seguinte. Esta transcrição em *katakana* dar-se-á da mesma forma. Por exemplo, ベッド, sendo transcrito por beddo (cama em português), a interrupção ou *sokuon* está sublinhada.

- e) *Chōon* – É um prolongamento do último som representado.

Em *hiragana*, acrescentando あ、い、う、え、お respectivamente às sílabas das linhas de あ [a] い [i] う [u] え [e] お [o], é possível aplicar esse prolongamento. Por exemplo na palavra おかあさん sendo representado por *okāsan* (mãe). No caso da linha do お [o], normalmente se coloca う [u] a fim de prolongar o som de O e às vezes se põe o.

No *katakana* todos os prolongamentos são feitos com um traço (ー). Por exemplo, ノート, transcrito *nōto* (caderno), contém o traço horizontal. Na transcrição em alfabeto, utiliza-se o macron sobre as vogais a, u, e e o, e repete-se o i para prolongar o som das letras da linha do i. Com isso se completa o sistema silábico japonês e cada um de seus componentes linguísticos. A partir daqui, utilizaremos os termos *kana*, *katakana* e *hiragana* para se referir a esses caracteres fonográficos.

4.1.1. Ordem de introdução dos *kanas* nos livros *Nippongo*

Segundo Inamura (2016), a Comissão de Publicação de Livros Didáticos definiu introduzir primeiramente o *katakana* e depois o *hiragana*, uma ordem inversa do que era realizado nas escolas do Japão naquela época, por sugestão do professor Okazaki²⁹ e de outros professores de japonês. Essa ordem de ensino foi discutida durante três meses até ser aceita entre os membros da comissão, de acordo com a professora Kato³⁰ (ACBJ, 1979). O professor Takemoto³¹ justifica essa ordem de ensino-aprendizagem dos *kana* em um artigo no jornal

²⁹ Chikashi Okazaki foi professor de língua japonesa na escola Shunju Hodoen.

³⁰ Chieko Kato foi professora de língua japonesa na ACBJ - Aliança Cultural Brasil-Japão.

³¹ Yoshio Takemoto foi professor do Colégio Gyosei.

Nippaku Mainichi Shimbun (datado de 10/02/1960) onde relata que, de acordo com as opiniões coletadas de professores no período inicial da edição do *Nippongo*, através de um questionário aplicado no curso de aperfeiçoamento de professores, essa era a ordem de ensino do *kana* desejada pela grande maioria dos professores. Também foi sugerido por Takemoto aos que desejassem estudar primeiro o *hiragana*, que esses poderiam começar pelo uso do segundo volume da série que introduz esse silabário.

Os livros didáticos de língua japonesa (*kokugo*) publicados antes da segunda guerra introduziram o ensino do *katakana* no primeiro livro da série. O primeiro livro didático de ensino do japonês editado no Brasil, *Nippongo Tokuhon* (1939) também introduziu o fonograma *katakana* inicialmente.

a) Um livro quase todo em *katakana*: ニッポンゴ (1)

Nos livros *Nippongo*, o fonossilabário *katakana* é a grafia introduzida e usada ao longo do livro 1. Desde o título do livro, o índice, assim como todo o conteúdo está grafado em *katakana*, como mostramos nas figuras a seguir.

Figura 11 – Capa do Livro 1 com título em *katakana*, ニッポンゴ (*Nippongo*)

Índice do volume 1 todo em *katakana*, com exceção dos números de página, que estão grafados em ideogramas.

Figura 12 – Índice do livro 1, p. 2 e 3

Ao folhear o livro, observamos que a apresentação do *katakana* é aleatória, não respeita a ordem *gojū onzu*³² e sim o uso de acordo com os textos propostos. Notaremos na figura 13, no canto superior direito, os *katakana* que são novos no texto. Já na figura 14, os *katakana* quando já apareceu anteriormente, observamos que é sinalizado com um traço (|) indicando que apareceu em outra página. Esse sinal será utilizado em todos os livros *Nippongo* para marcar o que já foi apareceu anteriormente, sejam *kana*, sejam ideogramas.

Esses são os fonossilabários *katakana* apresentados nesse texto: ソ [so] ラ [ra] ア [a] オ [o] イ [i]
Estão aparecendo pela primeira vez no texto.

Figura 13 – Livro 1, p. 4 e 5

Quando sinalizado com o traço vertical (|) significa que a letra já apareceu em página(s) anterior(es).

Figura 14 – Livro 1, p. 14

³² *Gojū onzu* é uma tabela do fonossilabário japonês.

No volume 1 do *Nippongo* a proposta era apresentar o *katakana*, iniciando com palavras simples como nas páginas iniciais do livro e, na sequência, frases curtas. No final do livro, surgem textos mais extensos. Também observamos, como já foi falado em páginas anteriores, que os *katakana*, nos livros posteriores, serão usados para escrever palavras emprestadas do português, tais como: nomes de cidades, nome de pessoas, plantas e animais da flora e fauna brasileira. Vejamos nas 3 figuras abaixo o exemplo mencionado acima. Na figura 15 (A) e 16 (B), notamos a apresentação de palavras simples ou expressões. Na figura 17 são frases ou expressões curtas, mas com a introdução de sentenças. Na figura 18 temos uma única sentença, porém mais longa e com o uso de ideogramas.

Apresentação de palavras simples sem constituir expressão ou sentenças.

- 1 イエ [ie casa]
- 2 イス [isu cadeira]
- 3 ツクエ [tsukue escrivania]

Figura 15 (A) – Livro 1, p. 9

Na página 6 temos uma expressão, ainda sem formar uma sentença:

ヒロイ ノハラ [*Hiroi nohara*] ou campo extenso (tradução nossa)

Nota-se que aparece um adjetivo ヒロイ [*hiroi*] modificando o substantivo ハラ [*hara*].

Figura 16 (B) – Livro 1, p. 6 e 7

Na página 7 temos:

ウシ ト ウマ [*ushi to uma*] Bois e cavalos (tradução nossa)

Aqui notamos uma expressão. Duas palavras unidas pela partícula ト [*to*] que tem a função, neste exemplo, de ligar dois substantivos.

Figura 17 – Livro 1, p. 22 e 23

Transliteração e tradução da página 22:

Aka (vermelho)

Shiro (branco)

Ki (amarelo)

Ao (azul)

Midori (verde)

Irogami narabete, origamiasobi. (Separa as cores, brincar de origami)

Transliteração e tradução da página 23:

Niisan ga, jitensha de obasan no uchi e otsukai ni ikimasu.

(O meu irmão mais velho vai de bicicleta à casa da minha tia [a mando de minha mãe/pai].)

Na página 23 do livro 1, temos um texto formado por uma sentença constituído de:

Niisan ga = sujeito

Jitensha de = meio

Obaasan no = modificador

Obasan no uchi e = destino

Otsukai ni = finalidade

Ikimasu = núcleo do predicado verbal

Figura 18 – Livro 1, p. 37

Transliteração e tradução da página 37:

Yoshiokun no tanjyōbi ni obasan ga kimashita. (A tia veio no dia do aniversário do Yoshio.)

– Purezente yo. (Olha o presente!)

– Obasan arigatō. (Obrigada, tia)

Yoshiochan wa, nikkori shite uketorimashita. (Yoshio recebeu o presente sorridente.)

O texto da página 37 do livro 1 é uma pequena narrativa, incluindo diálogo. Sobre a ocorrência de ideograma em タンジヨウ日 (*tanjyōbi*) e o empréstimo do português プレゼンテ (*purezente*) ao invés de プレゼント (*purezento*), comentaremos nos capítulos 4 e 5.

Esta mesma disposição dos textos no livro 1, apresentada nas figuras anteriores, aparecerá no volume 2: primeiramente palavras simples, igualmente substantivos que nomeiam as coisas visíveis no cotidiano, seguindo-se expressões também simples, muitas vezes modificadores com substantivos ou substantivos elencados com a partícula aditiva と [to]; um pouco depois, textos com uma só sentença; e, por fim, textos mais longos com vários períodos.

A lista de palavras do livro com o título オモナ コトバ (*Omona kotoba* [palavras essenciais]) é apresentada no final do livro, todo escrito em *katakana*, já que a proposta do livro era proporcionar o domínio deste fonossilabário pelos estudantes.

Notamos que as palavras estão listadas da seguinte maneira:

- advérbios, numerais e substantivos sem partículas, como por exemplo:

- ナカナカ: *nanakana* [advérbio que significa “não muito”; “não facilmente”], contido no texto da p. 64,
- ハツ: *hatsu* [numeral “seis”], de texto da p. 33,
- ウミ (海): *umi* [substantivo de “mar”], de texto da p. 38,
- オニブス (Ônibus): *onibusu* [outro substantivo: “ônibus”], do texto da p. 62,
- キレイ: *kirei*³³ [bonito], contido no texto da p. 17
 ナ: *na* [flexão ou desinência da função atributiva]
- ドンナ: *donna* [pronome interrogativo adjetivo “como”], do texto da p. 27, etc.
 デシヨ ウ: *deshō*, é um auxiliar de suposição

- verbos e adjetivos na forma como ocorre nos respectivos textos, tais como:

- ミナガラ (見ル): *minagara* [verbo, “vendo”] (*miru* [verbo “ver”]), está na forma que indica simultaneidade de ações, no caso, juntamente com a ação de andar – アルク *aruku* – do texto da p. 31.
- ヤスマズ (ヤスマナイ): *yasumazu* [sem descansar] (*yasumanai* [idem]), está na forma de negação, se ligando ao predicado verbal seguinte que é correu – ハシリマシタ *hashirimashita* – do texto da p. 35.

³³ Como veremos no capítulo 5, esta palavra pertence à classe dos adjetivos e, em japonês, *keiyōdōshi* – na gramática escolar japonesa – ou *na-keiyōshi* no ensino do japonês para estrangeiros.

オモナ コトバ			オモナ コトバ		
ページ	コトバ	ページ	コトバ	ページ	コトバ
4	ソラ	16	アサヒ	21	オクレ (クレ)
5	アオイ	17	ニシ	22	アカ
6	ヒロイ	18	オヤドリ	23	シロ
7	ウシ	19	マモン	24	キ
8	イヌ	20	アリマス	25	アオ
9	ネコ	21	アメ (雨)	26	ミドリ
10	イヌ	22	フリ (降ル)	27	イロガミ
11	ツクエ	23	ヘチマ	28	ナラベチ
12	オトウサン	24	ハナ	29	オレガミ
13	オハヨウ	25	メレ	30	アソビ
14	オカアサン	26	メル	31	ニイサン
15	ガッコウ	27	メル	32	ジテンシャ
16	ミエマス	28	メル	33	オバサン
17	ミエマス	29	メル	34	ウチ
18	ホン	30	メル	35	オツカイ
19	ヨミ (ヨム)	31	メル	36	ツカイ
20	マシタ	32	メル	37	イキマス
21	フネ	33	メル	38	イグ
22	エ (絵)	34	メル	39	カクレンボ
23	カイテ (カク)	35	メル	40	ジャンケンボン
24	イマス (イル)	36	メル	41	アイコ
25	ワタシ	37	メル	42	ウタ
26	トモダチ	38	メル	43	スル
27	ナワトビ	39	メル	44	モウ
28	センセイ	40	メル	45	イイ (ヨイ)
29	サヨウナラ	41	メル	46	マアダ (マダ)
30	ミナサン	42	メル	47	ウエ (上)
31	ヒガシ	43	メル	48	シタ (下)
32		44	メル	49	オナジ
33		45	メル	50	モノ
34		46	メル	51	
35		47	メル	52	
36		48	メル	53	
37		49	メル	54	
38		50	メル	55	
39		51	メル	56	
40		52	メル	57	
41		53	メル	58	
42		54	メル	59	
43		55	メル	60	
44		56	メル	61	
45		57	メル	62	
46		58	メル	63	
47		59	メル	64	
48		60	メル	65	
49		61	メル	66	
50		62	メル	67	
51		63	メル	68	
52		64	メル	69	
53		65	メル	70	
54		66	メル	71	
55		67	メル	72	
56		68	メル	73	
57		69	メル	74	
58		70	メル	75	
59		71	メル	76	
60		72	メル	77	
61		73	メル	78	
62		74	メル	79	
63		75	メル	80	
64		76	メル	81	
65		77	メル	82	
66		78	メル	83	
67		79	メル	84	
68		80	メル	85	
69		81	メル	86	
70		82	メル	87	
71		83	メル	88	
72		84	メル	89	
73		85	メル	90	
74		86	メル	91	
75		87	メル	92	
76		88	メル	93	
77		89	メル	94	
78		90	メル	95	
79		91	メル	96	
80		92	メル	97	
81		93	メル	98	
82		94	メル	99	
83		95	メル	100	

Figura 19a – Omona kotoba do Livro 1, p. 84 e 85

ページ	コトバ	ページ	コトバ	ページ	コトバ	ページ	コトバ	ページ	コトバ	ページ	コトバ
40	川	43	大キナ (大キイ)	48	(数エル)	56	ナイ (無イ)	64	ナカナカ	70	ダンデン
	ナガレテ (流レル)		コエ (声)		グラン	57	ジブン		ウゴキ (動ク)		タイヘン
	オチマシタ (落ちル)		ダシマシタ		…ナサイ		ゲンキ	65	人		ムスメ (娘)
	キシ (岸)		(出ス)		一	58	ジドウシャ (自動車)		シラヌ (知ラナイ)	71	オヨメサン (嫁)
	アガロウ (アガル)		キイテ (聞ク)		二		ダイ (台)		クサ (草)		オシイ
	アシ (足)		バット		三		ツツイテ (銃ク)		タベテ (食ベル)		セカイ (世界)
41	バタバタ		ンデ (飛ブ)		四	59	カタ (方)		マ (間)		イチバン (一番)
	サセテ (サセル)		アサ (朝)	49	六	60	テガミ (手紙)		…ニカ		エライ (偉イ)
	タスケテ (助ケル)		バン (晩)		七		コンド (今度)		ネムッテ (ネムル)		カンガエマシタ (考エル)
	カワイソウ		マデ		八		ボク		シマイマシタ (シマウ)	72	トコロ (所)
	オモッテ (思ウ)		ハヤオキ (早起キ)		九		ヒル (昼)	66	オコサレマシタ (オコサレル)		アナタ
	ハ (葉)		カオ (顔)		十		クダサイ		ムコウ (町)		ドウカ
	一マイ		アライ (洗ウ)	50	エニツキ (絵日記)	61	オメデトウ キット		マチ (町)	73	コトワリ (コトワル)
	ソバ		シタク		ハネ			67	オヨイデ (オヨグ)		…ヨリ
	ヤリマシタ (ヤル)		ベンキョウ (勉強)		ナオシテ	62	オニブス (Ônibus)		シッポ		モット
		45	タダイマ		…ノデ		サン・パウロ (São Paulo)		ヒラヒラ	74	ビックリ
			テ (手)		ナッタ (ナル)		アト		ナットモ		グレ (銀)
42	ツカマリ (ツカマル)		イタダキマス (イタダク)	51	タキビ		ズンズン		ツカレナイ (疲レル)		タズネマシタ (導ネル)
	コト (事)		ヨク		サン・ジョン (São João)		オイコシテ (追いコス)	68	カルタ		クモ (雲)
	ヒトリ		ゴチソウ		スル	63	バスト (Pasto)		オモチャ		イクラ
	リョウシ		…サマ		ナゲル (投ゲル)		…マセン	69	キミ (君)		テッテ (照ル)
	トオリ (通ル)		テツダイ (手伝ウ)		サゲル		ハタケ (畑)		グツ (靴)		カクサレテ
	カカリ		フロ		モツ (持ツ)		ハヤシ (林)		ミガク		カナイマセン (カナウ)
	(カカル)	46	ハミガキ (歯ミガキ)		ニギル		…ヤ		ケイト (毛糸)	77	カベ (壁)
	テッポウ		ヨル (夜)		ケル	53	中 (ナカ)		アミモノ		イッショウケン
	ウトウ (ウツ)		モリ (森)		フム		ハシ (橋)		コオロギ		メイ (一生懸命)
43	ソレ		月 (ツキ)		ヒナタ		スグ		ナク (鳴ク)		ヘイキ (平気)
	イソイデ (急グ)		アノ		コチラ		マエ (前)			78	カジラレ (カジル)
	ハイ (這ウ)		ハナシ (話)		オイデ		ネテ (ネル)	70	ネズミ		タマリマセン (タマラナイ)
	ソシテ		コノ		セナカ		ウンテンシュ (運転手)		アカチャン		ナルホド
	チカラ (力)	47	子		ノリ		オイマシタ (送ウ)		ウマレマシタ (生マレル)		
	イッパイ		ホシ (星)		(ノル)						
	カミ (カム)		ビカビカ	55	ホカ (外)						
			ヘンジ (返事)		ハシゴ						
		48	…デス								
			カンゾエテ	56							

Figura 19b – Omona kotoba do Livro 1, p. 82 e 83

Quando observamos *chōon*, na figura 20 temos três palavras: オトウサン [*otōsan*]; オハヨウ [*ohayō*]; オカアサン [*okāsan*] e estes vocabulários representam o prolongamento em palavras pelas letras ウ [u] e ア [a]. Um ponto interessante é que quando se escreve em *katakana*, geralmente prolongamento é representado pelo traço (|) ou (—), no entanto, no livro 1 em nenhum momento o prolongamento se dará com o traço (|) ou (—). Essa regra ortográfica só se aplica às palavras estrangeiras

Figura 20 – Livro 1, p. 10 e 11

Nesse trecho, as palavras オトウサン [*otōsan pai*], オハヨウ [*ohayō bom dia*] e オカアサン [*okāsan mǎe*] não são palavras estrangeiras, não sendo considerada marco de estrangeirismo incorporado ao léxico em japonês como uma palavra. Por isso, o prolongamento vem representado pelas letras ウ [u] e ア [a]. Pela regra ortográfica, オトウサン se escreve em *hiragana* おとうさん, ou em *hiragana* com ideograma お父さん. Somente no livro 3 encontraremos pela primeira vez, uma palavra em *katakana* com sinal de prolongamento: テープ [*tēpu*, fita].

Figura 21 – Livro 3, p. 91

O *sokuon* é representado pela letra ツ [tsu] em tamanho menor como realmente é apresentado no ensino atual, como a palavra ガッコウ [gakkō- escola] aparece na figura 22:

Figura 22 – Livro 1, p. 11

Observamos nestas figuras que desde o primeiro livro aparecem as representações das partículas を e は de forma correta. Neste caso é o [ヲ wo]

マリオサング、ホンヲ ヨミマシタ。

Mariosanga, honwo yomimashita. (Mario leu o livro)

ウサギハ、トチュウデ ヒルネヲ シマシタ。

Usagiwa, tochyūde hirunewo shimashita. (O coelho tirou uma soneca no caminho)

Figura 23 – Livro 1, p. 12

Figura 24 – Livro 1, p. 34

Quando sinalizado com o traço vertical (|) significa que a letra já apareceu em página(s) anterior(es). Neste caso a letra は foi introduzido como [ha], mas nesta parte ela representa o som [wa] porque é uma única partícula, e que está posposta a わたし [watashi – eu]

Figura 28 – Livro 2, p. 16

No livro 2 do *Nippongo*, a apresentação dos textos seguirá a mesma proposta do livro 1, porém foi apresentando o *hiragana*. Inicia-se com palavras simples como nas páginas iniciais do livro e, na sequência, frases curtas. No final do livro, surgem textos mais extensos. Vejamos nas 3 figuras abaixo o exemplo mencionado acima. Na figura 29 e 30 notamos a apresentação de palavras simples ou expressões. Na figura 31 temos uma única sentença, porém mais longa e com o uso de ideogramas.

Apresentação de palavras simples sem constituir expressão ou sentenças.

- ①しろ[shiro branco]
- ②しろい [shiroi cor branca]
- ③とり [tori pássaro]

Figura 29 – Livro 2, p. 4 e 5

Aqui notamos uma expressão. Duas palavras unidas pela partícula の [no] que tem a função de ligar dois substantivos.

ち ち ち [chi chi chi - som gronear de pássaro]

ことりの こえ [kotorino koe - canto de pássaro]

Figura 30 – Livro 2, p. 6 e 7

Texto com uso de ideograma para grafar os substantivos: 石 [ishi-pedra]

方 [hō-direção]

Figura 31 – Livro 2, p. 25

O livro 2 era destinado ao ensino das fonossílabas *hiragana*, o *sokuon* e o *chōon* já aparecem da forma como são estudados nos livros didáticos atuais, vejamos o exemplo abaixo:

Notamos que quando a palavra é grafada em *hiragana*, o *sokuon* vem representado pela letra つ[tsu] menor, como em よって [yotte] e おったり [ottari]

Figura 32 – Livro 2, p.12 e 13

Notamos que o *chōon* no texto abaixo vem representado pela letra う [u]

おべんとう [obentō] e

ありがとう [arigatō]

Figura 33 – Livro 2, p. 18 e 19

As palavras grafadas em *katakana* neste livro 2 são todas palavras do português adaptadas à fonética japonesa. Por exemplo, ブルーザ [*burūza*, blusa] ミーリヨ [*miiryō*, milho] ランバリー [*ranbarii*, lambari] e カフェー [*kafē*, café], nas quais as sílabas longas foram grafadas com o uso do traço (|) como foram sublinhadas. Na figura 34 vemos ミーリヨ [*miiryō*, milho]. A sílaba ejective ou que sofre interrupção está representada, como na ortografia, com a letra ツ [*tsu*] menor, como em ラッタ [*ratta*, lata]. A sílaba tônica muitas vezes é convertida em sílaba ejective, como nesse caso de ラッタ [*ratta*, lata] ou em longa como em ブルーザ [*burūza*, blusa] ミーリヨ [*miiryō*, milho] ランバリー [*ranbarii*, lambari] e カフェー [*kafē*, café]

ミーリヨ [*miiryō*, milho]: o prolongamento quando a palavra está grafada em *katakana* vem representado com o traço (—) ou (|)

ラッタ [*ratta*, lata]
O *sokuon* vem representado pela letra ツ [*tsu*]

Figura 34 – Livro 2, p. 32

Foi observado que em nenhum momento o livro didático aborda a prática da escrita de *hiragana* e *katanaka* como nos livros atuais, com letras em quadrados, com indicação de ordem de escrita. Existe um livro de atividades de escrita que acompanha o livro, chamado *Nippongo kakikata*, do qual só tivemos acesso ao do livro 3, que levava o aluno à caligrafia principalmente de ideogramas. (ver figura 35 e 36). Apenas é enfatizado a leitura de *hiragana* e alguns ideogramas e reforçando o *katakana* que foi aprendido no livro 1. Não observamos nenhuma atividade sobre aspectos gramaticais. Pois, conforme mencionado no 先生と父母へ [Sensei to fubo e – Aos professores e aos pais] isso se deve ao fato do livro didático em questão focalizar o ensino e aprendizagem através da leitura, formando estudantes capazes de ouvir e falar. Observamos que diferente dos livros didáticos atuais, o *hiragana* e *katakana* no livro *Nippongo* foram introduzidos aleatoriamente, pois em nenhum momento é apresentado a forma correta de escrita, traço a traço de cada letra. Não há a preocupação de ensinar através do *dan* [linha] e *gyō* [coluna], as letras são apresentadas de forma aleatórias.

Figura 35 – Livro 3, kakikata

Figura 36 – Livro 3, kakikata, p. 7

4.2. Sobre os ideogramas nos *Nippongo*

Neste tópico apresentaremos um estudo de como os ideogramas foram inseridos nos livros de 1 a 4 da série *Nippongo*. Como já vínhamos usando, optamos pelo termo ideograma ao invés de *kanji* para nomear os grafemas de origem chinesa.

Na seção 先生と父母へ [*sensei to fubohe*- aos professores e pais], na qual há informações gerais sobre os objetivos de cada livro e de como está constituído para o ensino da língua japonesa, existe também a informação da quantidade de ideogramas que aparecem em diferentes textos. Na seção atarashii kanji (アタラシイ カンジ no livro 1; e あたらしい かんじ nos livros 2,3,4)

4.2.1. Ideogramas: da China ao Japão

Antes de iniciar nossas considerações, comentaremos esse tipo de escrita e a sua adoção pelos japoneses

Segundo Suzuki (1985), os registros mais antigos dos ideogramas chineses datam da era da dinastia Yin (por volta do século XIV a.C.). Esses ideogramas foram encontrados grafados em cascos de tartarugas e ossos de animais, por isso são comumente chamados de *kōkotsu moji* (literalmente, letras em ossos). Acredita-se que, provavelmente, esses ossos e cascos eram utilizados em rituais de adivinhações. Assim, estima-se que os ideogramas tenham nascido há pelo menos 3.300 anos e seu início se deu pela representação de formas que representavam animais e elementos da natureza. A partir dos séculos III a.C. e III d.C. começam a surgir as formas estilizadas que vão se tornar as formas gráficas de hoje. A hipótese dos historiadores é que a entrada dos ideogramas no Japão aconteceu por meio dos *toraijin* – (imigrantes estrangeiros e seus descendentes) que mantinham uma rota de deslocamento entre o Japão e o continente através da península coreana, bem como através de emissários oficiais chineses que se instalavam no Japão. Esses fatos devem ter ocorrido, provavelmente, entre os séculos IV e V quando houve uma grande entrada da cultura chinesa no arquipélago japonês.

Ainda conforme Suzuki (1985) é difícil precisar exatamente quando ocorreu o primeiro contato dos japoneses com os ideogramas chineses. Todavia, a partir de uma moeda do período Yayoi (séc. III a.C.- séc. III d.C.) que continha inscrições em ideogramas encontradas em escavações é possível estimar que esta seja a época em que os ideogramas começaram a ser

utilizados no Japão. Os primeiros textos escritos no Japão foram, de fato, textos escritos em chinês, mais conhecidos como *kanbun* – (textos escritos inteiramente em ideogramas). Dentre eles, é possível citar as ordens imperiais, os comunicados oficiais etc. Com o passar do tempo, esses textos chineses começam a ser traduzidos pelos letrados num processo conhecido como (*kanbinkundoku*) que nada mais é que a leitura de textos chineses em japonês. Logo depois, os japoneses começam a considerar apenas o valor fonético dos ideogramas deixando de lado sua parte semântica. Dessa forma, para expressar uma palavra japonesa, eram utilizados ideogramas que continham tal pronúncia.

O artigo de Suzuki (1985) apresenta um exemplo de como eram usados os ideogramas no Japão para escrever a palavra montanha *yama*. Os japoneses usavam ideogramas com leituras “ya” e “ma” sem se preocupar com o caráter semântico de tais ideogramas. Dessa maneira a palavra montanha poderia ser escrita 夜麻), com cada ideograma significando “noite” e “linho”, respectivamente, e sem qualquer relação com montanha. Em seguida, os japoneses passam também a legitimar esses *mangana*³⁴ com palavras genuinamente japonesas. Por exemplo, o ideograma 男 que significa homem, além de possuir as leituras chinesas *nan* e *dan* passa a ser lido como *otoko*, uma palavra originalmente do japonês. Isto significa que os japoneses começam a inserir um valor japonês aos ideogramas chineses. Portanto, os ideogramas chineses começam a ter um aspecto fonético e semântico, a partir de como vieram da China e também um aspecto fonético a partir da perspectiva japonesa. Assim sendo, os ideogramas passam a ter duas denominações quanto à realização fonética:

Ondoku (literalmente, “leitura pelo som”) é o modo de se ler o ideograma pela pronúncia chinesa vigente à época de sua introdução no Japão, com a devida adaptação à fonética japonesa. *Kundoku* (literalmente, “leitura pelo significado”) – é o uso que privilegia apenas o aspecto semântico do ideograma, adaptando-o à palavra japonesa de igual significado. (SUZUKI, *et al.* 2001, p.18-19. grifo da autora).

Por volta do ano de 760, a coletânea de poemas *Man'yōshū* surge já escrita em *wabun* – texto com características mais japonesas do que chinesas. Em coletânea utiliza ideogramas, porém, preocupando-se apenas com a parte fonética desses, deixando de lado o seu significado. Depois de um grande processo de assimilação dos ideogramas chineses, a partir do século XI começa o processo de simplificação desses ideogramas. Dessa simplificação surgiram os fonossilábarios *hiragana* e *katakana*, referidos no tópico anterior.

³⁴ Símbolos gráficos que são ideogramas na forma, mas usados apenas foneticamente para expressar termos japoneses ou elementos gramaticais inexistentes na língua chinesa (SUZUKI, 1985. p. 1).

4.2.2. Levantamento de ideogramas nos livros *Nippongo*

Nesta etapa do nosso trabalho traremos nossas observações sobre os ideogramas apresentados nos volumes de 1 a 4 do livro *Nippongo*.

Inamura (2016) em sua pesquisa aponta diferentes opiniões em relação à quantidade de ideogramas que deveriam ser aprendidos no livro didático objeto de nosso estudo.

Nas reuniões e artigos de jornais e da revista *Esperança* que escreveu sobre a necessidade de um livro didático de japonês destinado aos estudantes filhos e também aos netos de imigrantes japoneses no Brasil, Zenpati Ando afirmava que o uso de 400 ou 500 seria o número ideal. Chikashi Okazaki, outro entusiasta da elaboração de um livro nacional de língua japonesa e um dos autores da série *Nippongo* defendeu que esse número deveria ser o dobro daquele número preconizado por Ando.

Essa disputa acerca do número de ideogramas, na verdade, é o retrato das divergências entre dois grupos de intelectuais e professores envolvidos com a ideia de confecção de um livro didático, representados por Ando e Okazaki na questão dos ideogramas (INAMURA, 2016, p. 65-68).

Após um longo período de reuniões e discussões sai a publicação dos livros didáticos com a seguinte quantidade de ideogramas: 652 ideogramas no total. Estão incluídos os 563 ideogramas para fins educacionais que devem ser aprendidos até a quarta série do ensino fundamental do Japão, além de mais 89 outros ideogramas” (INAMURA, 2016, p.122)

Ao analisarmos os 4 livros de *Nippongo*, observa-se que no final há uma nota explicativa destinada aos responsáveis pela educação escolar das crianças intitulada 先生と父母へ [*sensei to fubohe* (aos pais e professores)]. Esta seção do livro didático versa sobre o manuseio de cada livro, e a proposta de desenvolver cada atividade. Nela encontraremos uma observação sobre a quantidade de ideogramas que contém cada livro.

No livro 1 são apresentados 24 ideogramas; no livro 2, são 28 novos caracteres ideográficos e mais 9 que já apareceram no livro ou nesse, mas com leituras ou realização fonéticas diferentes; no livro 3, são 73 novos e 7 de leituras diferentes; e finalmente no livro 4, são 65 novos ideogramas e 19 de leituras diferentes das anteriores. Vale ressaltar que o uso dos ideogramas é de acordo com os textos que aparecem, ou seja, pode ser que tenham aparecido em livros anteriores com leitura diferentes, veja na figura 38 como exemplo.

Ilustramos na figura 40 a seção *sensei to fubo* he do livro 1 na qual marcamos o trecho em que é dada a informação do número de ideogramas. Acrescentamos a transcrição e a tradução. A mesma seção dos livros 2, 3 e 4 está em anexos.

Figura 37 – Livro 1, p.88

文字 かたかなの清音を先に提出し、濁音や助詞の「ハ」「ヘ」、拗音、24字を提出しておきました。

Escrita : Apresentamos em primeiro lugar os sei-on, ou letras de sons surdos, e em katakana, os daku-on as de sons sonoros, além das partículas ハ wa e ヘ e. Seguiram-se as apresentações 24 ideogramas de construções simples (tradução nossa).

Como já escrevemos antes, no final de cada livro existem três seções de interesse dos professores principalmente, e também dos pais dos alunos que são (folheados de trás para frente):

- 先生と父母へ (sensei to fubo he [ao professor e pais] + 内容について (naiyō ni tsuite [sobre o conteúdo])
- アタラシイカンジ (livro 1) / あたらしい かんじ (atarashii kanji [novos ideogramas])
- オモナ コトバ (livro 1) おもな ことば (livros 2, 3 e 4) (omona kotoba [palavras essenciais]).

É na seção *atarashii kanji* que são apresentados os ideogramas que serão aprendidos em cada livro. Antes de comentarmos cada livro, vale ressaltar duas informações que irão aparecer em todos os livros:

- 1) as páginas em que cada ideograma irá aparecer está sinalizada em número arábico acima dos ideogramas que estão listados em ordem crescente de paginação;
- 2) quando estiver sinalizado com a marca (・) significa que esse ideograma apareceu anteriormente com outra forma de leitura, como observaremos no exemplo abaixo:

Este ideograma 月, na página 46, já apareceu como 月 ツキ [tsuki] e na página 60 aparece como 月 ガツ[gatsu]

アタラシイカンジ

・ノ シルシハ マエニ ヘツノ
ヨミカタ ナ アタマノ

19ページ	19	19	19	19	32	32	33
一ツ	二ツ	三ツ	四ツ	五ツ	六ツ	七ツ	八ツ
九ツ	十ツ	日	小	木	下	川	大
上	月	子	一	二	三	四	五
六	七	八	九	十	手	足	四
九	日	月	中	牛	人		イ

Figura 38 – Livro 1, p. 86

A figura 39 mostra a seção *atarashii kanji* (novos ideogramas) com caracteres que estão nos textos do livro 3 e também a lista de ideogramas já aprendidos nos livros anteriores (今までにならったかんじ [imamadeni naratta kanji])

Figura 39 – Livro 3, p. 108 e 109

Outro ponto observado em todos os livros é que os ideogramas na seção *atarashii kanji* (novos ideogramas), quando são adjetivos e verbos, aparecem na forma de sintagma e na flexão encontrada no respectivo texto.

Nos exemplos abaixo o ideograma de 小 compõe o adjetivo (*chiisai*) e este flexionado como 小さく (*chiisaku*), na forma de advérbio.

Este ideograma 小 faz parte do substantivo 小えだ [*koeda* (galhinho)], que faz parte da lista de novos ideogramas do livro 2. Percebe-se neste uso que não havia a preocupação de um estudo profundo dos ideogramas como língua estrangeira, mas como uso do material dos nativos japoneses, pois o propósito era o uso semelhante do material do Japão.

Nesta lista, *Atarashii kanji*, há indicação de que a palavra 小えだ se encontra na página 64, remetendo ao texto Chikojonto Chikamaria como vemos na figura 43.

アタラシイカンジ

—ノ シルシハ マエニ ベツノ
ヨミカタ デ デタモノ

19ページ	19	19	19	19	33	33	33
一ト	ニフ	三ミ	四ヨ	五イ	六ム	七ナ	八ヤ
ツ	ツ	ツ	ツ	ツ	ツ	ツ	ツ
19	19	19	19	19	33	33	33
九	十	日	小	木	下	川	大
ツ	ツ	ツ	サ	キ	シ	カ	オ
33	33	34	39	40	40	40	43
九	十	日	小	木	下	川	大
ツ	ツ	ツ	サ	キ	シ	カ	オ
46	46	46	48	48	48	48	48
上	月	子	一	二	三	四	五
ツ	ツ	ツ	ツ	ツ	ツ	ツ	ツ
49	49	49	49	49	52	52	58
六	七	八	九	十	手	足	四
ツ	ツ	ツ	ツ	ツ	ツ	ツ	ツ
58	60	60	64	64	65		
九	日	月	中	牛	入		
ツ	ツ	ツ	ツ	ツ	ツ		

-86-

Figura 40– Livro 1, p. 86

O adjetivo 小サク[chiisaku], que contém o ideograma 小 aparecerá no texto na página 39.

Figura 41– Livro 1, p. 39

O substantivo 小えだ [koeda] contém o ideograma 小 que já aparecera no livro 1. Aqui é usado com outra realização fonética ou *yomikata* (forma de ler)

Figura 42 – Livro 2, p. 88

Figura 43 – Livro 2, p. 64

A lista de novos ideogramas *Atarashii kanji* traz da mesma forma os ideogramas que compõem os verbos. No quadro 11 que reproduz a lista do livro 2 existem 5 verbos que organizamos no quadro abaixo:

Quadro 11 – verbos e sua forma de uso

Informação dada		informação suposta	
página	ideograma compondo verbo e este, por sua vez, na forma de uso no texto	o verbo na forma chamada shūshikei na gramática escolar japonesa	ideograma isolado
26	出たり [detari]	出る (deru [sair])	出
40	光って [hikatte]	光る (hikaru [brilhar])	光
33	走って [hashitte]		走
41	出して [dashite]		出
59	入れて [irete]		入

Manter o ideograma como parte de uma unidade lexical (adjetivo, verbo etc) e manter esta na unidade sintagmática permitem visualizar o ideograma e a palavra no contexto de uso no texto.

Figura 44 – livro 2, p. 88

Um outro ponto que nos chama a atenção logo no início do livro didático é que o sumário apresenta páginas enumeradas em ideogramas, porém dentro do livro observamos que as páginas são em números arábicos. O propósito seria facilitar a memorização dos ideogramas numéricos. Podemos conferir abaixo:

Figura 45 – Sumário do *Nippongo 1*

Os tópicos (figura 45) são sinalizado com as páginas em ideogramas 八・九. Contudo, no interior do livro a paginação está em números arábico (figura 46) p. 8 e 9. Assim será em todos os livros didáticos da série.

Figura 46 – Livro 1, p. 8 e 9

De um modo geral, os livros *Nippongo* apresentam os ideogramas que serão estudados na página no canto superior. O ensino destes é aleatório, sendo ensinados de acordo com os textos apresentados em cada livro. A proposta era de, nos níveis elementares, adotarem-se temas mais próximos a realidade das crianças tais como: “conteúdos familiares, lar, vizinhança, parentes, escolas, vida cotidiana e geografia do currículo escolar japonês, animais domésticos, vegetais e legumes para uso na cozinha, como também temas que estimulam a capacidade de observação: zoológico e plantas comuns que podem ser encontradas no Jardim Botânico (INAMURA, 2016. p. 123-124). Sendo assim, os ideogramas são estudados conforme aparecem nos textos. Vale ressaltar que não há indicação de como se escreve cada ideograma, ou seja, não há explicação em relação a ordem dos traços (*kakijun*), esses são ensinados junto com os *hiragana* e *katakana* desde os livros iniciais. De um modo geral, os volumes do *Nippongo* seguem-se os mesmos procedimentos para aplicação, conforme se observa na figura a seguir:

Ideogramas que serão estudados na página são sempre sinalizados no canto superior da página

Figura 47 – Livro 2, p. 24 e 25

No livro 1 aparecem 24 ideogramas novos começando pelos números. Porém iniciando pela “*onyomi*” (leitura chinesa) e posteriormente a “*kunyomi*” (leitura japonesa.) Neste primeiro momento ensina a contagem até o número 5 e em outra página o número de 6 a 10 do que hoje classificamos como “contagem de objetos no geral” conforme a figura abaixo:

Figura 48 – Livro 1, p 19

ideogramas que serão estudados

Figura 49 – Livro 1, p. 32 e 33

Como já mencionado anteriormente, os desenhos relatam a realidade aqui vivida, e aqui, a contagem é ensinada através de frutas. Não há a preocupação em seguir uma regra de ensino como utilizada nos livros didáticos atuais, e sim, a forma de uso. Como vimos nas figuras 48 e 49, se compararmos com o ensino atual de língua japonesa, tem-se, como comum primeiramente o ensino dos números em sua forma numérica e posteriormente a forma em uso de sua contagem. Todavia, neste livro didático, a proposta de ensino é divergente, e focaliza o ensino através da forma de uso, ou seja, o que é imediato ao estudante *nikkei* brasileiro dentro de sua realidade à época.

Em オモナ コトバ [Omona kotoba glossário] é interessante relatar que no vocabulário que será estudado, como por exemplo na página 20 do livro 1 aparecerá a palavra “ame” e “furu”. Não será aprendido o ideograma neste livro, mas ao lado do vocabulário aparece a palavra com o seu ideograma respectivo. O ideograma de “ame” será estudado no livro 3 e “furu” não aparecerá nestes 4 livros.

オモナ コトバ

Shirashi - Palanaru

ページ コトバ

4 ソラ
5 アオイ
6 ヒロイ
ノハタ
7 ウシ
.....ト
ウマ
8 イヌ
ネコ
9 イエ
イス
ツクエ
10 オトウサン
オハヨウ
オカアサン
11 ガッコウ
.....ガ
ミエマス
(ミエル)
.....マス
12 ホン
.....ヲ
ヨミ (ヨム)
.....マシタ
13 フネ
.....ノ
エ (絵)
カイナ (カダ)
イマス (イル)
14 ワタシ
.....ハ
トモダチ
ナワトビ
センセイ
15 サヨウナラ
ミナサン
16 ヒガシ

ページ コトバ

16ニ
アサヒ
ノボル
17 ニシ
キレイ
.....ナ
ユウヤケ
18 オヤドリ
ムシ
ミツケ
(ミツケル)
ヒヨコ
ヨンデ (呼ブ)
.....デ
19 マモン
ナッチ (ナル)
一ツ
二ツ
三ツ
四ツ
五ツ
アリマス
(アル)
アメ (雨)
ノリ (糊)
ヘチマ
ハナ
.....モ
ヌレ
(ヌレル)
21 テルテルボウズ
ツクリ
(ツクル)
.....マショウ
アシタ
テンキ

ページ コトバ

21シテ
オクレ (クレ)
22 アカ
シロ
キ
アオ
ミドリ
イロガミ
ナラベテ
(ナラベル)
オリガミ
アソビ
23 ニイサン
ジケンシャ
オバサン
ウチ
.....ヘ
オツカイ
(ツカイ)
イキマス
(イク)
24 カクレンボ
ジャンケンボン
.....ヨ
アイコ
25 ウタ
.....スル
モウ
イイ (ヨイ)
マアダ (マダ)
26 ウエ (上)
シタ (下)
オナジ
モノ

- 85 -

Figura 50 – Livro 1, p. 85

Notamos que dos ideogramas que apontamos com as setas não significam que todos estes serão aprendidos no volume 3, alguns já foram estudados nos livros anteriores e outros aparecerão em outros volumes. Outro ponto observado é que o verbo aparecerá do jeito que está

no texto まって[matte] e logo ao lado vem a sua forma de dicionário (持つ) [motsu]. Assim será em todos os volumes na lista de palavras. Notamos que não há preocupação em se ensinar as conjugações seguindo uma ordem, e sim através de sua forma de uso.

おもなことば		
ページ	ことば	ページ
4	まいり (まいる)	10
	きらい (きらい)	ひっこし
	まって (待つ)	……ばかり
	みち (道)	11
5	にこにこ	でん車どおり
	あいさつ	ひどく (ひどい)
	一年生	かた (肩)
	つれて (つれる)	だいて (たく)
	なで (なでる)	しずく
	はずかし	せなか
	(はずかしい)	半分
6	なわとび	12
	ほった	よせあって (寄せあう)
	そろって (そろう)	ときどき
7	しょうか	そば (傍)
	たのしい	どろ水
	うた声	14
	きょうしつ	夕はん
	いっぱい	よい (用意)
	ひびき (ひびく)	15
8	やっぱり	前
	ひとりごと	なき (泣く)
	ひるごはん	16
	出かける	あつまって (あつまる)
	かき (傘)	17
9	おわって (おわる)	はやい
	やみ (やむ)	せんろ
	さむく (さむい)	夏
	げんかん	冬
	しんぶん	さとう
		あまい
		しろ
		からい
		高い
		18
		では
		ズボン
		うわぎ
		きもの
		おび ①
		カデルノ (Caderno)
		19
		かつば
		糸
		ミシン
		はり (針)
		20
		かに (すかに)
		とび
		貝がら
		21
		どっち
		わからない
		(わかる)
		22
		少し
		かきわけ
		(かきわける)
		小川
		23
		先
		ふち (縁)
		24
		ちょっと
		しつかり
		あいだ
		25
		ふと
		かもめ
		大じょうぶ
		26
		すみ (隅)
		たね (種)

Figura 51 – Livro 3, p. 107

Podemos concluir neste tópico que o *Nippongo* é um livro didático com uma grande quantidade de ideogramas em relação aos livros didáticos oriundos do Japão depois da segunda guerra e que tem a leitura como a principal habilidade linguística a ser desenvolvida. A quantidade de ideograma aumenta de livro para livro com o objetivo de que a criança possa ler textos em japonês. A Comissão de Publicação do Livro Didático (CPLD) considerou as opiniões coletadas dos professores atuantes e educadores para justificar a grande quantidade de ideogramas que seria ensinado.

CAPÍTULO 5

EMPRÉSTIMOS DA LÍNGUA PORTUGUESA NO *NIPPONGO*

5.1. Levantamento dos empréstimos do português na série didática *Nippongo*

5.2. Os empréstimos do português nos textos do *Nippongo*

Neste capítulo apresentamos uma análise de quais palavras constituem empréstimos da língua portuguesa nos quatro primeiros livros da série didática *Nippongo*, e de como estão empregados nos textos. Antes, porém, introduzimos estudos sobre *koroniago*, do qual fazem parte os empréstimos lexicais da língua portuguesa presentes no japonês falado e escrito pelos imigrantes e seus descendentes no Brasil.

A comunidade de imigrantes japoneses e seus descendentes que se formou no Brasil passou a se autodenominar *koronia*, equivalente de colônia japonesa, termo em português para se referir à mesma comunidade e que a distinguia da comunidade de outras diásporas no Brasil tais como a colônia alemã e a colônia italiana, após a segunda guerra mundial. Esse é, portanto, um termo que se vale de empréstimo da língua portuguesa, proveniente de “colônia (japonesa)”, com adequação na fonética e na forma de grafia. O termo *koroniago* é uma composição desse empréstimo com o sufixo indicador de língua ou idioma, “go”, da língua japonesa. Literalmente, pode-se traduzir por “língua da colônia” e designa a língua japonesa usada pelos imigrantes japoneses e seus descendentes no Brasil. Existe um outro termo japonês que designa essa comunidade de imigrantes japoneses e seus descendentes no Brasil. Esse termo é *nikkei*, que possui significados diferentes no Brasil e no Japão. O termo *nikkei* apresenta-se em muitos dos dicionários e na maioria estão grafados em ideograma 日系 [*nikkei*], o significado comum e primeiro se refere à relação sanguínea com o japonês, ou de etnia japonesa, como apresenta a maioria dos dicionários. Citamos alguns desses dicionários e outros que possuem o verbete de *nikkei*:

- A definição apresentada no *Kōjien*, dicionário monolíngue muito consultado no Japão, traz que é “Ser da linhagem do japonês” e cita como exemplo “(Nikkei) beijin” ou Nikkei norte-americano. 日本人の血統をひいていること。「一米人」(SHINMURA, 1991, p. 1957).
- Outro dicionário monolíngue do japonês o *Dejitaru Daijisen*, digital e mais atual, contém uma definição mais ampla 日系³⁵: 1. 企業などが日本の資本で経営されていること(sic)。また、日系人によって経営されていること。「日系企業」「ホノルルの日系紙」→外資系。2. 「日系人」の略「ブラジルの日系社会」「日系アメリカ人」(tradução: 1. Empresas que são administrados por capital japonês (sic). Ou, ter a administração de descendente de japonês. Nikkei kigyō (empresa Nikkei), Honoruru no Nikkei shi (jornal Nikkei de Honolulu). →Gaishikei ([empresa de] capital estrangeiro) 2. Abreviação de nikkeijin. Burajiru no Nikkei shakai (comunidade/sociedade Nikkei do Brasil), Nikkei amerika jin (Nikkei norte-americano).). No verbete de 日系人³⁶ *nikkeijin*, por sua vez, temos uma definição de que

³⁵ Disponível em <https://dictionary.goo.ne.jp/jn/167375/meaning/m0u/%E6%97%A5%E%7%B%3%BB/>,

³⁶ Acessado em 26/06/2017. Disponível em <https://dictionary.goo.ne.jp/jn/167383/meaning/m0u/>, consultado em 26/06/2017.

se trata de japonês que migrou para um país estrangeiro, e que aí obteve a naturalização, ou seu descendente (外国に移住、その国籍などを取得した日本人とその子孫), exemplificando com a palavra composta *nikkeijin butai* (日系人部隊) ou batalhão de *nikkei*.

- O dicionário bilingue japonês-inglês *Kenkyusha's New Japanese English Dictionary* não apresenta equivalente, definição ou explicação do lema *nikkei*, tendo somente algumas palavras compostas com respectivos equivalentes. São as seguintes: 日米人 an American of Japanese parentage [extraction, descent]; a Japanese American; a Japanese of American citizenship. (MASUDA 1988, p. 1277).
- O primeiro dicionário bilingue japonês-português da chamada era moderna do Japão – *Nippo jiten*, de 1925, elaborado por Wasaburō Ōtake (1872-1944), não registra o termo *nikkei*.
- - O diplomata e intérprete japonês Ryōji Noda (1875-1944) no segundo volume do *Dicionário Japonês-Português*, de 1966, elaborou o verbete com explicação mais extensa do termo *nikkei*, enfatizando a origem étnica: “*nikkei* につけい日系 s. Origem japonesa, f. Descendência japonesa. // Descendente (m. e f.) da família ou raça japonesa. // - beijin (米人), Americano de origem japonesa, m. // - burajiru-jin (ブラジル人), Brasileiro (m), cujo pai ou ascendente é japonês. “ (NODA 1966, p. 721).
- O *Dicionário Japonês- Português Romanizado*, de Noemia Hinata (1ª edição, 1992), destinado principalmente aos trabalhadores brasileiros no Japão, possui um verbete mais simplificado: “*nikkei* 日系 日系 日系の [nikkei no] de origem japonesa. 日系人 [Nikkei-jin] pessoa (f) de origem japonesa.” (HINATA 1998, p. 315).
- O dicionário bilingue japonês-português organizado pelo padre Jaime Coelho e pelo filólogo Yoshifumi Hida – *Shōgakukan Gendai Nippo Jiten* ou *Shogakukan Dicionário Universal Japonês- Português* possui o seguinte verbete: “*Nikkei*”³⁷ 日系 A descendência [original/linha] japonesa ◆~shihon no kaisha 日系資本の社会 A companhia de capital japonês. ◆~Burajirujin 日系ブラジル人 O brasileiro de (sic). ~sansei 日系三世 A terceira geração de ~.” (COELHO; HIDA 1998, p. 865), e contém o sentido geral que pode ser captado pelos ideogramas que constituem a palavra, e a formação de compostos de uso no campo da economia (*Nikkei shihon no kaisha* 日系資本の社会) e na comunidade nipo-brasileira (*Nikkei burajirujin* 日系ブラジル人 e *Nikkei sansei* 日系三世).
- O dicionário bilingue japonês-português mais recente, o *MICHAELIS: Dicionário prático japonês-português*, de 2003, traz somente o equivalente: “*Nikkei* 日系 s. descendência japonesa” (WAKISAKA 2003, p. 328).

³⁷ Disponível em <http://www.jadesas.or.jp/aboutnikkei/index.html>, e acessado em 26/06/2017.

Além desses dicionários publicados, é possível encontrar tentativas de definição ou explicação do termo *nikkei*, como no sítio da *Associação Kaigai Nikkeijin Kyokai* (em tradução literal, Associação de *Nikkeijin* do Ultramar) no qual encontramos a definição de que *nikkei* no exterior é definido como aquele “que saiu do Japão e reside no exterior, munido do objetivo de viver definitivamente nessas terras, e seus descendentes da segunda, terceira, quarta e demais gerações, independentemente de sua nacionalidade ou mistura racial”. O jornal de São Paulo escrito em japonês, *Nikkei Shinbun*, possui em seu sítio, o *Koronia-go Jiten*, que pode ser traduzido como *Dicionário da Língua da Colônia (Japonesa)* no qual encontramos outra definição:

日系人＝日系民族の血をひく人々（日本の事典やメディアは、移住者一世も日系人に含めるが、現地では「移民＝日本人」「日系人＝二世から」という認識が一般的です少々ずれがある）

Pessoas que possuem sangue da raça/etnia do Japão (nos dicionários e na mídia do Japão, os imigrantes da primeira geração também estão incluídos nesse termo, mas no Brasil é comum ‘imigrante=japonês’ e ‘*nikkeijin*=[descendentes] a partir da segunda geração’, havendo, portanto, diferença de sentidos)³⁸

Nesta dissertação utilizamos o termo *nikkei* ao nos referirmos à comunidade étnica do Brasil resultante da imigração japonesa no país. E também aos imigrantes (naturalizados ou não) e seus descendentes no país. Lembramos que, quando for necessário distinguir os imigrantes dos seus descendentes, usaremos também *issei* (primeira geração, para designar o imigrante japonês), *nisei* (segunda geração, para denominar os filhos de imigrantes japoneses).

Em seguida, fazemos alguns comentários sobre o *koroniago*, compreendida como sendo a língua japonesa dos imigrantes e descendentes japoneses no Brasil, e da qual fazem parte os empréstimos lexicais do português, muitas vezes redefinidos e adaptados ao sistema fonético do idioma japonês.

Para que possamos compreender a formação do *koroniago* e ver a interferência sofrida na língua japonesa com o passar do tempo, de modo a observarmos a modificação ocorrida de fato e os principais motivos que motivaram, consultaremos a pesquisa realizada por Kuyama (1999). No estudo foi comprovado que no japonês usado pelos imigrantes japoneses e seus descendentes, os *nikkeis*³⁹ existem características originais não constatadas na língua japonesa falada no Japão. Pois, segundo Kuyama, os *nikkeis* em contato com a língua portuguesa do país e com a cultura brasileira, foram encontradas, nas falas deles em japonês, (dos *nikkeis*), vários empréstimos lexicais do português brasileiro e que, além disso, há uma mistura de dialetos de

³⁸ Disponível em <http://www.nikkeishimbun.jp/colonia-go/>, acessado em 26/06/2017.

³⁹ A pesquisadora aportuguesou o termo. Sendo assim, o gênero é masculino, possuindo números singular e plural.

diversas regiões do Japão, constituindo um japonês de padrão brasileiro, o qual passou a ser conhecido como *koronia-go*.

Kuyama (1999, p. 102) lembra que, mesmo em falas de *issei* (primeira geração ou imigrantes japoneses), se encontra empréstimos lexical do português e também essa mistura de vários dialetos do japonês do Japão, e cita os exemplos seguintes:

(1) **Porutogesu** wa ne, Amazon ni itta toki, **jiretto** ni mô porutogarugo no gakkô ni haittandesu.

O português..., entrei na escola brasileira **diretamente**, quando cheguei no Amazonas.

(2) Koko Burajiria ni kite, mô **kuwaji jizoito** ni naru wa ne.

Já faz **quase 18 anos**, desde que cheguei aqui em Brasília.

As palavras em negrito são os empréstimos do português realizados pelos informantes nikkeis enquanto estão conversando em japonês. Kuyama (1999) aponta que, nessas falas, o empréstimo do português ocorre em diversas categorias gramaticais, mas o substantivo é a classe predominante em empréstimos de palavras do português para o japonês. Isso ocorre devido ao fato de o substantivo ser uma categoria difícil de receber influência, tanto morfológica como sintática, da língua receptora desse empréstimo. Em seguida, interjeições, verbos, adjetivos e advérbios são as outras categorias, que nessa ordem aparecem com mais frequência no empréstimo do português para o japonês. O uso das três últimas categorias é realizado com menor frequência, se comparado ao uso do substantivo e da interjeição

Diferentemente dos substantivos e interjeições, os verbos e adjetivos da língua japonesa são palavras que possuem variação flexional de modo diferente da do português, motivo porque acreditamos que empréstimos a partir dessas classes tenham ocorrência menor que dos substantivos e das interjeições.

A língua japonesa possui uma estratégia de formação de novos verbos com o uso do verbo *suru* (fazer) após substantivos que indicam processo geralmente, e advérbios de modo principalmente, como nos seguintes exemplos:

- *Sanpo* (passeio) + *suru* (fazer) → *sanpo suru* (passear)
- *Purezento* (do inglês presente) + *suru* (fazer) → *purezento suru* (dar presentes)
- *Enjoi* (do inglês enjoy) + *suru* (fazer) → *enjoi suru* (divertir-se)
- *Bukibiku* (com medo ou receio) + *suru* (fazer) → *bikubiku suru* (ficar com medo/receio)

Os nikkeis se valeram da mesma estratégia para criar verbos novos mesclando empréstimos do português com o verbo *suru* da língua japonesa. Citamos alguns:

- *Passeia/pashia* + *suru* → *passeia/pashia suru* (passear)
- *Namora* + *suru* → *namora suru* (namorar)

Vê-se pelos exemplos de *passeia/pashia suru* e *namora suru* que a forma verbal do português utilizada é a terceira pessoa do singular do presente do indicativo.

De igual maneira, a língua japonesa permite criar novos adjetivos, ou seja, pela junção de substantivos geralmente, com o auxiliar verbal *na*, como em:

- *Keizaiteki* (econômico) → *keizaitekina* (econômico)
- *Originaru* (do inglês *original*) → *originaruna* (original)

Com formações semelhantes, compondo empréstimos do português com o auxiliar verbal *na*, os nikkeis criaram novas palavras como podemos ver abaixo:

- *nobo[novo]* + *na* → *nobona*
- *gurande[grande]* + *na* → *gurandena*

Instalar-se como imigrante no Brasil, em um país distante de sua terra natal, que tem costumes e língua totalmente diferentes, se tornara desafiador, porém a vontade de enriquecer e prosperar era tão grande que, aos poucos, o imigrante superou esses desafios, ou pelo menos tentava ir em busca de superação. Com o decorrer do tempo e devido aos esforços para se comunicar com os brasileiros – e até mesmo com seus filhos que estavam cada vez mais inseridos na sociedade local e não mais usavam o japonês – a língua japonesa usada pelo imigrante passa a sofrer mudanças.

Morales (2008, pp. 147-148) mostra detalhadamente que os insumos linguísticos que serviram para a formação da variante do japonês chamada *koroniago* – com o empréstimo lexical do cotidiano brasileiro e de denominações de objetos de uso do dia-a-dia – foram, além dos fatores já citados, também a mistura de códigos, ou seja, do português não culto falado na zona rural e no comércio urbano. A autora trata, ainda, de uma importante motivação que levou os falantes às escolhas que contribuíram para a formação do *koroniago*: a baixa proficiência linguística em japonês dos *nisei* que levou os seus pais – da primeira geração ou *issei* – a tentar

facilitar a sua língua para viabilizar a comunicação com os filhos nisseis. Essa língua recebeu até a denominação de *nisei-go*.

Outra motivação do uso, pelos japoneses *issei*, ou imigrantes da primeira geração de japoneses em terras brasileiras, dos empréstimos do português nas suas falas foi a impressão de que, ao incorporarem esses empréstimos na sintaxe do seu japonês, falavam o português (MORALES, op. cit., p. 148), o que daria prestígio na sociedade brasileira. Resumindo, o japonês resultante desses contatos e motivações é uma língua sem expressões de tratamento e uso de palavras híbridas, como vimos, de verbos com radical em português e ‘sufixo’ japonês – por exemplo, *passeia/pashia-suru*, *namora-suru*, assim como os adjetivos *nobona* e *gurandena*, que se mostram de alta produtividade.

Os empréstimos do português nos livros *Nippongo*, na época de sua elaboração, na segunda metade da década de 1950 e início da de 1960, não foram interpretados como se fosse um possível dialeto do japonês – língua japonesa do Brasil ou *koroniago* – mas apenas empréstimos lexicais. Isso se deve à tentativa dos autores do *Nippongo* de criar textos cujo tema fosse o cotidiano da vida dos imigrantes japoneses e seus descendentes no Brasil e de assuntos relacionados com a cultura brasileira. São nesses textos que os empréstimos aparecem. Os próprios autores que compunham a Comissão de Publicação do Livro Didático e a Aliança Cultural Brasil Japão elaboraram um sumário⁴⁰ no qual orientam o uso dos empréstimos lexicais do português nos livros de *Nippongo*, entre outras medidas tomadas. A justificativa dada pela Comissão de Publicação do Livro Didático, publicada no jornal *Paulista Shimbun*, 22/01/1964 (*apud* SUENAGA, 2005, p. 59, e INAMURA, 2016, p. 132), era que visava facilitar a compreensão dos textos pelo alunado, e, para isso, o uso de palavras emprestadas do português já usadas nas conversações do cotidiano e reproduzidas nos textos do livro didático se prestaria a oferecer essa facilidade. Os empréstimos teriam papel auxiliar apenas, não se constituindo objeto de aprendizado ou de alguma reflexão, como podemos notar na tradução de trecho do mesmo artigo no *Paulista Shimbun*:

No que se refere às palavras ‘brasileiras’ de cada lição, não há a necessidade de se ensinar uma a uma. Se [o aluno] conseguir ler sem dificuldade e for útil para que ele consiga compreender a ideia geral da lição, já é o suficiente. ”

[...]

Essas palavras ‘brasileiras’ apresentadas nos níveis elementares, irão reaparecer em

⁴⁰ Segundo Inamura, o objetivo deste sumário, era aprofundar a compreensão e o conhecimento em relação aos objetivos da elaboração e o conteúdo do livro didático, já que não tinham um guia de orientação destinados aos professores que usariam o livro *Nippongo* (INAMURA, 2016, p. 28)

japonês à medida que se prossegue para os níveis mais avançados. Acreditamos ser ideal que nesse momento fosse realizado o ensino desse vocabulário. (INAMURA, 2016, p. 132)

No nosso levantamento de palavras emprestadas do português, confirmou-se parcialmente a afirmação acima de que estas ocorrem nos livros iniciais, se prestando a facilitar a compreensão dos textos, não sendo necessário o professor explicá-las, pois fazem parte do cotidiano dos estudantes. E que as mesmas palavras em japonês apareceram nos livros de níveis mais avançados. Apresentamos a atualização dos quadros anteriores, sendo que a coluna “equivalente do japonês” contém as palavras em japonês e a coluna “livro em que aparece” localiza esses últimos significantes nos respectivos livros.

QUADRO 12 – Empréstimos do português - *Nippongo* livro 1

Empréstimos – Português	Equivalente no japonês	
	Equivalente	Livro em que aparece
ボネッカ [bonekka-boneca]	人形 [ningyō]	Livro 1
ポルコ [poruko-porco]	ぶた [buta]	Livro 1
マカコ [makako-macaco]	さる [saru]	Livro 1
ラピス [rapisu-lápis]	えんぴつ [enpitsu]	Livro 1
リリオ [ririo-lírio]	ゆり [yuri]	Livro 1
プレゼンテ [purezente-presente]	おみやげ [omiyage]	Livro 3
オニブス [onibusu-ônibus]	バス [basu]	Livro 5
Total 7		

No quadro 12 observamos que a quantidade de equivalentes em japonês que aparecem no mesmo livro 1 é relativamente grande. Isso é justificado, pois trata-se de um exercício de achar a palavra correspondente do japonês para o empréstimo do português (Figura 52). As demais palavras aparecerão em livros mais avançados, conforme afirmação acima.

Figura 52 - Livro 1, p. 26

Transliteração e tradução da página 26:

ue to shita kara,

(de cima para baixo)

onaji monowo sagashimashō

(vamos procurar correspondentes)

Saru

buta

ningyō

yuri

enpitsu

Bonakka

makako

rapisu

poruko

ririo

QUADRO 13 – Empréstimos do português - *Nippongo* livro 2

Empréstimos – Português	Equivalente no japonês	
	Equivalente	Livro em que aparece
マモン [mamon-mamão]		
ブルーザ [burūza-blusa]		
オンサ [onsa-onça]		
アンタ [anta-anta]		
ミーリョ [miiryo-milho]	とうもろこし [tōmorokoshi]	Livro 7
ラッタ [ratta-lata]	かん [kan]	Livro 2
ランバリー [ranbarii-lambari]		
タマンコ [tamanko-tamanco]		
パパイノエル [papainoeru-Papai Noel]	サンタクロース [santakurōsu]	
カフェザール [kafezāru-cafezal]	コーヒー園 [kōhiiien]	Livro 3
カフェー [kafē-café]	コーヒー [kōhii]	Livro 4
Total: 11		

No livro 2 notamos a presença da palavra ラッタ [ratta, lata] e かん [kan, lata] em contextos diferentes, mas o empréstimo e a palavra correspondente em japonês no mesmo livro. A palavra ラッタ [ratta-lata] (figura 53, p. 139) está no texto que relata uma menina dando grãos de milho para as galinhas. Observamos que neste caso, o narrador narra a história como se fosse a menina numa situação de cotidiano factível. Já no texto em que aparece a palavra かん [kan-lata], notamos que o narrador conta uma história infantil como se fosse um lambari.

Constatamos que algumas palavras se encontram em livros mais avançados o equivalente de ミーリョ [miiryo], que é とうもろこし [tōmorokoshi] será usado no livro 7; o de カフェザール [kafezāru], que é コーヒー園 [kōhiiien] no livro 3; e, finalmente o equivalente de, カフェー [kafē] ou seja, コーヒー [kōhii], no livro 4.

Os empréstimos オンサ [onsa] アンタ [anta] e ランバリー [ranbarii] (figura 54, p. 139) não possuem equivalentes na língua japonesa por serem palavras próprias da fauna brasileira. Acontece o mesmo com タマンコ [tamanko].

Figura 53 – Livro 2, p. 32

Figura 54 – Livro 2, p. 47

QUADRO 14 – Empréstimos do português - *Nippongo* livro 3

Empréstimos- Português	Equivalentes do japonês	
	Equivalente	Livro em que aparece
パスト [pasuto-pasto]		
カデルノ [kaderuno-caderno]	ちょうめん [chōmen]	
カフェザール [kafezāru-cafezal]	コーヒー園 [kōhien]	Livro 3
エストラダ [esutorāda-estrada]	道 [michi]	Livro 5
アmendoin [amendoin-amendoim]	ピーナツ [piinatsu]	
カフェー [kafē-café]	コーヒー [kōhii]	Livro 4
カミヨン [kaminyon-caminhão]	トラック [torakku]	Livro 9
ミーリュ [miiryo-milho]	とうもろこし [tōmorokoshi]	Livro 7
シネマかん [shinemakan-cinema]	映画 [eiga]	Livro 11
レストランテ [resutorante-restaurante]	レストラン [resutoran]	
オニブス [onibusu-ônibus]	バス [basu]	Livro 5
アバカテ [abakate-abacate]		
マンジオカ [manjioka-mandioca]		
タマンコ [tamanko-tamanco]		
ナタール [natāru-natal]	クリスマス [kurisumasu]	
マモン [mamon-mamão]		
サボン [sabon-sabão]	石けん [sekken]	Livro 9
ガンソ [ganso-ganso]		
パパガイオ [papagaio-papagaio]	おうむ [ōmu]	Livro 10
ピカパウ [pika pau-pica-pau]		
ランバリー [ranbarii-lambari]		
Total: 21		

Neste quadro acima notamos カフェザール [kafezāru] e コーヒー園 [kōhien] aparecerão no mesmo livro, sendo que a primeira カフェザール [kafezāru] aparecerá no texto do 組合 [kumiai-sindicato] no qual ele se refere que por perto da casa dele há um cafezal. E no caso da palavra segunda palavra コーヒー園 [kōhien] alguém está no interior e escreve uma carta a um amigo dizendo que a casa do avô está localizada dentro de um cafezal.

Assim como os demais quadros algumas palavras aparecerão nos livros mais avançados e algumas não aparecem.

No texto em que descreve a cidade de São Paulo notamos a presença da palavra シネマかん [shinemakan-cinema]. O narrador relato que há restaurantes e também um cinema. E no livro 11 temos a palavra 映画 [eiga].

QUADRO 15 –Empréstimos do português - *Nippongo* livro 4

Empréstimos- Português	Equivalentes do japonês	
	Equivalente	Livro em que aparece
ブロッシュ [burocchu-broche]	ブローチ [burōchi]	Livro 11
カジュー [kajū-caju]		
ボーロ [bōro-bolo]		
シーカラ [shiikara-xicara]	カップ [kappu]	Livro 12
セボーラ [sebōra-cebola]		
カサキニヨ [kazakinyō-casaquinho]	上着 [uwagi]	Livro 9
レーデ [rēde-rede]		
トマテ [tomate-tomate]	トマト [tomato]	Livro 9
シスネ [shisune-cisne]	はくちょう [hakuchō]	Livro 11
ナタール [Natāru-Natal]		
アマレロン [amareron-amarelão]		
サーラ [sāra-sala]		
フェイジョン [feijyon-feijão]		
サッコーラ [sakkōra-sacola]	かご [kago]	Livro 12
フェイラ [feira-feira]	市場 [shijō]	Livro 11
ペイシェ [peishe-peixe]	魚 [sakana]	Livro 5
アバカシ [abakashi-abacaxi]		
ケイジョ [keijo-queijo]		
マカロン [makaron-macarrão]		
マモン [mamon-mamão]		
マンテイガ [manteiga-manteiga]	バター [batā]	Livro 12
ジャボチカーバ [jyaboticāba-jabuticaba]		
パパイ [papai-papai]	おとうさん [otōsan]	Livro 1
ママイ [mamai-mamãe]	おかあさん [okāsan]	Livro 1
オンサ [onsa-onça]		
Total: 25		

No quadro 15 a palavra おとうさん [otōsan-papai] おかあさん [okāsan-mamãe] aparecem primeiro que a palavra パパイ [papai] ママイ [mamai] diferente dos demais quadros que sempre aparece a palavra de empréstimo do português e depois a palavra correspondente ao japonês. Assim como os demais livros algumas palavras aparecerão em livros mais avançados e outras não aparecerão.

5.1. Levantamento dos empréstimos do português na série didática *Nippongo*

Os métodos utilizados para o estudo dos empréstimos do português nos textos de *Nippongo*, livros 1 a 4, seguiram quatro etapas. Em primeiro lugar, lemos atentamente os livros didáticos para identificar os empréstimos. Em seguida, fizemos um levantamento dos empréstimos e os organizamos em quadro por livro, nos quais indicamos a página onde ocorre o trecho, o tipo de texto – narrativo, descritivo, argumentativo ou outro – em que aparecem os empréstimos. As palavras foram ordenadas segundo o *gojūon'zu* e grafadas na forma original da grafia e, entre parênteses, acrescentamos a sua transliteração ao alfabeto como também o equivalente da língua portuguesa.

Quadro 16 - *Nippongo* 1

<i>Nippongo</i> 1	
ボネッカ (bonekka→boneca)	Título do texto: sem título (Livro 1, p. 26)
Tipo de texto: exercício de ligar palavras equivalentes: palavras em japonês e empréstimos do português	
ポルコ (poruko→porco)	Título do texto: sem título (livro 1, p. 26)
Tipo de texto: exercício de ligar palavras equivalentes: palavras em japonês e empréstimos do português	
マカコ (makako→macaco)	Título do texto: sem título (livro 1, p. 26)
Tipo de texto: exercício de ligar palavras equivalentes: palavras em japonês e empréstimos do português	
ラピス (rapisu→lápis)	Título do texto: sem título (livro 1, p. 26)
Tipo de texto: exercício de ligar palavras equivalentes: palavras em japonês e empréstimos do português	
リリオ (ririo→lírio)	Título do texto: sem título (livro 1, p. 26)
Tipo de texto: exercício de ligar palavras equivalentes: palavras em japonês e empréstimos do português	
プレゼンテ (purezente→presente)	Título do texto: アリガトウ (Arigatou) (livro 1, p. 36)
Tipo de texto: É o aniversário do Yoshio kun e ele recebe um presente da avó	

オニブス (onibusu→ônibus)	Título do texto 1: オニブス(Ônibus) (livro 1, p. 62)
	Título do texto 2: サンパウロ (livro 3, p. 50)
<p>Tipo de texto 1: narração de uma criança sobre uma viagem a São Paulo com o pai, de ônibus, que passa próximo a um pasto</p> <p>Tipo de texto 2: narração de um menino descreve a noite na cidade de São Paulo e relata quando as pessoas voltam para casa elas utilizam ônibus.</p>	

パスト (pasuto→pasto)	Título do texto 1: オニブス (Ônibus) (livro 1, p. 62)
	Título do texto 2: なかよしことば (livro 3, p. 19)
<p>Tipo de texto 1: narração de uma criança sobre uma viagem a São Paulo com o pai, de ônibus, que passa próximo a um pasto</p> <p>Tipo de texto 2: texto metalinguístico com várias palavras que combinam</p>	

Quadro 17 - Nippongo 2

Nippongo 2	
マモン (mamon→mamão)	Título do texto 1: じんとり (livro 2, p.14)
	Título do texto 2: あいうえおのうた (livro 3, p. 86)
	Título do texto 3: フェイラ (livro 4, p. 70)
Tipo de texto 1: texto descritivo que demonstra uma feira no qual tem algumas frutas Tipo de texto 2: música com várias palavras que combinam e mantem o ritmo Tipo de texto 3: texto narrativo que descreve uma feira.	
ブルーザ (burūza→blusa)	Título do texto: かたつむり (Livro 2, p23.)
Tipo de texto: Narração de uma menina conta que a irmã mais velha faz uma blusa para ela.	
オンサ (onsa→onça)	Título do texto 1: どうぶつえん (Livro 2, p. 29)
	Título do texto 2: しかと オンサ (Livro 4, p. 74)
Tipo de texto 1: Conta a visita de estudantes ao zoológico. Tipo de texto 2: fábula do veado e da onça.	
アンタ (anta→anta)	Título do texto: どうぶつえん (Livro 2, p. 30)
Tipo de texto: : Conta a visita de estudantes ao zoológico.	
ミーリョ (miiryo→milho)	Título do texto: にわとり (Livro 2, p. 32)
	Título do texto: 組合 (Livro 3, p. 41)
Tipo de texto 1: narração de uma menina que dá milho às galinhas todas as tardes Tipo de texto 2: narração de um menino que vai a cooperativa agrícola fazer compras. Ele descreve quais os tipos de plantações que são trazidos para a cooperativa para vender.	
ラッタ (ratta→lata)	Título do texto: にわとり (Livro 2, p. 32)
Tipo de texto: narração de uma menina dá milho para as galinhas e este milho está dentro de uma lata.	
ランバリー (ranbarī→lambari)	Título do texto: ランバリーの 子ども (Livro 2, p. 44)
	Título do texto: あいうえおのうた (Livro 3, p. 86)
Tipo de texto 1: Conta a história do lambari. Narração de um lambari que ensinam aos filhotes como pular, caso sejam capturados. Tipo de texto 2: Música com palavras que combinam e mantém o ritmo	

タマンコ (tamanko→tamanco)	Título do texto: ことば つなぎを しました (Livro 2, p. 57)
	Título do texto: あいうえおのうた (Livro 3, p. 86)
Tipo de texto 1: texto metalinguístico - Exercícios de montar frases	
Tipo de texto 2: música com palavras combinam e mantem o ritmo	

パパイノエル (papainoeru→Papai Noel)	Título do texto: パパイノエル (Livro 2, p. 59)
Tipo de texto: é narrado por uma menina que não gosta do Papai Noel, porque ele não deixa brinquedo em seu sapato.	

カフェザール (kafezāru→cafezal)	Título do texto 1: チコジョンと チコマリア (Livro 2, p. 60)
	Título do texto 2: 組合 (Livro 3, p. 38)
Tipo de texto 1: o narrador conta a história de dois pássaros que moravam em um cafezal.	
Tipo de texto 2: o narrador é um menino e conta que ao redor da casa dele tem um cafezal e plantação de algodão que são levados a cooperativa agrícola para serem vendidos.	

カフェー (kafē→café)	Título do texto: チコジョンと チコマリア (Livro 1, p. 61)
	Título do texto: 組合 (Livro 3, p. 41)
Tipo de texto 1: o narrador descreve a flor do café e que os pássaros ficavam contentes com a primavera.	
Tipo de texto 2: o narrador é um menino e ele conta que as pessoas da vila levavam o que plantavam na cooperativa, tais como, café, algodão e milho.	

Quadro 18 - Nippongo 3

Nippongo 3	
パスト (pasuto→pasto)	Título do texto 1: オニブス (Ônibus) (livro 1, p. 62)
	Título do texto 2: なかよしことば (livro 3, p. 19)
Tipo de texto 1: narração de uma criança sobre uma viagem a São Paulo com o pai, de ônibus, que passa próximo a um pasto Tipo de texto 2: texto metalinguísticos com várias palavras que combinam	
カデルノ (kaderuno→caderno)	Título do texto: なかよしことば (Livro 3, p. 18)
Tipo de texto: texto com várias palavras e terá que combinar	
カフェザール (kafezāru→cafezal)	Título do texto 1: チコジョンと チコマリア (Livro 2, p. 60)
	Título do texto 2: 組合 (Livro 3, p. 38)
Tipo de texto 1: o narrador conta a história de dois pássaros que moravam em um cafezal. Tipo de texto 2: o narrador é um menino e conta que ao redor da casa dele tem um cafezal e plantação de algodão que são levados a cooperativa agrícola para serem vendidos.	
エストラダ (esutorāda→estrada)	Título do texto: 組合 (Livro 3, p.39)
Tipo de texto: texto narrado por um menino e relata que a cooperativa fica beirando a estrada dentro da vila.	
アmendoin (amendoin→amendoim)	Título do texto: 組合 (Livro 3, p.41)
Tipo de texto: texto narrado por um menino diz que o avô descarrega amendoim do caminhão.	
カフェー (kafē→café)	Título do texto: チコジョンと チコマリア (Livro 2, p. 61)
	Título do texto: 組合 (Livro 3, p. 41)
Tipo de texto 1: o narrador descreve a flor do café e que os pássaros ficavam contentes com a primavera. Tipo de texto 2: o narrador é um menino e ele conta que as pessoas da vila levavam o que plantavam na cooperativa, tais como, café, algodão e milho.	
カミヨン (kaminyon→caminhão)	Título do texto: 組合 (Livro 3, p.41)
Tipo de texto: texto narrado por um menino diz que o avô descarrega amendoim do caminhão.	

ミーリョ (miiryo→milho)	Título do texto: にわとり (Livro 2, p. 32)
	Título do texto: 組合 (Livro 3, p. 40)
Tipo de texto 1: Narração de uma menina que dá milho para as galinhas todas as tardes. Tipo de texto 2: narração de um menino que vai à cooperativa agrícola fazer compras. Ele descreve quais os tipos de plantações que são trazidos para a cooperativa para vender.	
シネマ (shinema→cinema)	Título do texto: サン・パウロ (Livro 3, p.49)
Tipo de texto: o narrador é um menino que descreve a cidade de São Paulo e nela tem restaurantes, além de um cinema que cabem muitas pessoas.	
レストランテ (resutorante→restaurante)	Título do texto: サン・パウロ (Livro 3, p.49)
Tipo de texto: o narrador é um menino que descreve a cidade de São Paulo e nela tem restaurantes, além de um cinema que cabe muitas pessoas.	
オニブス (onibusu→ônibus)	Título do texto: オニブス(Ônibus) (livro 1, p. 62)
	Título do texto 2: サンパウロ (livro 3, p. 50)
Tipo de texto 1: narração de uma criança sobre uma viagem a São Paulo com o pai, de ônibus, que passa próximo a um pasto Tipo de texto 2: narração de um menino descreve a noite na cidade de São Paulo e relata quando as pessoas voltam para casa elas utilizam ônibus.	
アバカテ(abakate→abacate)	Título do texto: 木 (Livro 3, p.51)
Tipo de texto: aponta vários tipos de árvores mencionando o ideograma 木 [ki]	
マンジオカ(manjioka→mandioca)	Título do texto: マンジョカの はなし (Livro 3, p.77)
Tipo de texto: fábula da mandioca	
タマンコ(tamanko→tamanco)	Título do texto: ことば つなぎ (Livro 2, p. 57)
	Título do texto: あいうえおのうた (Livro 3, p. 86)
Tipo de texto 1: texto metalinguístico- exercícios de montar frases. Tipo de texto 2: música com palavras para combinam e mantem o ritmo	

ナタール(natāru→natal)	Título do texto 1: あいうえおの うた (Livro 3, p. 86) Título do texto 2: つづいて 思い出す ことば (Livro 4, p. 55)
Tipo de texto 1: músicas com palavras que combinam e mantem o ritmo Tipo de texto 2: texto que os estudantes terão que relembrar palavras que o mamãe falam e colocar na lousa.	

マモン(mamon→mamão)	Título do texto 1: じんとり (livro 2, p.14)
	Título do texto 2: あいうえおのうた (livro 3, p. 86)
	Título do texto 3: フェイラ (livro 4, p. 70)
Tipo de texto 1: texto descritivo que demonstra uma feira no qual tem algumas frutas Tipo de texto 2: música com palavras que combinam e mantem o ritmo Tipo de texto 3: texto narrativo que descreve uma feira.	

サボン(sabon→sabão)	Título do texto: あいうえおの うた (Livro 3, p. 86)
Tipo de texto: música com palavras que combinam e mantem o ritmo	

ガンソ(ganso→ganso)	Título do texto: あいうえおの うた (Livro 3, p. 87)
Tipo de texto: música com palavras que combinam e mantem o ritmo	

パパガイオ(papagaio→papagaio)	Título do texto: あいうえおの うた (Livro 3, p. 87)
Tipo de texto: música com palavras que combinam e mantem o ritmo	

ピカパウ (pika pau→pica-pau)	Título do texto: あいうえおの うた (Livro 3, p. 87)
Tipo de texto: música com palavras que combinam e mantem o ritmo	

ランバリー(ranbarī→lambari)	Título do texto: ランバリーの 子ども (Livro 2, p. 44)
	Título do texto: あいうえおのうた (Livro 3, p. 86)
Tipo de texto 1: Conta a história do lambari. Narração de um lambari que ensinam aos filhotes como pular, caso sejam capturados. Tipo de texto 2: Música com palavras que combinam e mantém o ritmo	

QUADRO 19 - NIPPONGO 4

Nippongo 4	
ブロッシュ(burocchu→broche)	Título do texto: 冬休みが すんで (Livro 4, p.6)
Tipo de texto: o narrador está descrevendo um broche raro que está com a Izumi.	
カジュー(kajū→caju)	Título do texto: 長く のぼす 音 (Livro 4, p.32)
Tipo de texto: é um texto que explica a diferença do prolongamento do hiragana e katakana	
ボーロ (bōro→bolo)	Título do texto: 長く のぼす 音 (Livro 4, p.32)
Tipo de texto: é um texto que explica a diferença do prolongamento do hiragana e katakana	
シーカラ (shiikara→xícara)	Título do texto: 長く のぼす 音 (Livro 4, p.32)
Tipo de texto: é um texto que explica a diferença do prolongamento do hiragana e katakana	
セボーラ (sebōra→cebola)	Título do texto: 長く のぼす 音 (Livro 4, p.32)
Tipo de texto: é um texto que explica a diferença do prolongamento do hiragana e katakana	
カサキニヨ (kazakinyuo→casaquinho)	Título do texto: おばあさん (Livro 4, p.38)
Tipo de texto: é um texto em que a narradora é uma menina e ela descreve que a avô dela está fazendo um casaquinho para ela sentada na rede.	
レーデ(rēde→rede)	Título do texto: おばあさん (Livro 4, p.38)
Tipo de texto: é um texto em que a narradora é uma menina e ela descreve que a avô dela está fazendo um casaquinho para ela sentada na rede.	
トマテ(tomate→tomate)	Título do texto: うさぎ日記 (Livro 4, p.39)
Tipo de texto: narrador é um menino que ganhou um coelho do avô e fez uma casinha para o coelho com a caixa de tomate.	
シスネ(shizune→cisne)	Título do texto: しょくぶつえん (Livro 4, p.49)
Tipo de texto: narrador é uma menina que vai ao jardim botânico com o irmão mais velho e os amigos da escola.	
ナタール(natāru→natal)	Título do texto 1: あいうえおの うた (Livro 3, p. 86) Título do texto 2: つづいて 思い出す こ とば (Livro 4, p. 55)
Tipo de texto 1: música com palavras que combinam e mantem o ritmo	

Tipo de texto 2: texto que os estudantes terão que relembrar palavras que o mamãe falam e colocar na lousa.

アマレロン(amareron→amarelão)	Título do texto: くっ先生 (Livro 4, p.59)
Tipo de texto: o menino narra que veio na escola um enfermeiro para falar sobre a doença do amarelão.	

サーラ(sāra→sala)	Título do texto: 見たことや した こと (Livro 4, p.66)
Tipo de texto: o menino relata que tem um retrato do avô na sala da casa dele e parece que sempre ele está olhando para ele.	

フェイジョン(feijyon→feijão)	Título do texto: 見たことや したこと (Livro 4, p.66)
Tipo de texto: tem um feijão	

サッコーラ (sakkōra→sacola)	Título do texto: フェイラ (Livro 4, p.68)
Tipo de texto: a narradora é uma menina e ela descreve uma feira. Ela leva sacola para a feira.	

フェイラ (feira→feira)	Título do texto: フェイラ (Livro 4, p.68)
Tipo de texto: a narradora é uma menina e ela descreve uma feira. Ela leva sacola para a feira.	

ペイシェ (peishe→peixe)	Título do texto: フェイラ (Livro 4, p.69)
Tipo de texto: a narradora é uma menina e ela descreve uma feira. Ela relata vários produtos que podemos comprar na feira, dentre eles: peixe, abacaxi, macarrão, queijo, mandioca, mamão, banana, manteiga e jabuticaba.	

アバカシ (abakashi→abacaxi)	Título do texto: フェイラ (Livro 4, p.70)
Tipo de texto: a narradora é uma menina e ela descreve uma feira. Ela relata vários produtos que podemos comprar na feira, dentre eles: peixe, abacaxi, macarrão, queijo, mandioca, mamão, banana, manteiga e jabuticaba.	

ケイジョ (keijyo→queijo)	Título do texto: フェイラ (Livro 4, p.70)
Tipo de texto: a narradora é uma menina e ela descreve uma feira. Ela relata vários produtos que podemos comprar na feira, dentre eles: peixe, abacaxi, macarrão, queijo, mandioca, mamão, banana, manteiga e jabuticaba.	

マカロン (makaron→macarrão)	Título do texto: フェイラ (Livro 4, p.70)
Tipo de texto: a narradora é uma menina e ela descreve uma feira. Ela relata vários produtos que podemos comprar na feira, dentre eles: peixe, abacaxi, macarrão, queijo, mandioca, mamão, banana, manteiga e jabuticaba.	

マモン (mamon→mamão)	Título do texto 1: じんとり (livro 2, p.14)
	Título do texto 2: あいうえおのうた (livro 3, p. 86)
	Título do texto 3: フェイラ (livro 4, p. 70)
Tipo de texto 1: texto descritivo que demonstra uma feira no qual tem algumas frutas Tipo de texto 2: música com palavras que combinam e mantem o ritmo Tipo de texto 3: texto narrativo que descreve uma feira.	
マンテイガ (manteiga→manteiga)	Título do texto: フェイラ (Livro 4, p.70)
Tipo de texto: a narradora é uma menina e ela descreve uma feira. Ela relata vários produtos que podemos comprar na feira, dentre eles: peixe, abacaxi, macarrão, queijo, mandioca, mamão, banana, manteiga e jabuticaba.	
ジャボチカーバ (jyaboticâba→jabuticaba)	Título do texto: フェイラ (Livro 4, p.70)
Tipo de texto: a narradora é uma menina e ela descreve uma feira. Ela relata vários produtos que podemos comprar na feira, dentre eles: peixe, abacaxi, macarrão, queijo, mandioca, mamão, banana, manteiga e jabuticaba.	
パパイ (papai→papai)	Título do texto: ことば さがし (Livro 4, p.73)
Tipo de texto: texto metalinguístico - exercício de procurar palavras correspondentes.	
ママイ (mamai→mamãe)	Título do texto: ことば さがし (Livro 4, p.73)
Tipo de texto: texto metalinguístico - exercício de procurar palavras correspondentes.	
オンサ (onsa→onça)	Título do texto 1: どうぶつえん (Livro 2, p. 29)
	Título do texto 2: しかと オンサ (Livro 4, p. 74)
Tipo de texto 1: Conta a visita de estudantes ao zoológico. Tipo de texto 2: fábula do veado e da onça.	

Como já adiantamos, todas as palavras são da classe dos substantivos ou *meishi* na terminologia gramatical japonesa, e estão escritos na grafia *katakana*, do mesmo modo que no Japão se escreviam os estrangeirismos conforme já comentamos antes. Sendo assim, todas as palavras têm uma forma, para os números plural e singular, como também observamos anteriormente.

5.2. Os empréstimos do português nos textos do *Nippongo*

Nesta parte discutiremos os tipos de palavras que constituem empréstimos do português nos quatro primeiros volumes da série *Nippongo*. Após análise dos textos e dos empréstimos organizados nos quadros, chegamos à seguinte classificação:

- a) palavras que designam objetos e eventos típicos do Brasil;
- b) palavras do cotidiano rural e agrícola dos imigrantes e seus descendentes;
- c) outras palavras do cotidiano dos imigrantes e seus descendentes ;
- d) palavras que não encontraram tradução para o japonês.

Faremos, a seguir, comentários de cada grupo de empréstimos e, para isso, utilizaremos alguns textos a título de exemplificação.

a) palavras que designam objetos e eventos típicos do Brasil.

A feira, com barracas montadas ao ar livre, em ruas de cidades, e que se realizam em determinados dias da semana, é um evento típico do Brasil. Há um texto, do livro 4, que trata justamente desse acontecimento. No texto フェイラ (feira), do volume 4, aparecem サッコーラ (*sakkōra*→sacola), ペイシエ (peixe), マカロン (*makaron*→macarrão), ケイジョ (*keijo*⁴¹→queijo), マンテイガ (manteiga), マモン (*mamon*→mamão), アバカシ (abacaxi) e ジャボチカーバ (*jabochikāba*→jabuticaba). O texto faz uma descrição de uma feira e a narração é feita por uma criança que foi às compras com sua mãe, pois o faz no tempo passado. Existem duas ilustrações: uma que mostra uma das ‘pontas’ da feira com um caminhão, barracas nos dois lados da rua, e pessoas andando no meio delas portando sacolas e carrinhos de compras (p.68); a outra mostra uma imagem mais próxima de três barracas e pessoas fazendo compras (p. 69). O empréstimo ペイシエ (peixe) está numa lista de produtos que podem ser adquiridos numa feira, juntamente com outras palavras japonesas cujos equivalentes são

⁴¹ Pronuncia-se ‘keidyō’.

verduras, frutas, arroz, enlatados, bolacha, carnes, cerâmicas, flores, roupas, brinquedos, sapatos etc.. Os produtos comprados pela mãe e filha inicialmente foram マカロン (makaron→macarrão), ケイジョ (keijo→queijo), マンテイガ (manteiga), entre outras coisas. São todas palavras emprestadas do português. O narrador elenca uma lista de frutas encontradas nas barracas da feira. Juntamente com palavras em japonês equivalentes de laranja (ou mexerica), melancia, pera, maçã, nêspira, pêssigo e morango, aparecem os empréstimos do português マモン (mamon→mamão) e アバカシ (abacaxi), além de ジャボチカーバ (jabochikāba→jabuticaba), como já citamos.

Figura 55 – Livro 4, p. 68 e 69

Figura 56 – Livro 4, p. 70 e 71

Citamos o texto フェイラ (Feira), no volume 4, no qual aparecem os seguintes empréstimos do português e no qual nos chamou a atenção para a palavra マモン [mamon→mamão]. Esta palavra no japonês não existe, já que quando eles se referem a mamão mencionam パパイア [papaiya]. No Brasil há variedades de mamão dentre elas o papaiya é considerado uma espécie do mamão.

QUADRO 20 – palavras que designam objetos e eventos típicos do Brasil

Empréstimos do português		Tradução
Em katakana	Transcrição	
フェイラ	feira	feira
サッコーラ	sakkōra	sacola
ペイシェ	peishe	peixe
マカロン	makaron	macarrão
ケイジョ	keijo	queijo
マンテイガ	manteiga	manteiga
マモン	mamon	mamão
アバカシ	abakashi	abacaxi
バナナ	banana	banana
ジャボチカーバ	jabochikāba	jaboticaba

b) palavras do cotidiano rural e agrícola dos imigrantes e seus descendentes

Levando-se em conta que a imigração de japoneses no Brasil teve como uma das principais finalidades suprir a mão de obra nas fazendas cafeeiras e de outros produtos agrícolas, o lugar de vivência dos primeiros imigrantes foi a zona rural, nessas fazendas. Mesmo mais tarde, quando muitos tinham se tornado proprietários, geralmente de lotes agrícolas de proporções menores, ou arrendatários, após vencido o contrato de obrigatoriedade de trabalho nessas fazendas, o espaço de vivência dos imigrantes e seus descendentes continuou majoritariamente rural e agrícola. Por isso, é natural que na comunicação esses imigrantes e seus descendentes utilizassem termos próprios da vida rural e agrícola, os quais muitos eram empréstimos.

São os casos, por exemplo, de アルゴドン (*arugodon*→algodão), マンジオカ (*manjioka*→mandioca), パスト (*pasuto*→pasto), citados por Ota (1993) que analisou jornais em japonês publicados no Brasil e afirma que os nomes de produtos agrícolas estão geralmente

em português escritos em katakana. Os livros *Nippongo* foram publicados no início da década de 1960. Ainda nessa época a população de imigrantes japoneses e seus imigrantes era predominantemente rural. Isso justifica a inclusão de vários textos que descrevem a vida rural e agrícola, e neles, o uso de empréstimos do português.

Em nosso levantamento, feito nos quatro primeiros livros do *Nippongo*, encontramos os seguintes empréstimos relacionados à vida rural e agrícola dos imigrantes e seus descendentes. Elencamos juntamente com o título do texto no qual está inserida a palavra e com o contexto em que foi usada. Esta última medida visou confirmar se o vocábulo foi utilizado como empréstimo que trata da vida rural e agrícola do imigrante e seu descendente.

Quando isso não se confirmou, colocamos a palavra entre parênteses, como foi o caso de ポルコ (*poruko*→porco) que, no livro 1, foi somente utilizado num exercício de ligar palavras, de um lado palavras japonesas e de outro, equivalentes do português grafados em *katakana* com adequação fonética, portanto, empréstimos que os imigrantes e seus descendentes utilizariam (livro 1, p. 26).

QUADRO 21 – palavras do cotidiano rural e agrícola dos imigrantes e seus descendentes

Empréstimos do português		Tradução
Em <i>katakana</i>	Transcrição	
パスト	pasuto	pasto
カフェー	kafê	café
カフェザール	kafezāru	cafezal
マモン	mamon	mamão
ミーリョ	miiryo	milho
アメンドイン	amendoin	amendoim
マンジオカ	manjioka	mandioca
アバカシ	abakashi	abacaxi
カジュ	kajyū	caju
ジャボチカーバ	jyaboticāba	jabuticaba
セボーラ	seborā	cebola
トマテ	tomate	tomate
フェイジョン	feijyon	feijão
アバカテ	abakate	abacate
エストラダ	esutorāda	estrada
アマレロン	amareron	amarelão
ガンソ	ganso	ganso

c) Outras palavras do cotidiano dos imigrantes e seus descendentes

Handa (1973) afirma que as diferenças de estilo de vida do Japão e do Brasil fizeram

com que os imigrantes incorporassem palavras e até expressões do português, em substituição às equivalentes em japonês. Isso teria ocorrido porque os elementos do vestuário, da alimentação, da moradia, da prática de cultivo de terras e outros encontrados nas terras brasileiras eram diferentes daqueles utilizados no Japão. E Ota (1993, p. 54), tratando especificamente de artigos em jornais, concluiu que mesmo na escrita “o que é marcante no emprego do português nos textos japoneses é, acima de tudo, a necessidade de expressar objetos e fatos que fazem parte da realidade dos falantes”, ou seja dos imigrantes e seus descendentes.

As palavras abaixo comprovam a afirmação de Ota acima, pois a maioria há uma palavra correspondente em japonês, porém estão nos textos em *koroniago* facilitando o aprendizado da língua, ou seja, usá-las em português facilita mais a comunicação.

QUADRO 22 – Outras palavras do cotidiano dos imigrantes e seus descendentes

Empréstimos do português		Tradução
Em katakana	Em rōmaji	
オニバス	onibusu	ônibus
プレゼンテ	purezente	presente
ボネッカ	bonekka	boneca
マカコ	makako	macaco
ラピス	rapisu	lápiz
タマンコ	tamanko	tamanco
パパイノエル	papainoeru	Papai Noel
ブルーザ	burūza	blusa
ラッタ	ratta	lata
カデルノ	kaderuno	caderno
サボン	sabon	sabão
シネマ	shinema	cinema
タマンコ	tamanko	tamanco
ナタール	natāru	natal
レストランテ	resutorante	restaurante
カザキニョ	kazakinyo	casaquinho
カジュ	kajyū	caju
サーラ	sāra	sala
サッコラ	sakkōra	sacola
シーカラ	shiikara	xícara
シスネ	shisune	cisne
パパイ	papai	Papai
ブロッシェ	burosshe	broche
ボーロ	bōro	bolo
ママイ	mamai	mamãe
レーデ	rēde	rede

d) Empréstimos do português sem equivalentes em japonês

Verificam-se muitos nomes de animais, frutas, comidas, bebidas, flores e utensílios e artigos usados dentro da casa. De acordo com Kuyama (1999) o uso dos empréstimos lexicais representa uma *estratégia comunicativa*. O estilo diferente de vida do Japão e do Brasil fizeram os falantes incorporar algumas palavras e até expressões do português, em substituição às equivalentes em japonês, e, isso se verifica principalmente quando seus significantes são diferentes no Japão. Essa troca ocorreu porque os elementos da cultura, vestuário, alimentação, moradia, instrumentos agrícolas, e outros, encontrados nas terras brasileiras, eram diferentes daqueles utilizados no Japão.

QUADRO 23 - Empréstimos sem equivalentes em japonês

Empréstimos do português		Tradução
Em katakana	Em rōmaji	
アマレロン	amareron	amarelão
オンサ	onsa	onça
リリオ	ririo	lírio
アンタ	anta	anta
ランバリー	ranbarii	lambari
カフェザール	kafezāru	cafezal
パパガイオ	papagaio	papagaio
ピカパウ	picapau	pica pau
マンジオカ	mandioka	mandioca

Para OTA (1993, p.54), “o que é marcante no emprego do português nos textos japoneses é, acima de tudo, a necessidade de expressar objetos e fatos que fazem parte da realidade dos falantes”. E conseguimos perceber nos livros *Nippongo* que o uso de *koroniago* é frequente e sempre vem dentro de um contexto mostrando a realidade aqui vivida pelos imigrantes, e com isso a necessidade de sociabilizar-se e de interagir na comunidade local fez com que os japoneses e seus descendentes priorizassem o aprendizado do português principalmente no pós-guerra, pois perceberam que a imigração não seria mais temporária e sim definitiva.

Apresentamos algumas características de *koroniago*, que é considerada como recurso para uma comunicação eficiente entre as pessoas de diferentes gerações da família ou da mesma comunidade, proficientes ou não em língua japonesa, assim como um recurso para a

manutenção do japonês. Mesmo não havendo unanimidade entre os falantes quanto à valoração da referida língua, uma vez que há posições controversas com relação à mistura de línguas entre os próprios usuários, koronia-go é considerado ‘natural’ e ‘normal’ para muitos deles. (OTA, 2009, p. 46-56). Em suma, os empréstimos lexicais do português que circulavam frequentemente na colônia, tinham como objetivo tornar o conteúdo dos textos mais familiares à criança e , conseqüentemente, facilitar a sua compreensão.

CAPÍTULO 6

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apresentamos nesse estudo o livro didático *Nippongo*, especificamente os volumes de 1 ao 4. Esse material foi elaborado no Brasil com o intuito de ensinar a língua japonesa para os estudantes *nisei* (filhos de imigrantes japoneses), fornecendo-lhes também formação humana e moral. Essa formação referia-se à preocupação em transmitir o “espírito colaborativo”, ou seja, saber viver respeitando o próximo, ter honestidade, e amor pela terra que os receberam, desprendendo-se do “espírito japonês” uma vez que os descendentes de imigrantes permaneceriam no Brasil e deveriam ter a formação de bons brasileiros. Constatamos esse fato, através dos textos apresentados no livro didático *Nippongo*, pois os temas abordados pelos autores englobavam Estudos Sociais e Ciências, cujo conteúdo sempre apresentava preocupação com a boa formação dos *nisei*. Como exemplo, no que toca aos Estudos Sociais, relacionavam-se os temas: lar, vizinhança, parentes e escola; concernente à Ciências há conteúdos que versam sobre animais domésticos, vegetais e legumes para uso na cozinha e temas que estimulam a capacidade de observação, como zoológico e plantas que trouxeram no texto Jardim Botânico.

As questões em torno da idealização do livro didático e também as discussões que a sua elaboração gerou foram abreviadas nesta pesquisa devido à realização de duas dissertações feitas recentemente que têm o livro *Nippongo* como objetos de estudo, a pesquisa de Sandra Suenaga e Hitomi Inamura.

Sandra Terumi Suenaga, teve como objetivo em sua pesquisa investigar, por meio de livros didáticos e também de artigos de jornais e boletins publicados no Brasil, o percurso do ensino da língua japonesa no país. Os livros didáticos analisados por Suenaga foram aqueles produzidos no Brasil e foram organizados em três fases: 1ª fase: Educação para a formação do cidadão japonês; 2ª fase: Educação para a formação de um *nikkei* – entendido como filho (ou neto) de imigrantes japoneses que recebia educação/instrução formal brasileira e se integraria à sociedade brasileira; 3ª fase: Educação de língua japonesa como língua estrangeira, destinada aos nipo-brasileiros (*nikkei*) e aos não-*nikkei*. A pesquisa de Suenaga foi importante por situar historicamente – na história sócio-cultural e na história educacional da comunidade nipo-brasileira – a produção dos livros didáticos, dentre eles o *Nippongo*.

Por outro lado o estudo de Hitomi Inamura focaliza o contexto de sua idealização, elaboração e publicação. Inamura enfatiza os debates e discussões que aconteciam na comunidade nipônica no Brasil do pós-segunda guerra mundial sobre a educação dos filhos e netos de imigrantes, sobre o ensino de língua japonesa e a necessidade de se formular um livro didático que refletisse a nova realidade – a fixação dos imigrantes e seus descendentes no Brasil e a necessidade de fazer parte da sociedade brasileira como um todo.

Desses trabalhos emprestamos as análises e conclusões sobre as circunstâncias de produção do material didático objeto desse estudo, seja do ponto de vista do ensino de língua japonesa no Brasil, seja do ponto de vista das questões ideológicas dos proponentes do projeto. Tratava-se de elaborar um livro que possibilitasse a comunicação dos imigrantes com os seus filhos, para que eles, através da língua japonesa, absorvessem as qualidades boas – entre elas a avançada tecnologia – do povo japonês, e que como isso se tornassem bons cidadãos brasileiros.

Como expomos no capítulo 1, a proposta dessa pesquisa foi a de limitar à análise do *Nippongo* em si. Quanto à demilitação do material de estudo aos livros 1, 2, 3 e 4, optamos por essa forma pois os autores, com o intuito de tornar os textos do livro próximos aos seus estudantes, optaram por incorporar os empréstimos do português – devidamente adaptados ao sistema fonético do japonês e escritos em *katakana* – em textos de relatos com a temática do cotidiano familiar e escolar dos estudantes.

No capítulo 2 fizemos um breve panorama do ensino de língua japonesa na colônia de imigrantes para descendentes, a série didática e sua estrutura básica. Os imigrantes decidiram fixar-se no Brasil e mantiveram o desejo de transmitir a língua às futuras gerações, contudo perceberam que a motivação dos *nisei* nos estudos de língua japonesa era baixa. Por volta de 1950, alguns idealizadores do livro didático, dentre eles Ando Zanpati, Chikashi Okazaki, Yoshio Takemoto e Kikuo Furuno afirmaram que deveria ser criado um material didático que atendesse os descendentes de japoneses e que correspondesse as exigências das autoridades educacionais brasileiras com o intuito de obter autorização legal para ensinar língua japonesa no Brasil. Comparando com os livros didáticos utilizados antes da guerra, podemos dizer que houve uma continuidade do ensino, já que o foco eram a aprendizagem dos ideogramas e os *kanas*. Notamos a introdução dos empréstimos lexicais do português e a inserção de textos com tópicos mais abrangentes relacionados ao Brasil.

No capítulo 3 discorremos sobre o contexto do processo de concepção e elaboração, e a distinção que cada volume apresenta no que toca ao conteúdo e proposta de cada livro. Apresentamos nossas observações e comentários concernentes aos tipos de textos, dentre esses poemas, os que versavam sobre a vida cotidiana, fábulas, geografia e ciências, apresentando exemplos extraídos do material analisado. Fizemos algumas considerações sobre como foi apresentada a lista de palavras chamada オモナ コトバ / おもな ことば [Omona kotoba - Principais palavras] e o guia pedagógico denominado 先生と父母へ [Sensei to fubo e – Aos professores e aos pais] e 内容について [Naiyō ni tsuite – Sobre o conteúdo].

No capítulo 4 fizemos a apresentação do léxico, mostrando sua disposição no livro

didático enfocando os fonogramas, *hiragana* e *katakana* e peculiaridades concernentes a sua ordem de introdução. Também apresentamos um estudo de como os ideogramas foram inseridos na série do *Nippongo* de 1 a 4. Mediante pesquisa da época em que foi elaborado o *Nippongo*, chegou-se a conclusão de iniciar o aprendizado pelo *katakana* e posteriormente o *hiragana*. Ambos eram ensinados aleatoriamente, não respeitando a ordem *gojū onzu* (tabela de fonossilabário japonês) e sim o uso de acordo com os textos propostos. Ao analisarmos os livros, observamos que no final de cada volume há uma nota explicativa destinada aos responsáveis pela educação escolar das crianças intitulada 先生と父母へ [*Sensei to fubo e* – Aos professores e aos pais]. Essa seção versa sobre o manuseio de cada livro, e a proposta de desenvolvimento de cada atividade. Nela encontraremos uma observação sobre a quantidade de ideogramas que contém cada livro. Todavia, é na seção アタラシイカンジ/ あたらし
いかんじ [*atarashii kanji* – Novos ideogramas] que são apresentados os ideogramas que serão aprendidos em cada livro. Assim como os *kanas*, os ideogramas também são estudados conforme aparecem nos textos e vale ressaltar que não há indicação de como se escreve cada ideograma, ou seja, não há explicação em relação a ordem de traços. Comparando com os livros oriundos do Japão, o *Nippongo* é um livro com uma grande quantidade de ideogramas e que tinha a leitura como a principal habilidade linguística a ser desenvolvida. Comentamos alguns textos de exercícios destinados à atividade prática dos alunos, apontando algumas diferenças com os livros atuais: não há espaços para a exercitação da escrita, seja dos caracteres do fonossilabário *hiragana* e *katakana*, seja dos ideogramas, no livro, esperando que tais atividades fossem feitas pelo professor, em separado, em cadernos. Não está previsto dar a conhecer o número de traços que compõem *katakana*, *hiragana* ou ideograma e a ordem de escrita desses traços. A introdução dos ideogramas segue a ordem crescente de dificuldade, já que visava o ensino para crianças.

Discutimos, no capítulo 5, o uso de empréstimos do português nos textos dos livros *Nippongo*, para as quais evitamos a designação *koroniago*, como utilizamos hoje. Como assinalado pelos autores, o uso dessas palavras emprestadas do português, adaptadas foneticamente e grafadas em *katakana*, o seu uso visava facilitar a leitura de textos em japonês nos níveis mais básicos, pois seria uma das estratégias de aproximar o texto dos aprendizes. Os autores ainda lembram que tais empréstimos seriam substituídos por equivalentes do japonês nos níveis mais avançados. Na nossa pesquisa, mostramos que nem todas as palavras foram substituídas.

Analisando a série didática, e conforme mencionamos, nessa pesquisa foi levado em

consideração quatro aspectos, dentre eles: o contextual, o de estruturação, abordagem e aspecto lexical. No aspecto contextual, buscamos trazer informações relevantes sobre o ensino de japonês no Brasil no momento da publicação do material, tendo como base as contribuições de Moriwaki e Nakata (2008) e Morales (2008). Quanto ao aspecto estrutural analisamos visualmente a forma de divisão dos livros em capítulos e a forma de distribuição e apresentação dos conteúdos em subitens e nos baseamos nas contribuições de Suenaga (2005) e Inamura (2016). No que tange à abordagem dos elementos fonográficos do japonês no material, levantamos informações a respeito do sistema de escrita japonesa e sua história, com o intuito de localizarmos esses elementos; por fim, analisamos a presença dos empréstimos lexicais, oriundos da linguagem típica falada nos núcleos de imigrantes denominada *koroniago* (literalmente língua da colônia), segundo Ota (1993) uma mescla de português e japonês da época que acabou refletindo-se no material analisado.

Os livros do *Nippongo* são exclusivamente de leitura, como os *tokuhon* do período anterior à guerra e que eram utilizados ainda no Japão.

Embora afirmando que manteve o formato de apresentação dos ideogramas como nos livros de *kokugo* do Japão, que vigora ainda hoje, listar os ideogramas (na seção あたらしいかんじ (*atarashii kanji* [Novos ideogramas]) na sua forma de uso, ou seja como palavras gramaticais ou sintagmas (no caso dos verbos e adjetivos) tal qual apareceram nos textos, é interessante do ponto de vista didático. Lembramos que essa prática acontece também na seção おもなことば (*omona kotoba* [palavras essenciais])

O livro *Nippongo* é, como vimos, produto de um determinado período histórico. Foi concebido seguindo uma diretriz, não apenas didático-pedagógica, como também ideológica quando os imigrantes decidiram pela fixação permanente no Brasil. Nas discussões, que culminaram na publicação do *Nippongo*, chegaram a conjecturar o ensino do japonês como língua estrangeira, mas o livro está longe de ser um material adequado para essa nova abordagem.

Por outro lado, o *koroniago* usado pelos imigrantes e seus descendentes no cotidiano não se reduz a algumas dezenas de empréstimos inseridos no *Nippongo*. Sequer aventou-se o ensino dessa variante do japonês no Brasil, como viria a ser delineada e estudada a partir da década de 1990. Podemos afirmar que mesmo hoje essa possibilidade está descartada. Mesmo no Japão, mesmo hoje, não se ensina variantes dialetais na pedagogia de língua estrangeira.

Resumindo e concluindo, o objetivo de ensino de língua japonesa no Brasil, na década posterior ao término da segunda guerra, não era como língua estrangeira, pelo menos no que

concerne ao livro didático produzido nessa época, *Nippongo*. Embora as discussões antes e durante a elaboração trouxesse a questão, o livro seguiu o formato e o conteúdo dos livros *kokugo* usados nas disciplinas de mesmo nome, do ensino oficial do Japão. São livros de leitura para alunos cuja língua materna era a japonesa. Nas comunidades de imigrantes japoneses, os *nisei* (filhos de imigrantes) ainda estavam nessa condição, embora essa língua já fosse o *koronia go*.

Essa variante do japonês, *koroniago*, não era a língua ensinada ou a ser ensinada. Embora, não explicitada pelos autores, o *Nippongo* viria a corrigir o usuário dessa língua, fornecendo a oportunidade de aprender a língua japonesa própria.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APRENDA NIHONGO. Disponível em: <http://aprendanihongo.wordpress.com/>. Acesso em 06 de setembro de 2016.

BUENO, Clodoaldo. O Tratado de 1985 e o Início das Relações Brasil – Japão. In: HASHIMOTO, Francisco; TANNO, Janete. L.; OKAMOTO, Monica. S. **Cem Anos da Imigração Japonesa: História, Memória e Arte**. São Paulo: Editora UNESP, 2008.

CHOPPIN, Alain. História dos livros e das edições didáticas: sobre o estado da arte. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 30, no. 3, p. 549-566, Dec. 2004. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022004000300012&lng=en&nrm=iso>. Acessado em 14/03/2015.

COELHO, Jaime; Higa, Yoshifumi. **Shōgakukan Gendai Nippo Jiten** ou Shogakuen Dicionário Japonês – Português. 1998, p. 865.

DOI, Elza Taeko. O ensino de japonês no Brasil como língua de imigração. In: **Estudos Linguísticos XXXV**, Campinas (SP), p. 66-75, 2006.

FEDERAÇÃO BRASILEIRA DAS ESCOLAS DE LÍNGUA JAPONESA DO BRASIL (hakkoku Nichigo gakkō Rengōkai: Nichigakuren). (org.). **Ikusanga** – Zenpaku Nichigo Kyōikushi [História do Ensino de Japonês no Brasil]. São Paulo. 1966.

FUKUSHIMA, Jaqueline; MUKAI, Yuki. **Crenças sobre a habilidade de fala dos aprendizes da língua japonesa como LE (língua estrangeira) em um curso universitário: uma análise da metodologia de ensino**. Estudos japoneses, v. 32, p. 77-100, 2012

HANDA, Tomoo. **Imin no Sekatsu no Rekishi (História da Vida dos Imigrantes)**. São Paulo: Centro de Estudos Nipo-Brasileiros, 1970.

HINATA, Noemia. **Romaji wapo jiten**. Editora Kashiwa shoko. 1ª ed. 1992.

INAMURA, Hitomi. **Nippongo- os livros didáticos de língua japonesa para os descendentes de japoneses: uma análise do contexto de sua produção e do processo de estabelecimento da**

sua política editorial. São Paulo. Dissertação defendida no Programa de Pós-Graduação em Língua e Literatura Japonesa do Departamento de Letras Orientais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2016.

ISHIME, Y. **Nikkei burajiru no tamenō nihongo kyōkasho ni mirareru porutogarugo shakuyō** (Empréstimos do português visto no livro didático de língua japonesa para filhos nipo-brasileiros). Nidaba, vol 37. Linguistic Society of West Japan. Hiroshima, 2008, pp. 203-212.

KENKUSHA LIMITED. **Kenkyusha's new japaanese – English dictionary**. Seventeenth impression 1988, p. 1.277.

KUYAMA, Megumi. **O uso da língua japonesa na comunidade nipo-brasileira: O empréstimo lexical no japonês falado pelos imigrantes - Caso de Distrito Federal**. São Paulo, 1999. Dissertação defendida no Programa de Pós-Graduação em Língua e Literatura japonesa do Departamento de Letras orientais da faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1999.

MARCUSCHI, Luis Antonio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; & BEZERRA, Maria Auxiliadora (Org). **Gêneros Textuais e Ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2002, pp. 19-36.

MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários**. São Paulo: Editora Cultrix, 1997.

MORALES, Leiko Morales. **Cem anos de imigração japonesa no Brasil: o japonês como língua estrangeira**. Tese (Doutorado em Linguística) - Departamento de Linguística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

MORALES, Leiko Morales; UEDA, Nancy Naomi. A presença da mídia na socialização contemporânea dos jovens: o caso do animê como convite ao estudo da língua japonesa. **Estudos Japoneses** (USP). São Paulo, nº 26, 2006, pp. 75-96.

MORIWAKI, Reishi; NAKATA, Michiyo. **História do ensino da língua japonesa no Brasil**. Tradução de Maria Emiko Suzuki e Fumiko Takasu. Campinas (SP): Editora da Unicamp, 2008.

MUKAI, Yuki; CONCEIÇÃO, Mariney. Aprendendo língua japonesa: crenças, ações e reflexões de uma aluna brasileira de japonês como língua estrangeira. In: MUKAI, Yuki; JOKO, Alice Tamie; PEREIRA, Fausto Pereira. (Orgs.). **A língua japonesa no Brasil: reflexões e experiências de ensino e aprendizagem.** (Coleção Japão em Foco.) Campinas (SP): Pontes Editores, 2012, pp. 111-154.

MUKAI, Yuki. **Crenças e necessidades de aprendizes de japonês como LE (Língua Estrangeira) a respeito da habilidade da escrita e materiais didáticos.** Estudos japoneses (USP), v. 31, 2011, pp. 193-219.

NIHONGO KYOIKU GAKKAI. **Nihongo Kyoiku gakkai iv.** Tóquio: Editora Taishuukan shoten. 1982.

NODA, Ryōji. **Nippo Jiten 2** (M a Z). 2a. edição. Tóquio: Editora Yuuhikaku. 1976.

ŌTAKE, Wasaburō. **Wapo Jiten.** Tóquio: Editora Ōtake Shin'ichi. 1976.

OTA, Junko. A língua japonesa dos imigrantes – algumas considerações. **90 anos da imigração japonesa no Brasil.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. 1993.

OTA, Junko. Os empréstimos do português nos jornais japoneses do Brasil. **Estudos Japoneses** (USP), nº 13. São Paulo: Centro de Estudos Japoneses da USP, 1993.

OTA, Junko. **A língua falada nas comunidades rurais nipo-brasileiras do estado de São Paulo - considerações sobre koronia-go.** Synergies Brésil nº 7. 2009, pp. 46-56.

SUENAGA, Sandra **Kyōzai kara miru burajiru no nihongo kyōiku no henshen** (A mudança no ensino da língua japonesa no Brasil à partir dos materiais didáticos). Dissertação de mestrado em Linguística Aplicada à Língua Japonesa defendida na Universidade de Waseda. Tóquio, 2005.

SUZUKI, Tae. **A escrita japonesa.** Estudos Japoneses (USP), São Paulo, v.5, p. 53-61, 1985.

SUZUKI, Tae ; FUKUSAWA, Lídia; GIROUX, Sakae **Introdução à gramática da língua japonesa**. 2ª. Ed. São Paulo: Centro de Estudos Japoneses da USP, 2001. 134p.

TAKEUCHI, Márcia. **O Império do Sol Nascente no Brasil: Entre a Idealização e a Realidade**. In: CARNEIRO, Maria; TAKEUCHI, Márcia. (Org.). *Imigrantes Japoneses no Brasil – Trajetória, Imaginário e Memória*. São Paulo: Edusp, 2011.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Tipelementos e a construção de uma teoria tipológica geral de textos**. In FÁVERO, Leonor Lopes; BASTO, Neusa M. de O. Barbosa; MARQUESI, Sueli Cristina (org.). *Língua portuguesa, Pesquisa e ensino*, vol. II. São Paulo: EDUC/FAPESP, 2007, pp. 97-117.

TRASK, R. L. **Dicionário de linguagem e linguística**. Tradução e adaptação de Rodolfo Ilari, do original *Key concepts in language and linguistics*, de 2004. São Paulo: Editora Contexto, 2011.

WAKISAKA, Katsunori. **Michaelis: dicionário prático japonês – português**. São Paulo: Aliança Cultural Brasil-Japão, 2003.

GLOSSÁRIO

Elaborado para facilitar a compreensão de termos abordados nessa dissertação.

Decasségui – em japonês (出稼ぎ, dekasegi) é um termo formado pela união dos verbetes na língua japonesa 出る (deru, sair) e 稼ぐ (kasegu, para trabalhar, ganhar dinheiro trabalhando), tendo como significado literário "trabalhando distante de casa" e designando qualquer pessoa que deixa sua terra natal para trabalhar temporariamente em outra região ou país.

Hinnikei – não descendente de japoneses

Issei – japonês de primeira geração

Kana – é o termo geral para as escritas fonossilábicas japonesas *hiragana* (ひらがな) e *katakana* (カタカナ).

Kanji – em japonês 漢字, são caracteres da língua japonesa adquiridos a partir de caracteres chineses, da época da Dinastia Han (206 a.C. até 220 d.C.) , que se utilizam para escrever japonês junto com os caracteres fonossilabários japoneses *katakana* e *hiragana*. Também é sinónimo de ideograma.

Kakijun – ordem dos traços da escrita dos caracteres

Kyokashotai – estilo, ou fontes, de letras usadas em livros didáticos impressos.

Nichigakuren - Federação das Escolas de Ensino Japonês no Brasil (1954-1988)

Nihongakkô – escolas japonesas das colônias japonesas do Brasil

Nikkei – descendência japonesa; Descendente da família ou raça japonesa.

Nisei – segunda geração de japoneses

ANEXOS

ANEXO A – NIPPONGO LIVRO 1, P. 46 E 47

ANEXO B – NIPPONGO LIVRO 2, P. 52 E 53

ANEXO C – NIPPONGO LIVRO 3, P. 30 E 31

ANEXO D- NIPPONGO 4, P. 38

ANEXO E – NIPPONGO Livro 1, p. 62, 63, 64, 65 E 66

ANEXO F – NIPPONGO LIVRO 2, P. 42

ANEXO G – LIVRO 3, P. 88 E 89

ANEXO H - LIVRO 1, P. 88

マツ バラ ユキエ クラウジャ
先生と父母へ

この教科書は、日本語学習の入門書です。コロニアの日本語教育関係者多数の要望により、この第一巻にはかたかなを用いました。そしてこの第一巻によってかたかなの習得を徹底させることを意図しました。ブラジルでの日本語学習という、特種な事情を考慮して、社会科に属するものも取り入れました。

内容 この国にそだった子供に与える教科書なので、明かるく美しい伸び伸びとしたものでありたいと考え、第一ページを「ソラ」からはじめました。そして児童が直接経験すると思われる身近なものに、題材を求めました。

文章 「話す」「聞く」という過程から、さらに「読む」「書く」の学習に導く段階として、単純な報告文、対話文、迷んで客観記述の文章を提出しました。

文字 かたかなの清音を先に提出し、濁音や助詞の「ハ」「へ」、拗音、促音はそのかなの後に提出してあります。これらのかたかなとともに、字形のやさしい漢字24字を提出しておきました。

さしえ 文章表現の理解を助けるという意味から、さし絵は大きな学習上の役割をになっています。ブラジルの風土・風俗・習慣を表現したもので、楽しく観賞できるさし絵でありたいと念願しました。

内 容 に つ い て

4 ~ 20	児童に親しみやすい身近な題材を取り上げて、簡単な言葉と、かたかな文字を教えることを目標とし、正しく発音し、読み、書く、練習をさせる。
10,15,44,45	かんたんなあいさつのしかたを教える。
11	促音「ッ」の発音と表記のしかたを教える。
11,12,13	助詞「が」の発音と使い方を教える。例文を出して覚えさせる。
14 ; 17	助詞「……ハ」のハはワと発音することを教える。
12,13,14,18	助詞「……ヲ」のヲはオと書かないことを教える。
19,32,33,48	数詞を教え、物のかぞえ方にいろいろあることを理解させる。また最初の漢字学習として、漢数字を教える。
21,23,24,26	拗音「シャ、ショ、ジャ」と拗長音「ショウ、ギョウ」の発音や表記のしかたを教える。例文を出して覚えさせる。

—88—

ANEXO I – LIVRO 1, P. 87

- 16, 17 東西の方位と、実際の方位を教える。
22 色紙あそびの題材により、色の名前を教え、実物の色についても白い
雲、赤い花、緑の葉などのように内容に関連して教える。簡単な折紙
23 細工も教える。助詞「……へ」をエト発音することを教える。
例文を出して使い方を教える。
24 ~ 25 児童の好きな遊び、かくれんぼを取り上げ、じゃんけん、かくれん
ぼ遊びを理解させる。
26 ~ 29 コトバサガシ。コトバアツメ。シリトリなどにより、知っていること
ばを確かめ、かたかなを使いこなす能力をいっそう高める。
30 ~ 31 オウマノ オヤコ この童謡を通して、親子の愛情を感じとらせる。
34 ~ 35 ウサギト カメ (エバナシ) 絵を見て話の筋を考えさせ、話ができる
ように、指導する。
36 ~ 37 対話文の読み方を考え、ありがどうのことばを使いこなせるようにする。
38 ~ 39 ウノジノ ヨミカタ 小サクカクジ 説明文を読みとらせ、うの用法
を理解させ、促音、拗音の表記法を教え、ことばの知識を整理する。
40 ~ 43 ハトト アリ まどまった文としてはじめてのもので、拾い読みでな
く、通読することを指導する。相互扶助の精神を読みとらせる。
46 ~ 47 ヨルノ ソラ 韻律の楽しさを味わわせ、月や星に親しみをもたせる。
50 ~ 51 エニッキ 絵日記を読ませ、絵日記の書き方を教え、ことばを文字に
する興味をおこさせる。自分で書けるように、作文の初歩指導をする。
52 ~ 53 手と足 手の働き、足の働きをことばとして教え、動作と結びつけた
指導をする。その他、目、耳、口、鼻などについても考えさせる。
54 ~ 57 ヒヨコ めんどりとひよこのひなたぼこの情景を読みとらせ、自立
の精神を高める。
60 ~ 61 手紙 簡単な手紙の様式を理解させ、手紙について親しみをもたせる。
手紙ごっこなどを行なうとおもしろい。
62 ~ 66 オニブス 父とオニブスでサン・パウロに行った時の様子を書いた生
活作文。各自の経験と結びつけて、文を味読させる。やや長文なので、
全文を通読して、内容をよく理解させ、一つ一つの情景をよく読みとら
せたい。
このようにして、生活経験を文にすることを教え、日記から選んだ作
文の初歩指導をしたい。
67 キンギヨ 詩の内容を読みとり、情景をつかませる。
68 ~ 69 カルタ かたかなの表記を確実にするため、かるたを創作させる。各
自の思考により、異なったものを作りあって、創作のおもしろさを知ら
せる。
70 ~ 79 ネズミノ ヨメイリ かたかな文の最後の長文読物として取り上げた
もので長文を読む経験を与え、話の筋をつかみ、内容を読みとって、ひ
どりで話ができるようにしたい。またこれによって物語を読む興味をお
こさせる。
紙芝居などに発展させるのも一つの方法である。

ANEXO J - LIVRO 2, P. 88

先生と父母へ

この教科書から、ひらがなを用いました。ひらがなをじゅうぶん習得した後、まじまりのある文章が、一応読み書きできるようにということを主眼として編集しました。児童が直接経験すると思われるような身近のものから、少しずつ取材の範囲を広げました。社会科、理科に属するものも、取り入れて、知識をひろめ、道徳心を養うことに役立つよう、配慮しました。

文章。文章の構成は作文学習への展開を予想して だんだん複雑なものに進めました。そして表現形式にも、変化をもたせることにつとめました。

文字と言葉。ひらがなは、なるべく読みやすく書きやすい文字から、順に提出しました。清音を出した後、それぞれ濁音、半濁音を出しました。漢字は、字形の難易、必要度などを考え、新出二十八字、読みかえ九字を出しました。又言葉の提出については、標準語の理解と、使用の力をつけるよう考慮しました。

内容。題材はすべて、児童が理解しやすいように、当地から取材し、時代の進歩に即して、知識をゆたかにさせたいと意図しました。又情操を豊かにし、日本語学習に興味を覚えさせるために、日本童話の長文物語を採用しました。

内容について

- 4～30 「しろ」から始まってどうぶつえんまでの間に、ひらがなを習得させ正しく発音し、読み、書く練習をさせる。
- 12 じんどり 児童の好む陣取り遊びをとりあげ、陣取り遊びを理解させながら、その情景をよみとらせる。
- 14 おみせごっこ 果物屋さんごっこを読ませ、楽しい遊びを想起させ、対話文の読み方を教える。他の果物の名についても調べさせる。
- 16 そうじ そうじについての経験を得させ、そうじ用具の名を教え、そうじに関心をもたせる。
- 18 おつかい 畑に弁当を持って行った時の、情景を読みとらせ、又使いに興味をもたせる。「やあ」「ばくばく」の使い方を教える。
- 24～30 どうぶつえん ひらがな清音と大体の濁音を習得した後提出したやや長文のもので、象・らくだ・狼・小鳥・マンドリル・わになど動物の

ANEXO K - LIVRO 2, P. 87

- 様子を中心にして、文章を読みとらせ、動物に親しみをもたせる。
- 31 おやつ 時計の見方時刻表現のしかたについて指導する。
- 32～34 にわとり にわどりの世話をしている女の子の文章で、動物飼育の楽しさを読みとらせ、動物の観察描写について研究させる。
- 36～37 しゃぼんだま しゃぼんだまの歌を通して、遊びの楽しさを読みとらせ、知っている遊び歌を、集めさせ「ふくな」「とばず」の否定語を、教える。
- 38 わとは おどを。えどへ。現代かなづかいの方式の中の助詞の特例について、正しい理解を与える。用例文を出して指導する。
- 39～41 きしゃ 身近な生活経験を作文に書く場合の、作文の初歩指導に重点をおいて、取扱う。更に内容から発展して、交通に関する公衆道徳をも指導する。
- 44～49 ランバリーの子ども この文章は、言葉、内容の理解と、読後の感想を發表させることを目標として、取り上げたものである。感じ方を話し合させる。
- 50～51 わたしは なんでしょう なぜなぜによる言葉遊びをさせ、そのおもしろさを知らせ、なぜなぜを集めさせたり、作らせたりする。
- 52～53 はみがき 韻律のおもしろさを味わわせ、はみがきに興味を持たせ、各自実行させる。「お口でなってる」「あっちへこっちへ」「つよいはしろいは」などの、表現のおもしろさを理解させる。
- 54～56 金のたまご イソップ物語の中の「金のたまご」である。「ふしぎ」「一つずつ」「ピカピカ」「たまりません」「きっと……ちがいない」「おもいきって」などの言葉は用例を示して理解させる。
- 57 ことばつなぎ 言葉つなぎによる、言葉遊びをさせ、○○が○○を○△するという基本文の構成を教え、文のおもしろさを知らせる。
- 58～59 パバイノエル 児童に最もしたしみぶかいナタールの詩である。これはブラジル語の詩を訳したもので、何ももらえなかった事を反省している子供らしい表現を理解させる。
- 60～67 チコジョンと、チカマリア ニ羽の雀が自分たちの巣を作った話で、働らく楽しさと、完成した喜びを読みとらせ、話の筋を要約する練習をさせる。「木のめがふくらみ」「ほうぼう」「けれども」「きつしり」「すっかり」「かこまれて」「すばらしい」などを理解させる。
- 68～69 かんじのはじまり 漢字に対する興味と、理解を持たせるために、漢字の字源を説明したものである。木・口・大、なども教えるとおもしろい。
- 70 一しゅうかんのよう日 日・月・火・水・木・金・土の七曜を理解させ、その漢字を正確に覚えさせる。
- 72～79 おむすびころりん 最後の長文で、日本の昔話「おむすびころりん」を、取り上げて物語に興味を持たせ、長文を読みこなして、物語の筋を、簡単にまとめめる練習をさせ、他の物語をも読んで読むように指導する。

ANEXO L - LIVRO 3, P. 112

先生と父母へ

この教科書は、話す、聞く、読む、書くの 四つの力が、身につくように
また考える力が 確かなものになるようにということを 目的として、編集
しました。

取材範囲は 学校および家庭生活を中心とし、都会と農村の社会的な姿の
認識を持たせるに役立つものを、取り入れました。

文章 複文が多くなっていますが、文の構造をしっかりとつかませるよう
に、留意しました。

文字と言葉 漢字は日本の現行教科書より少し多く出してあります。新出
七十三字、読替七字、語法教材として「ことばあそび」などを掲げました。
まず、基本的なことばを十分に学習させ、敬語についてはこれまでも、多少
ふれてきましたが今後はっきり提出するつもりです。

内容 社会科、理科にぞくする題材が多くしてあります。童話も、日本、
ブラジル、その他の国々のものを掲げ、学習に興味を覚えさせるように考慮
しました。

内容について

ページ

- 4～5 おはよう 二年生に進級したよろこびを、一年生のかずえちゃんを さ
そってあげたことと、おはようのあいさつの中に、表現した文である。学
年の初めを 明るく楽しく出発するように、採用したものです。
新学年のよろこびを 読みとらせる。
- 6～7 学校で 新学年の楽しい学校生活を主題とし、はじめは休み時間、つぎ
に音楽の時間で、朗読練習を目的とし、学校生活の楽しさを読みとらせる。
- 8～13 雨ふり この文は下級生への友情を主題にしたもので、マリオくんが一
年生を、かきに入れていっしょに帰ったことの作文である。自分の経験を
順序よく素直にかく書き方を学習させる。

ANEXO M - LIVRO 3, P. 111

	「れんがや」「かすりさず」「ぶじ」などの語を理解させる。
22 ~ 29	手紙 やや複雑な手紙の内容を読み取り、手紙文を書く能力を養う。身の状況を簡単な手紙文にまとめる練習をさせる。
30 ~ 32	長く のばす 音 長音の書き方を教える。ひらがなには長音記号を用いないことを指導する。韻語を出して指導する。
33 ~ 35	「てん」と「まる」説明文の読解力を高め、句どう点について正しい理解を与えて、句どう点を正しく使うことを教える。
38	おばあさん 韻律の楽しさを味わわせ、詩特有の表現に慣れさせ、詩への興味を起こさせる。
39 ~ 43	うきぎ日記 前巻きうりの日記（植物）からうきぎの日記（動物）に迷んだもので、動物飼育の楽しさを読みとらせ、日記をつける興味を起こさせる。観察の細かいところ、愛惜の表われているところなどを注意させたい。迷んで動物飼育への興味を持たせたい。
44 ~ 45	ゆりかごの うた 子供らしい子守歌を楽しく読ませる。何回も読ませて情感を味わわせる。
46 ~ 47	お話を きく ときは。本を 読む ときは。お話をきくときの態度。本を読むときの態度を指導する。箇条書きの文に慣れさせる。
48 ~ 53	しよくぶつえん 全文を読んで、場面を考えさせ、植物の知識を深め植物に親しみを持たせる。身の植物を研究する態度を養いたい。
54 ~ 57	つづいて 思い出す ことば 連想によって次々に名詞を想起させて語いをふやし、連想の能力を高める。
58 ~ 62	くつ先生 ブラジルに多い十二指腸虫症の知識と、予防法を教える。
63 ~ 64	お話を する ときは。文を 書く ときは 話をするときと文を書くときの態度を教える。話し方、作文の実習をさせる。
65 ~ 67	見た ことや した こと 短い文を書く練習をさせる。教室やへやの中など場所を限って、取材させる。気軽に書きとめる態度を養いたい。
68 ~ 71	フェイラ フェイラは買物の場として親しみやすいものである。そのフェイラの情景を読みとらせ、店の種類、品物の名を教える。
72 ~ 73	ことばさがし 興味あるクイズ遊び。箇条書きの文を理解させ、クイズを考えさせる。他のクイズを持ちよったり、作ったりして発展させる。
74 ~ 82	しかと オンサ 長文読解の能力を高め、朗読と、黙読の仕方を教える。文段に区切って内容をまとめさせる。紙芝居・劇などに発展させたい。
83 ~ 87	アイウエオの 語 物語の中でかたかな清音とあいうえお表を的確に覚えさせる。全文を読み通したあと、全体をまとめて話させる。
88 ~ 90	いろはがるた ニッポンゴ[1]のかかるを一步進めたもので、かるたの作り方を理解し（名詞・形容詞・動詞・副詞の使い方）実際に作らせる。
91 ~ 104	かぐやひめ 古くから親しまれている「竹取物語」をこの学年の児童向きになおしたもので、長い物語を読み通し、内容を確実につかませる。「おきな」「ふどころ」「かご」「たからもの」「ひょうばん」「みやこ」「どのさま」「十五夜」「けらい」「まもる」「すきま」「天人」「目はくらみ」などは理解しにくいことばで、補足して教える。

ANEXO N - LIVRO 4, P. 112

先生と父母へ

この教科書は、「にっぽんご(3)」に続いて「読む」「書く」力を伸ばしていくとともに、要点をのがさず「聞く」「話す」態度を養うことを主眼として、編集しました。

児童もこのころになると社会生活への関心が、しだいに高まってきます。そこで取材の範囲を、児童が社会との接触面で経験すると思われるところで広げました。またそれらが、言語の学習に役立つよう留意しました。

なお漢字及び語いは日本現行教科書よりも高度のものを提出してあります。

文章 児童の言語発達の段階を考え、説明文・報告文・会話文などいろいろの表現形式を取りあげて、その形式に慣れさせるように留意しました。

文字 新出六十五字。読替十九字。

内容 社会科、理科に属する題材が多くなっています。特に衛生の面では十二指腸虫を取りあげました。童話はブラジルと日本のものを掲げ、興味深く学習できるようにしました。

ページ

内容について

4 ~ 5	カナリヤ カナリヤを主題とした短い児童文。短い中に子どもらしい観察描写があることに気付かせたい。「目をパチパチさせて」「チョンチョンとんで」「山にかえりたくて、なくののでしょうか」など。
6 ~ 10	冬休みが すんで 新学期がはじまった日の学校風景を書いたもので、児童たちが、冬休みの経験を話し合っている情景は理解し易いものと思う。新出文字12字を教え、書写能力を養う。各自の経験を発表させる。
11	何で しょう ものの属性や、環境を提示して、そのものを的確に当てさせ、児童の思考力をねり、理科的な興味を起こさせようとする。
12 ~ 15	虫めがね のぼるくんが雑誌を見て、虫めがねの実験をしている文で内容を読み取り、虫めがねに親しみを持たせ、各自に実験させたい。簡単な実験など雑誌その他の書物などにより興味を持つように指導したい。
16 ~ 21	ようさんごや あさらくんの村の相互扶助関係を読み取らせる。各自の町村の相互扶助について話し合う。「ゆうびんぶつ」「青年会」「ゆうびんきょく」「会かん」「ようさんごや」「むね上げ」「ものおき」

ANEXO O - LIVRO 4, P. 111

	「れんがや」「かすりさず」「ぶじ」などの語を理解させる。
22 ~ 29	手紙 やや複雑な手紙の内容を読み取り、手紙文を書く能力を養う。身の状況や簡単な手紙文にまとめる練習をさせる。
30 ~ 32	長く のぼす 音 長音の書き方を教える。ひらがなには長音記号を用いないことを指導する。韻語を出して指導する。
33 ~ 35	「てん」と「まる」説明文の読解力を高め、句どう点について正しい理解を与えて、句どう点を正しく使うことを教える。
38	おばあさん 韻律の楽しさを味わわせ、詩特有の表現に慣れさせ、詩への興味を起こさせる。
39 ~ 43	うきざ日記 前巻きうりの日記（植物）からうきざの日記（動物）に進んだもので、動物飼育の楽しさを読みとらせ、日記をつける興味を起こさせる。観察の細かいところ、愛着の表われているところなどを注意させたい。進んで動物飼育への興味を持たせたい。
44 ~ 45	ゆりかごの うた 子供らしい子守歌を楽しく読ませる。何回も読ませて情感を味わわせる。
46 ~ 47	お話を きく ときは。本を 読む ときは。お話をきくときの態度。本を読むときの態度を指導する。箇条書きの文に慣れさせる。
48 ~ 53	しょくぶつえん 全文を読んで、場面を考えさせ、植物の知識を深め植物に親しみを持たせる。身の植物を研究する態度を養いたい。
54 ~ 57	つづいて 思ひ出す ことば 連想によって次々に名詞を想起させて語いをふやし、連想の能力を高める。
58 ~ 62	くつ先生 ブラジルに多い十二指勝虫症の知識と、予防法を教える。
63 ~ 64	お話を する ときは。文を 書く ときは。話をするときと文を書くときの態度を教える。話し方、作文の実習をさせる。
65 ~ 67	見た ことや した こと 短い文を書く練習をさせる。教室やへやの中など場所を限って、取材させる。気軽に書きとめる態度を養いたい。
68 ~ 71	フェイラ フェイラは買物の場として親しみやすいものである。そのフェイラの情景を読みとらせ、店の種類、品物の名を教える。
72 ~ 73	ことばさがし 興味あるクイズ遊び。箇条書きの文を理解させ、クイズを考えさせる。他のクイズを持ちよったり、作ったりして発展させる。
74 ~ 82	しかと オンサ 長文読解の能力を高め、朗読と、黙読の仕方を教える。文段に区切って内容をまとめさせる。紙芝居・劇などに発展させたい。
83 ~ 87	アイウエオの 語 物語の中でかたかな清音とあいうえお表を的確に覚えさせる。全文を読み通したあと、全体をまとめて話させる。
88 ~ 90	いろはがらた ニッポンゴ(1)のかるたを一步進めたもので、かるたの作り方を理解し（名詞・形容詞・動詞・副詞の使い方）実際に作らせる。
91 ~ 104	かぐやひめ 古くから親しまれている「竹取物語」をこの学年の児童向きになおしたもので、長い物語を読み通し、内容を確実につかませる。「おきな」「ふところ」「かご」「たからもの」「ひょうばん」「みやこ」「どのさま」「十五夜」「けらい」「まもる」「すきま」「天人」「目はくらみ」などは理解しにくいことばで、補足して教える。

ANEXO P – LIVRO 1, P.88

文字 かたかなの清音を先に提出し、濁音や助詞の「ハ」「ヘ」、拗音、促音はそのかなの後に提出してあります。これらのかたかなとともに、字形のやさしい漢字24字を提出しておきました。

Escrita : Apresentamos em primeiro lugar os *sei-on*, ou *letras de sons surdos*, e em *katakana*, os *daku-on* as de sons sonoros, além das partículas *ハ wa* e *ヘ e*. Seguiram-se as letras de sons contraídos e a representação da sílaba ejetiva. E, junto com essas letras em *katakana*, apresentamos 24 ideogramas de construções simples.

ANEXO Q – LIVRO 2, P 88

漢字は、字形の難易、必要度などを考え、新出二十八字、読みかえ九字を出しました。
又言葉の提出については、標準語の理解と、使用の力をつけるよう考慮しました。

Considerando a dificuldade e a necessidade dos ideogramas, apresentamos 28 novos caracteres, sendo 9 com leituras diversas das anteriores. Em se tratando da apresentação das palavras, buscamos a compreensão da língua padrão e a capacidade de utilizá-la.

ANEXO R – LIVRO 3, P. 112

文字と言葉 漢字は日本の現行教科書より少し多く出しております。新出七十三
字、読替七字、語法教材として「ことばあそび」などを掲げました。

Letras e palavras: usamos ideogramas em quantidade um pouco maior que os livros didáticos atuais do Japão. São 73 caracteres novos, sendo 7 deles com 'leituras' diversas dos livros anteriores, e como assunto de gramática, utilizamos textos chamados *kotoba asobi* ou jogos de palavras.

ANEXO S – LIVRO 4, P.112

文字新出六十五字。読替十九字

Escrita 65 novos e 19 de leituras diferentes das anteriores.